UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

Dissertação

O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO. NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS

Cristiane Dittgen Miritz

Pelotas, 2024

Cristiane Dittgen Miritz

O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO, NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

M675p Miritz, Cristiane Dittgen

O patrimônio cultural edificado e sua preservação, novos usos para velhas formas [recurso eletrônico] : o caso da UFPel em Pelotas, RS / Cristiane Dittgen Miritz ; Sidney Gonçalves Vieira, orientador. — Pelotas, 2024.
127 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Universidade Federal de Pelotas. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio industrial. 4. Preservação. 5. Novos usos. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD 363.69

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO, NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Mestra.

Data da Banca de Defesa: 13/09/2024

Integrantes da banca examinadora:

Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira (Orientador e presidente da banca)
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon (Examinadora Interna PPGMP/UFPel)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Rocha (Examinador Externo PROGRAU/UFPel)
Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Dedico este trabalho a todos os autores das muitas obras que consultei e a todos os participantes desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

“Gratidão Universo pela vida”;

Agradeço à minha família, principalmente aos meus pais, Ruy Carlos Miritz (*in memorian*) e Irene E. Dittgen, à minha filha, Aline Miritz e Silva, ao meu esposo, Jesus Leopoldo Silva, e aos meus irmãos, José Carlos, Luiz Alfredo e Luciane, pelo apoio, incentivo, motivação e compreensão, e a todos os meus antepassados, graças a eles estou aqui, serei eternamente grata;

Ao Prof. Dr. Eduardo Grala da Cunha e à Profa. Dra. Célia Castro Gonsales, assim como aos colegas de trabalho que se multiplicaram para me ajudar, Róger Chalmes Braga, Renata Silva de Garcia, Neusa Maria Prisco Gasque, Diego Pacheco Nogueira, eu agradeço pelo apoio;

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade de desenvolvimento de mais uma etapa da minha vida acadêmica, contribuindo cientificamente em uma universidade pública e de qualidade, sou grata;

Ao professor Sidney Gonçalves Vieira, com sua incomparável gentileza ao ensinar, agradeço pelas orientações e sabedoria compartilhada. Além do meu agradecimento, fica a minha admiração;

À banca examinadora, Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon, Profa. Dra. Ana María Sosa González e Prof. Dr. Eduardo Rocha, por disponibilizarem seu tempo e conhecimento contribuindo para o enriquecimento desta dissertação, eu agradeço;

A todos os professores e colegas de curso, pelos excelentes momentos de convívio, agradeço;

Aos laços de amizade formados com Ana Paula de Andrea Dametto, Janice Jara Conceição Dutra, Cristiane Grequi Cardoso, Laiana Pereira da Silveira que acrescentaram luminosidade a esta caminhada, gratidão;

Quanto ao VIVIDO no novo uso, agradeço aos que, por terem gentilmente cedido seu tempo e se disponibilizaram a participar das entrevistas. Agradeço a todos;

A todos os participantes desta pesquisa, pela possibilidade de materialização deste trabalho, agradeço.

Ao terapeuta holístico naturopata Josadaque Conceição, que muito me ajudou com minha saúde em geral, agradeço.

Fonte: Prof. Joaquim Dias, 2015 [1]

"...verificaremos que por destino as águas do Canal São Gonçalo
refletem cada traço da cidade,
assim como todos os gestos de cada um de seus habitantes.
Combinação observada pela transformação das águas em lágrimas,
as mesmas águas que vertem das paredes das casas
durante os frios e úmidos invernos.
Porém, como a literatura ainda nos informa,
o espelho pode aumentar o valor das coisas ou até anulá-las,
mas neste caso, talvez ainda reste dizer que
olhar para a cidade de Pelotas e a outra cidade
espelhada pelo Canal São Gonçalo,
implica em reconhecer que é na profundidade das imagens de sonho
(e de contemplação) que a cidade pela água olha a terra,
olha o tempo e através desse singular movimento revela aquilo
que nossos olhos foram, são, ou quem sabe ainda, um dia serão."

Denise Marcos Bussoletti[2]

[1] http://professorjoaquimdias.blogspot.com/2015/07/canal-sao-goncalo.html

[2] https://wp.ufpel.edu.br/patrimonio/intervencoes/

Resumo

A presente pesquisa versa sobre a preservação do patrimônio cultural e, em especial, o patrimônio industrial, em relação à valorização, a partir dos novos usos. Nesse sentido, aborda a problematização da reutilização, por parte de pessoas que precisam se adaptar à preexistência, do patrimônio edificado e da importância da preservação do que restou dessas edificações para se evitar o apagamento devido ao descompasso ao longo do tempo em relação à sua origem. De um lado, refere-se à importância de estudos sobre a preservação e a salvaguarda do patrimônio cultural edificado que, apesar do seu importante significado material e social, muitas vezes é negligenciado devido à falta de compreensão acerca do seu valor e de incentivos à sua conservação. Por outro lado, observa-se a ocorrência de uma metamorfose ocorrida nesse espaço e que levou esse patrimônio edificado a se tornar uma universidade, por meio do uso do espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares. O objetivo principal da pesquisa refere-se às mudanças ocorridas no espaço ao longo do tempo, além de ampliar a reflexão e a discussão sobre o uso dos espaços ociosos da cidade ao verificar as transformações realizadas nos prédios para sua adaptação à função institucional. Para analisar esses processos contraditórios, utilizou-se a dialética a partir da percepção fenomenológica da realidade, caracterizada pela crítica relacional da análise do espaço e de seus elementos, partindo dos conceitos de Santos (1996) acerca dos elementos do espaço: forma, função, estrutura e processo, este trabalho estabelece uma relação com a dialética de Lefebvre (2013) para entender o espaço social dentro da tríade das dimensões do espaço concebido, percebido e vivido. Pela análise dialética das consequências dessas metamorfoses, verificaram-se as transformações sociais causadas pelas rupturas e permanências geradas pela reprodução dos espaços. Quanto ao método de investigação, foi adotado um estudo de caso, qualitativo, com embasamento teórico e documental. Como procedimento metodológico, realizaram-se entrevistas através do método *walkthrough* com a comunidade da UFPel, servidores docentes, técnico-administrativos, trabalhadores terceirizados, discentes e o público externo, de cinco unidades da UFPel, para compreender de que maneira os novos usos se relacionam com esse patrimônio e, avaliar sua proteção, e se o seu uso como ambiente de ensino se adequa à finalidade, para entender a singularidade dos espaços a partir da subjetividade dos usuários. Os resultados encontrados sugerem soluções mais adequadas e inclusivas que atendam às necessidades e aos anseios dos habitantes. No entanto, os desafios ao patrimônio cultural edificado em relação a refuncionalização de áreas obsoletas deveria levar a uma revitalização da memória e da sua história, mesmo que esses lugares estejam sendo utilizados para novas funções em decorrência das necessidades que surgiram no transcorrer do tempo, ao considerar o espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares, que agora contam uma nova história. Portanto, é fundamental transmitir esse conhecimento às futuras gerações, evitando que se percam histórias significativas e o sentido para os cidadãos que compartilham do seu entorno.

Palavras-Chave: Universidade Federal de Pelotas. Patrimônio Cultural. Patrimônio Industrial. Preservação. Novos Usos.

Resumen

Esta investigación aborda la conservación del patrimonio cultural y, en particular, del patrimonio industrial, en relación con su valorización, mediante nuevos usos. En este sentido, aborda la problemática de la reutilización del patrimonio edificado por parte de las personas que necesitan adaptarse a su preexistencia y la importancia de preservar lo que queda de estos edificios para evitar que sean borrados debido al desajuste en el tiempo en relación con su origen. Por un lado, se hace referencia a la importancia de los estudios sobre la preservación y salvaguardia del patrimonio cultural construido que, a pesar de su importante significado material y social, a menudo se descuida debido a la falta de comprensión de su valor y de incentivos para su conservación. Por otro lado, se ha producido una metamorfosis de este espacio, que lo ha llevado a convertirse en universidad, mediante el uso del espacio como dimensión de la experiencia humana de los lugares. El objetivo principal de la investigación es analizar los cambios ocurridos en el espacio a lo largo del tiempo, así como ampliar la reflexión y la discusión sobre el uso de los espacios ociosos en la ciudad, verificando las transformaciones ocurridas en los edificios para adecuarlos a su función institucional. Para analizar estos procesos contradictorios, se utilizó la dialéctica a partir de la percepción fenomenológica de la realidad, caracterizada por la crítica relacional del análisis del espacio y sus elementos, a partir de los conceptos de Santos (1996) sobre los elementos del espacio: forma, función, estructura y proceso. Este trabajo establece una relación con la dialéctica de Lefebvre (2013) para comprender el espacio social dentro de la tríada de las dimensiones del espacio concebido, percibido y vivido. Analizando dialécticamente las consecuencias de esas metamorfosis, se verificaron las transformaciones sociales provocadas por las rupturas y continuidades generadas por la reproducción de los espacios. El método de investigación adoptado fue un estudio de caso cualitativo con base teórica y documental. Como procedimiento metodológico, se realizaron entrevistas mediante el método de recorrido con la comunidad de la UFPel, personal docente, personal técnico-administrativo, trabajadores tercerizados, estudiantes y público externo, de cinco unidades de la UFPel, para comprender cómo los nuevos usos se relacionan con este patrimonio y evaluar su protección, y si su uso como ambiente de enseñanza es adecuado, para entender la singularidad de los espacios desde la subjetividad de los usuarios. Los resultados sugieren soluciones más adecuadas e integradoras que satisfagan las necesidades y deseos de los habitantes. Sin embargo, los retos que se plantean al patrimonio cultural construido en relación con la refuncionalización de espacios obsoletos deben conducir a una revitalización de su memoria y su historia, aunque estos lugares se estén utilizando para nuevas funciones como resultado de las necesidades surgidas con el paso del tiempo, al considerar el espacio como una dimensión de la experiencia humana de los lugares, que ahora cuentan una nueva historia. Por tanto, es esencial transmitir este conocimiento a las generaciones futuras, evitando que se pierdan historias y significados significativos para los ciudadanos que comparten su entorno.

Palabras clave: Universidad Federal de Pelotas. Patrimonio Cultural. Patrimonio industrial. Preservación. Nuevos Usos.

Siglas e abreviaturas

BCS - Biblioteca de Ciências Sociais;
CCHS - Centro de Ciências Humanas e Sociais;
CEng - Centro de Engenharias
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;
COSULÃ - Cooperativa Regional Sudeste dos Produtores de Lãs Ltda.
CEHUS - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem;
FAUrb - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios;
IPHAN - Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
NEAB - Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira;
PPGMSPC - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural;
PROGRAU - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo;
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
SECULT - Secretaria Municipal de Cultura;
TAE - Técnico Administrativo em Educação
TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
UFPel - Universidade Federal de Pelotas;
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura;
ZPPCs - Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa de localização de Pelotas no Brasil e no Rio Grande do Sul 24
Figura 2: Escola de Agronomia Eliseu Maciel 25
Figura 3: Theatro Sete de Abril 25
Figura 4: Bairro Balsa Pelotas 26
Figura 5: Localização de algumas unidades da UFPel 46
Figura 6: Universidades que reutilizam o patrimônio edificado para o ensino 48
Figura 7: Antigo Frigorífico Anglo 58
Figura 8: Campus Anglo UFPel 58
Figura 9: Campus Anglo UFPel: paliteiro e chaminé semidemolida 62
Figura 10: Registro fotográfico - *Walkthrough* Campus Anglo/UFPel 68
Figura 11: Antiga Cosulã 69
Figura 12: Campus CCHS/UFPel 69
Figura 13: Registro fotográfico - *Walkthrough* Campus CCHS/UFPel 75
Figura 14: Antigo Moinho Santista 76
Figura 15: Biblioteca e CEHUS 76
Figura 16: Registro fotográfico - *Walkthrough* BCS – CEHUS 79
Figura 17: Cotada 80
Figura 18: Cotada CEng/UFPel 80
Figura 19: Registro fotográfico - *Walkthrough* prédio da Cotada CEng/UFPel 86
Figura 20: Alfândega Aduaneira 87
Figura 21: Alfândega CEng/UFPel 87
Figura 22: Antigo Mercado Regional do Porto - Pelotas, década de 1920 88
Figura 23: Registro fotográfico - *Walkthrough* prédio da Alfândega CEng/UFPel ... 93

Lista de Quadros

Quadro 1: Desenvolvimento de documentos internacionais 34
Quadro 2: Desenvolvimento de documentos nacionais 36
Quadro 3: Desenvolvimento de documentos municipais 37
Quadro 4: Walkthrough realizado no Anglo/UFPel 66
Quadro 5: Walkthrough realizado no CCHS/UFPel 74
Quadro 6: Walkthrough realizado no prédio BCS-CEHUS - Dança e Teatro/UFPel 78
Quadro 7: Walkthrough realizado no prédio da Cotada CEng/UFPel 85
Quadro 8: Walkthrough realizado no prédio da Alfândega CEng/UFPel 92
Quadro 9: Demonstrativo de períodos de permanências e rupturas 96
Quadro 10: Dimensões do espaço concebido 96
Quadro 11: Dimensões do espaço percebido 97
Quadro 12: Dimensões do espaço vivido 97

Sumário

CAPÍTULO I 14
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14
1.1 A ESCOLHA DO TEMA 15
1.2 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA 16
1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA 17
1.4 OBJETIVOS 18
1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 19
1.6 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA 21

CAPÍTULO II 23
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO 23
2.1 PATRIMÔNIO EDIFICADO DE PELOTAS 23
2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA PRESERVAÇÃO 28
2.2.1 Patrimônio Industrial 30
2.3 DIRETRIZES PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL 34
2.4 PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA VALORIZAÇÃO A PARTIR DOS NOVOS USOS 39

CAPÍTULO III 46
3 NOVOS USOS DO PATRIMÔNIO: O CASO DA UFPEL 46
3.1 PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E ORGANIZACIONAL DA UFPEL 49
3.2 ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E SEUS ELEMENTOS 522
3.3 A DIALÉTICA TRIÁDICA NAS DIMENSÕES DO ESPAÇO 53
3.4 OS EDIFÍCIOS DA UFPEL E AS DIFERENTES DIMENSÕES DO ESPAÇO . 57
3.4.1 Anglo / Campus da UFPel 57
3.4.2 Cosulã / Campus de Ciências Humanas e Sociais/UFPel 69
3.4.3 Santista / (BCS/UFPel) e (CEHUS/UFPel). 76
3.4.4 Cotada / Centro das Engenharias (CEng/UFPel) 80
3.5.5 Alfândega / Centro das Engenharias (CEng/UFPel) 87
3.5 DECOMPONDO O REAL: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES 94

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 98

REFERÊNCIAS 103

APÊNDICE A – Protocolo de Observação 112
APÊNDICE B – Questionário 124
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido 126
APÊNDICE D – Nuvem de palavras 128

CAPÍTULO I

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho trata de questões relativas à preservação do patrimônio cultural edificado e à sua relação com seus novos usos. Aborda, desse modo, as transformações ocorridas nos espaços ao longo do tempo. A cidade de Pelotas se destaca pela quantidade de edificações remanescentes dos séculos XIX e XX, testemunhas de um período marcado por mudanças sociais e urbanas. Algumas dessas edificações estão, atualmente, sendo reutilizadas e adaptadas a novos usos necessários à sociedade contemporânea.

Diante do valor do legado arquitetônico deixado pelas gerações passadas, este trabalho se esforça por compreender a metamorfose ocorrida, analisando as permanências e rupturas nos diferentes usos que se sucederam nesses espaços vivos, concebidos para outros fins. Desse modo, é possível verificar que a reutilização do patrimônio cultural edificado acaba por explicitar as intenções dos envolvidos, sujeitas a condicionantes impostas pela realidade preexistente. O estudo de caso desta pesquisa aponta para uma alternativa de uso desses espaços ociosos.

Esta dissertação investigou o patrimônio cultural edificado e a sua preservação, das velhas formas para os novos usos, pelo estudo do caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada no município de Pelotas–RS. Sua atenção recai sobre cinco edificações que apresentam reconversão de usos: seus fins atuais diferem dos originais. A investigação foi delineada em várias etapas, iniciada pela obtenção de dados históricos, realizada por meio da consulta bibliográfica, que aborda de forma sucinta acerca do enquadramento histórico das edificações, isto é, os principais pilares que caracterizam o seu desenvolvimento e seus diferentes níveis de interpretação. Esses conteúdos servem como uma contextualização concisa, útil aos leitores que não estão familiarizados com a temática proposta.

Passa-se, então, ao estudo das cinco edificações escolhidas. Esse estudo é composto por um amplo registro fotográfico do interior e do exterior das edificações e da análise das alterações espaciais mais evidentes, realizada por meio de uma comparação com os projetos originais. O trabalho também aborda a transcrição de entrevistas que permitem uma contextualização da vivência nos locais estudados no trabalho de campo. Desse modo, possibilitou-se alcançar os resultados que

constituem a conclusão da investigação, demonstrando o que realmente permanece nesses patrimônios e se seu novo uso é adequado.

1.1 A ESCOLHA DO TEMA

O tema desta pesquisa se refere à preservação do patrimônio cultural e à sua valorização, a partir dos novos usos, neste caso para o uso da educação institucional, estabelecendo-se, assim, dois eixos principais. O primeiro, corresponde ao reconhecimento da importância dos estudos sobre e a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural edificado, que, apesar do importante significado material e social, muitas vezes acaba sendo negligenciado devido a não compreensão do seu valor e à falta de incentivos à sua conservação. O segundo eixo consiste na observação da ocorrência de uma metamorfose ocorrida nesse espaço, transformando esse patrimônio edificado em uma universidade, algo possibilitado pelo uso do espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares.

Esta pesquisa foi fruto das relações estabelecidas com a cidade de Pelotas, cidade natal da autora que, ao ingressar como servidora técnico-administrativa da UFPel, se deparou com o desafio de trabalhar nesses lugares, requalificados como marcas urbanas, até então pouco conhecidas. O despertar para o estudo do patrimônio cultural da cidade aconteceu, em parte, por conta da curiosidade que o tema desperta e em parte pelo misto de sensações que invade a todos que percorrem essas edificações que revelam seu tempo por meio de suas estruturas.

A escolha do tema de pesquisa surgiu a partir da observação da arquitetura vivida de Pelotas, de espaços que permanecem, se transformam e são reutilizados. A pesquisa problematiza a reutilização do patrimônio edificado, e como as pessoas que usam esses espaços precisam se adaptar à sua preexistência, bem como compreender a importância de se preservar o que restou de original nessas edificações para se evitar o apagamento devido ao descompasso ao longo do tempo em relação a sua origem. Assim, ao explorar as relações entre passado e presente, este trabalho propõe um diálogo entre a história e as necessidades contemporâneas, para a construção de um futuro sustentável e respeitoso com o legado deixado por nossos antecessores.

1.2 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA

Considerando-se que o patrimônio cultural edificado de Pelotas reflete o passado histórico da cidade, surge a problemática das possibilidades de uso proporcionadas por esses espaços. Por isso, neste trabalho buscou-se responder às seguintes perguntas:

1. A recuperação desse patrimônio cultural pela UFPel, contribuirá para a modificação da fisionomia da cidade?

A cidade de Pelotas, principalmente no bairro Porto, conta com muitos prédios, que representaram uma época de desenvolvimento econômico do município, e que acabaram abandonados e em ruínas. Alguns desses patrimônios foram adquiridos e começam a ganhar nova vida, sendo agora destinados à academia. A presente pesquisa analisou como essas transformações do ambiente urbano se verificam nas dimensões sociais do espaço concebido, percebido e vivido, modificados ao longo do tempo.

2. Para se manter que identidade?

A pesquisa analisou as contradições existentes entre a manutenção das velhas formas como afirmação de uma identidade[3] original, e a reutilização das edificações. A primeira acontece pela valorização do patrimônio cultural, composto por bens tangíveis e intangíveis, que revela as peculiaridades do lugar e reflete os recursos materiais e imateriais a ele integrados, ao mesmo tempo, essa valorização reforça a identidade local e estimula nos cidadãos a identificação com a cidade. A segunda diz respeito à reutilização das edificações, onde novos usos nesses espaços fazem com que outra identidade se sobreponha.

3. As intervenções realizadas permitirão conciliar história e tradição com inovação, modernidade, desenvolvimento e uma mais-valia para a UFPel e para a cidade diante das dificuldades de investimentos?

No estudo de caso e nas entrevistas realizadas, foram analisadas questões existentes entre a preservação da história e da tradição com o anseio por inovação, modernidade, desenvolvimento e uma mais-valia para UFPel e para a cidade. Esse

[3] A identidade é construída por um conjunto de narrativas e representações que refletem a cultura, a história e as experiências sociais de um grupo, conferindo-lhe um sentido. No contexto físico e social, a identidade é frequentemente ligada a localizações geográficas e comunitárias. A identidade de uma imagem e sua filiação a uma estrutura e suas formas é um reflexo não só de como os indivíduos se percebem, mas também de como são percebidos pela sociedade, levando em conta as dinâmicas de poder (Castells, 1942, p. 264).

embate acontece em um contexto de dificuldades ocasionadas pela falta de recursos destinados à realização das intervenções necessárias para conservação e adaptação aos novos usos. Dentre tais intervenções, inclui-se o cumprimento de exigências legislativas, o emprego de novas técnicas viabilizadoras de acessibilidade e medidas de prevenção de incêndios.

4. Quais os pontos positivos e negativos que as pessoas percebem nesses lugares?

A partir das entrevistas realizadas nesta pesquisa e das análises participativas realizadas nos locais deste estudo, foram averiguados os pontos positivos e negativos no uso efetivo dos prédios reutilizados para o ensino pela UFPel.

5. Os novos usos estão conflitantes ou não com a preservação do patrimônio?

Nesse sentido, foi feita uma análise crítica, focada na percepção da realidade, das contradições existentes entre a preservação do patrimônio que foi construído para uma finalidade, ficou em desuso e atualmente se encontra adaptado ao novo uso institucional.

6. De que forma a reabilitação do patrimônio pode proporcionar uma coesão social, em área socialmente fragmentada?

O estudo ressalta as mudanças sociais através da análise das permanências e rupturas entre diferentes elementos. Refletiu-se sobre o confronto entre os elementos das dimensões do espaço social. Para tanto, abordaram-se os conflitos de usos causadores de impactos sociais e econômicos, transformadores da morfologia urbana pela modificação da forma como as pessoas interagem com o meio.

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa na UFPel decorre do envolvimento e do uso dos espaços pesquisados por parte da autora. Entregues as obras à comunidade acadêmica, o número de usuários das edificações cresceu significativamente, algo esperado e confirmado pelo tempo. No entanto, como a quantidade de pessoas que ocupa o lugar não é estática, a própria autora, já o tem frequentado, como servidora técnica administrativa da UFPel. Saber quais as avaliações e percepções dos usuários sobre o lugar, a partir dos novos usos para as velhas formas representadas pelo patrimônio cultural edificado, para a pesquisa será

de grande valia para posterior proposição de ações diante as vicissitudes, para o reconhecimento, valorização e melhor adaptação aos novos usos desses lugares.

Quanto a isso, Aragão e Neta, ensinam:

> Os autores que sustentarão o teor acadêmico de um trabalho de pesquisa revelarão em tempo a visão de mundo do pesquisador considerando processos ideológicos que podem ser constatados no teor do seu discurso escrito. Estamos falando da identidade ideológica do autor, do seu pertencimento, da sua organicidade e do seu compromisso com o social (Aragão; Neta, 2017, p. 18).

Quanto à relevância do tema proposto, pode-se embasá-la na importância tanto da preservação quanto do novo uso das edificações para a cidade. Soma-se a isso a necessidade de se realizar uma análise das diretrizes de preservação existentes, sua aplicação ao patrimônio edificado, especialmente sobre aquele ocupado pela UFPel. Desta forma, é possível verificar se as intervenções preservam ou descaracterizam as edificações e o seu entorno, se preservam ou comprometem sua história e identidade.

Em diversos casos, por suas dimensões, o referido patrimônio constitui uma atração muito válida do ponto de vista cultural. Havendo finalidades sociais e econômicas, as adaptações aos novos usos evitam sua degradação e o apagamento, resultante de transformações ocorridas ao longo do tempo, decorrentes de diferentes interesses, necessidades e conflitos, atrelados à maneira como o poder público encara o abandono do patrimônio cultural da cidade, elemento determinante do estado de preservação de uma dada edificação. Quando se realiza uma intervenção ou transformação em uma determinada construção, muitas possibilidades surgem, não existem soluções prontas, pois cada caso patrimonial se revela único.

1.4 OBJETIVOS

A pesquisa investigou as soluções empregadas nas adaptações de edificações específicas de interesse histórico e cultural ocupadas pela UFPel. Essas requalificações provocam mudanças no espaço ao longo do tempo, de modo que, com o passar dos anos, esses edifícios podem apresentar múltiplas variações referentes ao uso do espaço/território.

Objetivo Geral

Analisar a reutilização do patrimônio cultural edificado, de interesse histórico e cultural preexistente, e ampliar a reflexão e a discussão sobre o uso dos espaços ociosos da cidade.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da pesquisa são:

a) Analisar, pela dialética, fundamentada por Lefebvre (2013), as metamorfoses ocorridas nas permanências e rupturas de diferentes elementos do espaço;

b) Identificar as diferentes dimensões do espaço social relacionadas à perspectiva do espaço concebido, percebido e vivido e da sua dinâmica em que se relacionam ao longo do tempo;

c) Verificar, à luz dos pressupostos teóricos adotados, as transformações ocorridas em prédios da Universidade Federal de Pelotas, tendo em vista a sua adaptação à função institucional.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O método de análise utilizado neste trabalho teve como princípio a dialética construída sobre uma percepção fenomenológica da realidade, caracterizada pela crítica relacional da análise do espaço e de seus elementos. Utilizou-se como base teórica as definições de Santos (1996) dos elementos do espaço: forma, função, estrutura e processo. Aplicou-se, então, a tal embasamento conceitual a dialética de Lefebvre (2013) para se chegar a uma compreensão do espaço social utilizando a tríade do espaço concebido, percebido e vivido.

O método de investigação consiste em um estudo de caso que observou as novas dimensões desenvolvidas sobre espaços que tinham outra função, mas que agora são utilizados para o ensino pela UFPel. Conforme Yin (2001), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2001, p. 32).

A possibilidade de utilizar várias fontes de evidência é um ponto forte dos estudos de caso (Yin, 2001). Esta investigação foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa com base teórica e documental, observação participante e análises fotográficas para demonstração e comparação.

Realizaram-se entrevistas com a comunidade da UFPel, servidores docentes e técnico-administrativos, trabalhadores terceirizados e discentes e o público externo. Através dessa investigação, pretende-se compreender como os novos usos se relacionam com esse patrimônio, para se avaliar se esse patrimônio edificado se encontra realmente protegido e se seu uso para o ensino está adequado.

Conforme os esclarecimentos de Godoy:

> A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada [...]. Adotando um enfoque exploratório e descritivo, o pesquisador que pretende desenvolver um estudo de caso deverá estar aberto às suas descobertas. Mesmo que inicie o trabalho a partir de algum esquema teórico, deverá se manter alerta aos novos elementos ou dimensões que poderão surgir no decorrer do trabalho (Godoy, 1995, p. 25).

Assim, produziu-se um instrumento de pesquisa identificado como protocolo de observação dos prédios analisados (Apêndice A). Utilizou-se, ainda, um *walkthrough* nas unidades pesquisadas. Método definido por Rheingantz, como:

> Método de análise que combina simultaneamente uma observação com uma entrevista, a *walkthrough* tem sido muito utilizada na avaliação de desempenho do ambiente construído e na programação arquitetônica. Possibilita a identificação descritiva dos aspectos negativos e positivos dos ambientes analisados. Segundo Preiser (in Baird et al 1995), em uma *walkthrough* os aspectos físicos servem para articular as reações dos participantes em relação ao ambiente. O percurso dialogado abrangendo todos os ambientes, complementado por fotografias, croquis gerais e gravação de áudio e de vídeo, possibilita que os observadores se familiarizem com a edificação, com sua construção, com seu estado de conservação e com seus usos. (Rheingantz, 2009, p. 23).

Por fim, a realização de entrevistas semiestruturadas, com ênfase da relação pesquisador-pesquisado, que permite uma maior flexibilidade na geração de dados por parte do entrevistado e na atuação do pesquisador de modo consciente ao longo do processo de pesquisa, soma-se a observação participante que inclui a elaboração de uma coleção fotográfica, Candau (2019) explica que uma das razões para o sucesso da prática da fotografia, chamada por ele de arte da memória, se deu devido a sua permissão de “representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem. Mantendo com seu passado tantos elos quanto fotos em seu álbum, o sujeito faz da fotografia o suporte de uma narrativa possível” (Candau, 2019, p. 90).

O método escolhido para a pesquisa, consiste na coleta de informações por meio de entrevistas, de descrição do conteúdo das mensagens para se chegar a conhecer algo sobre a utilização desses espaços. As entrevistas gravadas foram transcritas digitalmente, seu conteúdo, considerado como fonte de informação, foram selecionados os trechos mais adequados para análise. A elaboração das entrevistas previu a formulação de perguntas que direcionassem os entrevistados aos objetivos previstos (Apêndice B), mas sem impedir a existência de uma liberdade capaz de levar a outras descobertas inesperadas. Os entrevistados permitiram o uso das informações coletadas através da assinatura do Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido (Apêndice C), a seleção intencional dos informantes qualificados. Conforme Heidtmann Junior:

> O discurso adquire grande valor de representação pois pode agregar uma dimensão narrativa que a imagem não pode contar. O discurso autoriza a existência de continuidades temporais na imagem além de conectar a produção arquitetônica ao pensamento, ao espírito do tempo, às problemáticas sociais e culturais vigentes e/ou com intenção de serem retomadas (Heidtmann Junior, 2007, p. 97).

Foram realizadas entrevistas e o *walkthrough* nas unidades com sete Docentes, onze Discentes, dez TAE, dois Trabalhadores terceirizados e seis pessoas do público externo, entre os anos de 2023 e 2024, seguindo a técnica de “bola de neve”. Produziram-se, assim, 36 entrevistas em formato de áudio e fotografias. Para fazer uso de todas as informações prestadas, sem quaisquer restrições, optou-se pelo emprego do anonimato, atribuiu-se uma identificação numérica aleatória aos participantes.

A exposição da pesquisa segue a lógica dialética prevista no método proposto por Lefebvre (2013), de análise das dimensões do espaço concebido, percebido e vivido, para cada um dos prédios analisados, em cada um dos seus momentos distintos: sua origem, seu desuso e seu reuso.

1.6 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O desenvolvimento do estudo de caso passou por uma etapa prévia de seleção de amostras, em que foram selecionados os patrimônios edificados mais compatíveis com os seus objetivos e com base critérios de relevância em seu contexto urbano em relação ao caráter do patrimônio edificado original e de relevância social e/ou cultural da atividade que caracteriza seu uso.

A UFPel possui cerca de 19 unidades espalhadas pela cidade de Pelotas e 8 unidades localizadas no Campus Capão do Leão[4]. Nesta dissertação, foram selecionadas 5 unidades de Pelotas, pois essas atualmente estão sendo utilizadas para o ensino, mas originalmente tinham outra função:

I) Antigo Frigorífico Anglo, atual Campus Anglo/UFPel;

II) Antiga Cosulã (Cooperativa Regional Sudeste dos Produtores de Lãs Ltda.), atual Campus de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)/UFPel;

III) O prédio onde a Santista realizava suas atividades, atual Biblioteca de Ciências Sociais (BCS) e o Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS)/UFPel;

IV) Antiga fábrica de massas e biscoitos Cotada, atual Centro de Engenharias (CEng)/UFPel;

V) Antiga Alfândega aduaneira, atual Centro de Engenharias (CEng)/UFPel.

Após a realização do estudo histórico desses locais, foram feitas as visitas, realizou-se observação da realidade, o *walkthrough,* as entrevistas com um levantamento fotográfico, foram feitos também registros fotográficos atuais, observando as fotos antigas, utilizando-se o mesmo ângulo, para uma comparação mais visual.

[4] Dados disponíveis em https://wp.ufpel.edu.br/mundoufpel/2023/04/17/mapa-das-unidades-e-cursos/ Acesso em 30 abr. 2024.

CAPÍTULO II

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO

Inicialmente foi descrito um ensaio versando sobre a cidade de Pelotas, posteriormente foram citados os fundamentos e a evolução dos principais conceitos a respeito do patrimônio cultural e da sua preservação, em seguida apresentou-se um breve histórico das diretrizes de preservação. A seguir, há uma demonstração de uma pesquisa sobre as produções acadêmicas publicadas com as palavras-chave: “novos usos”, “reuso” e “requalificação do patrimônio cultural”, almejando a realização de uma verificação de como acontece a valorização do patrimônio a partir de novos usos relacionados aos conceitos de patrimônio cultural e sua preservação.

No capítulo III, então, torna-se possível discutir de que forma o processo de modernização administrativa e organizacional da Universidade Federal de Pelotas/UFPel se relaciona com os novos usos dessas velhas formas. Foi utilizando-se como base de análise os conceitos de Santos (1996) e a dialética de Lefebvre (2013) para, desse modo, realizar a discussão sobre a preservação do patrimônio cultural edificado em relação aos novos usos para velhas formas: o caso do patrimônio cultural da cidade utilizado para o ensino pela UFPel.

2.1 PATRIMÔNIO EDIFICADO DE PELOTAS

Cabe destacar que a cidade de Pelotas, é um município da região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e que encontra suas origens às margens do Canal São Gonçalo – que liga a Lagoa dos Patos e Mirim - e do Arroio Pelotas[5]. Possui área de 1.610 km² e população, conforme estimativas do IBGE de 2022, de cerca de 325 685 habitantes. Pelotas possui um local geográfico único, com história e geografia próprias, tendo suas origens marcadas por conflitos entre portugueses e espanhóis há alguns séculos.

Fundada em 1835, possui o cognome de “Princesa do Sul”[6] em seu brasão. O desenvolvimento da economia resultante das atividades industrial, agropastoril e de

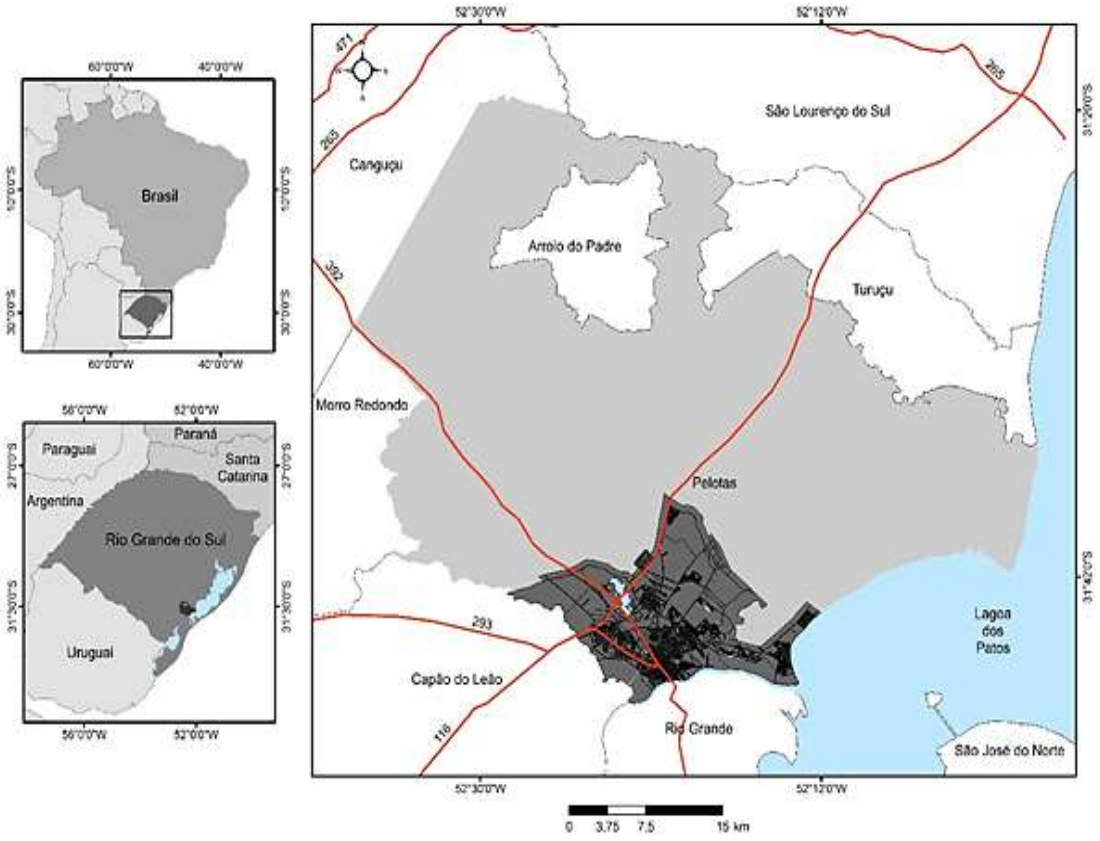
[5] O nome “Pelotas”, conforme esclarece Lopes Neto (1994), teve origem nas travessias do arroio feitas em embarcações construídas com varas de corticeira forradas de couro, arrastadas a nado puxado por um índio e – no período da escravidão – por um escravo, na época das charqueadas, dando nome ao arroio e depois a cidade.

[6] Conforme Magalhães, Mário Osório, esclarece no Dicionário de História de Pelotas, o epíteto como sendo um produto do imaginário social consagrado desde 1863 (2017, p. 228)

serviços ocorrido no final do século XIX e no início do século XX atraiu imigrantes europeus e do oriente médio, que contribuíram significativamente para o crescimento econômico e da cultura locais. Hoje, a cidade de Pelotas possui o título de Capital Nacional do Doce[7] e possui muitos casarões antigos. Como nos mostra Vieira:

> O espaço urbano pelotense reproduz as relações da sociedade capitalista, especializa tais relações, ao mesmo tempo que produz um imaginário nostálgico, que remonta a uma época de pujança econômica, quase que impondo um comportamento de acordo com aquela realidade. Deste modo, convém conhecer Pelotas por sua história, a das relações sociais que produziram o espaço urbano atual, que é também condição para a reprodução (Vieira, 2005, p. 93).

Figura 1 - Localização do município de Pelotas no Brasil e no Rio Grande do Sul.



Fonte: Elaborado por Allan Oliveira de Oliveira, com base no Mapa Urbano Básico, III Plano Diretor de Pelotas, 2008. In: Silva; Lihtnov; Vieira, 2018.

Entretanto, Pelotas era uma cidade onde “sustento do fausto da frondosa arquitetura dos palacetes e dos teatros era a crueldade e a desumanidade da

https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 07 ago. de 2024.

[7] Sobre a tradição doceira da região como patrimônio imaterial brasileiro, Cf.: Michelon, Francisca Ferreira; Leal, Noris Mara Pacheco. Nunes, Fernando Igansi / Orgs. Os doces sentidos: poesia, estudos, imagens, receitas. - Pelotas: Ed. dos autores, 2016. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6453/Doces_finos_pelotenses_tradicao_e_identidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 06 de maio de 2024.

escravidão das charqueadas", os "baronetes pelotenses" que possuíam a "cabeça na Europa e mãos na chibata" (Soares, 2000).

Atualmente, na cidade de Pelotas, constata-se uma mistura de realidades, pois possui edificações antigas, esquecidas, ao mesmo tempo, em que há as preservadas, além de edificações novas e modernas, algumas até já abandonadas. São imagens que se destacam em Pelotas, como, por exemplo, nas janelas duplas, de inspiração renascentista, do prédio da antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel (Figura 2). Foi construído em 1881, tombado por sua importância cultural, e tendo ao fundo o "esqueletão" uma obra gigante com 19 andares inacabados, que começou a ser construída em 1994 e está desde 2001 com as obras paralisadas por problemas financeiros[8].

Figura 2 – Antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel

Fonte: Acervo da autora, 2024

Figura 3: Theatro Sete de Abril

Fonte: Acervo da autora, 2024

Outro exemplo é o Theatro Sete de Abril (Figura 3), tido como um dos teatros mais antigos do Brasil e o primeiro do Rio Grande do Sul. Ele foi construído pela Sociedade Scênica de Arte Dramática, entre 1831 e 1834, decorado com esculturas de instrumentos musicais. "A edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1972 e municipalizada – mediante ato de desapropriação – em 1979"[9]. Atualmente, passa por restauro e resiste espremido por altos prédios modernos.

[8] Sobre o crescimento em investimentos imobiliários em desconexão com a realidade social do município de Pelotas, ver em notícia publicada no jornal: A Hora do Sul, disponível em https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/09/07/imoveis-desocupados-aumentam-160-em-12-anos-em-pelotas-e-rio-grande/ Publicado sábado, 07 de Setembro de 2024.

[9] Mais informações sobre o Theatro Sete de Abril em Pelotas na dissertação de mestrado

Além disso, os processos de industrialização e desindustrialização provocaram impactos socioeconômicos, transformando a morfologia urbana e alterando a forma de interação das pessoas com o meio. Nas antigas fábricas e armazéns que permanecem edificados, verifica-se a presença de antigos operários e moradores que fizeram parte da atividade industrial que ali existiu. Dessa forma, o patrimônio edificado e a memória social, que continuam presentes, sustentam o legado de um passado fabril responsável pelo desenvolvimento socioeconômico da cidade de Pelotas no fim do século XX. Nesse sentido, Vieira (2005) descreve bem o espaço gerado em Pelotas:

> Pelotas apresenta uma divisão sócio-espacial bastante nítida, que leva a contemplar a análise do espaço urbano em setores, como áreas distintas num mesmo espaço [...] facilmente reconhecidas por aqueles que lançam um olhar um pouco mais atento sobre o espaço urbano pelotense. O modelo econômico no qual se vive, tende a agravar as diferenciações existentes na cidade (Vieira, 2005, p. 221).

Figura 4 – Bairro Balsa de Pelotas

Fonte: Google maps, 2024

Na figura 4, evidencia-se a disparidade que reflete os efeitos desiguais. O bairro[10] da Balsa, por exemplo, um bairro desassistido, do ponto de vista urbano, que

desenvolvida por Braga, Natália Toralles dos Santos, intitulada Cinema, cidade e arquitetura: Pelotas/RS. PROGRAU/UFPel, 2023, p. 70 – 79. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/10947/Nat%c3%a1lia_Braga_Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 22 abr. 2024.

[10] Conforme o III Plano Diretor de Pelotas (Lei municipal n.º 5.502/2008), a divisão administrativa da área urbana é feita em Regiões Administrativas, comumente conhecida como bairro. A área correspondente à região da Balsa é uma subdivisão da Região Administrativa São Gonçalo, sendo, na realidade, uma mesorregião administrativa desta.

se formou no entorno fabril (do Frigorífico Anglo dentre outras fábricas dos arredores, como a de tecidos, cervejarias e o Moinho Pelotense…) onde essa população - oriunda de outros municípios e da zona rural – encontrava o emprego de que necessitava, levando ao surgimento de um espaço desproporcional, precário e vulnerável da vila operária, que, até hoje, anseia por soluções para seus problemas, que, no entanto "dificilmente poderão ser resolvidos em função da desorganização espacial e desnível territorial que existe no bairro, ocupado sem qualquer planejamento" (Janke, 2010).

> As empresas que tanto produziram e tanto lucraram na região pouco fizeram para manter as mínimas condições de vida de seus trabalhadores e vizinhos. E assim que os interesses econômicos não convêm mais, elas foram embora, deixando prédios abandonados que se tornaram perigosos para a população (Al-Alam, 2011, p. 13).

A cidade, como espaço social[11], é capaz de desenvolver-se segundo dinâmicas imprevisíveis, que levam em consideração uma lógica em devir, segundo as necessidades e condições variáveis ou longo do tempo. "A cidade como o lugar do possível" (Vieira, 2020, p. 277).

Os espaços urbano e arquitetônico refletem elementos da cultura que proporcionam referências e valores aos cidadãos. A universidade tem como missão "Promover a formação integral e permanente do profissional, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida, com a construção e o progresso da sociedade" (Universidade Federal de Pelotas, 2016). Nesse sentido, para Muller (2016, p.4) "a universidade é um local de produção e difusão de conhecimento e de valores da cultura". Além disso:

> A participação da UFPel na preservação do patrimônio cultural edificado de Pelotas contribui para o desenvolvimento do sentimento de identidade e de pertencimento da população pelotense, uma vez que muitos pelotenses participaram desses espaços/prédios enquanto empregados, no período em que foram frigoríficos, cervejarias, fábricas de massas e biscoitos, cooperativas de lã, bancos, etc. Assim, essas ações de preservação do patrimônio contribuem para a construção de identidades e da cidadania dos moradores de Pelotas (Muller, 2016, p. 3).

Essa breve descrição de Pelotas é importante para a compreensão da relação entre a UFPel e a sua envolvência urbana. Isso ocorre pela forma como se relaciona com a cidade, por ser uma Universidade dispersa que possui vários núcleos inseridos na malha urbana da cidade, dentro da ideia de reconquista do espaço para as

[11] Segundo Lefebvre, o espaço não é algo pronto, ele é produzido pelos seres humanos.

pessoas, pela necessidade de humanização da cidade com especial atenção aos aspectos sociais e ambientais.

2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA PRESERVAÇÃO

O conceito de patrimônio registra consideráveis alterações e alargamento em função de maior relevância do tema e de reflexões propiciadas por convenções, encontros, colóquios, e cartas patrimoniais dedicadas ao assunto, um conjunto de ações para se compreender o patrimônio, que têm evidenciado suas múltiplas relações com diversas outras vertentes da realidade histórica.

Choay (2006), define o patrimônio histórico dizendo que “a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade”. Em uma sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” remete a uma instituição e a uma mentalidade. Esse tema vem ao encontro do ponto de vista de Choay que afirma isto: “o patrimônio histórico requer um questionamento devido às ambiguidades e contradições que articulam e desarticulam dois mundos e duas visões de mundo”. Nesse sentido, o patrimônio histórico se “constitui num elemento revelador, negligenciado, mas brilhante de uma condição da sociedade” (Choay, 2006, p. 12).

O conceito de patrimônio cultural, defendido por Prats (1998, p.64), é “uma invenção, uma construção social a partir da capacidade de geração de discursos sobre a realidade”. Conforme o autor, faz-se necessária a invenção de um discurso prévio, com elementos, composição (contextualização) e significados definidos, o qual será legitimado através da assimilação desse discurso pela população (Prats, 1998). Para o autor, a arte da narrativa está em se saber transmitir o conhecimento, o verdadeiro patrimônio cultural que a humanidade pode conservar e transmitir. Em uma só palavra, o autor define o “conhecimento” como o verdadeiro patrimônio cultural que a humanidade é capaz de conservar e transmitir.

Davallon (2002) destaca que a condição de patrimônio de um objeto é uma construção social, é necessário que os valores que retratam a obrigação de guardar sejam compartilhados pelo grupo e que essa condição seja legítima e garantida. O desafio da abordagem é colocar em discussão a etapa de ruptura entre o mundo de origem dos objetos patrimoniais e o mundo do tempo presente.

Choay expõe sua preocupação com o desaparecimento, a demolição e a destruição do patrimônio histórico significativo, pois o aumento das práticas de conservação poderá resultar na destruição de seu objetivo, devido ao custo de manutenção, à inadequação aos usos atuais e à paralisação de outros grandes projetos de organização do espaço urbano – a dialética da destruição faz as novas edificações ocuparem o lugar das antigas (Choay, 2006, p. 15).

Cabe ressaltar o exposto por Calvino (1990) ao descrever a cidade fictícia de Maurília, a questão de preservar ou não preservar determinado bem cultural: “Na cidade de Maurília o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo, em que observa cartões postais antigos de como a cidade havia sido” (Calvino, 1990, p. 15). Através desse contrassenso, os cartões postais criam um clima saudosista, com a ideia de que no passado as coisas eram melhores. Mas, na prática, os moradores desejam que a cidade evolua, promovendo melhor qualidade de vida, demonstrando, assim, por meio dessa obra fictícia, o que acontece também na realidade da vida urbana.

Por um lado, os arquitetos invocam o direito à criação, querem marcar o espaço urbano, e os proprietários também reivindicam o direito de dispor de seus bens para deles tirar proveito. As vozes discordantes desses opositores ameaçam o patrimônio, mas não impedem um consenso em favor da conservação e da proteção, que são oficialmente defendidos em nome dos valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos, representados por esses patrimônios (Choay, 2006, p. 17). A autora acrescenta que há dificuldades relativas aos obstáculos que existem na organização dos espaços urbanos:

> […] opor as cidades do passado à cidade do presente não significa por isso querer conservar as primeiras. A história das doutrinas do urbanismo e das suas aplicações concretas não se confunde nunca com a invenção do patrimônio urbano histórico e da sua proteção. Contudo, as duas aventuras são solidárias. Quer o urbanismo se ocupe em destruir os conjuntos urbanos antigos, quer tente preservá-los, é ao tornar-se num obstáculo ao livre desenvolvimento de novas modalidades de organização do espaço urbano que as formações antigas adquiriram a sua identidade conceptual. A noção de patrimônio urbano histórico constitui-se na contracorrente do processo de urbanização dominante (Choay, 2006, p. 193).

Por isso, Choay descreve o seu desejo de colocar o patrimônio histórico no centro de uma reflexão sobre o destino das sociedades atuais, tentar avaliar as motivações que estão na base das condutas patrimoniais. Na medida em que o patrimônio histórico se tornou uma instituição planetária, a autora termina por convidar

todos os países a enfrentarem as mesmas interrogações e urgências (Choay, 2006, p. 28 - 29). Em relação à importância do patrimônio, Poulot ressalta:

> O patrimônio, que se tornou símbolo de elo social, está hoje em toda parte [...]. O imperativo de conservação da herança material e, de agora em diante, da imaterial, impõem-se, portanto, sem discussão nos países desenvolvidos, bem como no resto do mundo. A cada dia adquire um caráter mais geral e de obrigatoriedade (Poulot, 2012, p.27).

2.2.1 Patrimônio Industrial

As questões relacionadas com o patrimônio industrial e com a arqueologia industrial, passaram a ter importância, em meados de 1950, primeiramente na Inglaterra, após a Segunda Guerra Mundial e diante do processo de desindustrialização, e da destruição de importantes testemunhos da arquitetura industrial. Essa percepção de perda iminente do legado industrial levou à criação de uma série de comitês e associações. Esse movimento, tardio no Brasil e, de modo geral, em toda a América Latina, aconteceu entre o final da década 90 e o início dos anos 2000.

Essa ampliação da abrangência do patrimônio histórico fez com que os bens relacionados à indústria ganhassem notoriedade, tanto os edifícios em si como os sítios industriais urbanos. Além dos valores formais, incluem-se os valores afetivos que compreendem as relações subjetivas do indivíduo em sociedade e toda a carga de simbolismo proveniente do sentido de pertencimento. Esse tipo de valor está relacionado ao significado deste tipo de monumento que reflete a classe operária.

Nesse sentido, para Choay, no século XIX, após a tomada de consciência das transformações ocorridas com a Revolução Industrial, os edifícios da era pré-industrial passaram a ser vistos como “relíquias de um mundo perdido” (Choay, 2006, p. 206). No solo desestabilizado por uma sociedade em processo de industrialização, o monumento histórico parece trazer a memória dos membros dessa sociedade, a “glória de um gênio ameaçado” (Choay, 2006, p. 206).

Choay também destaca que, os edifícios industriais, se tornaram “refugos do progresso técnico ou das mudanças estruturais da economia, grandes conchas vazias que a maré industrial abandonou na periferia das cidades” (Choay, 2006, p. 209). A preocupação em conservar o patrimônio arquitetônico e industrial do século XX, quase sempre ameaçado de demolição em vista de seu mau estado, gerou atualmente um

“complexo de Noé”, que tende a abrigar na arca patrimonial o conjunto completo dos novos tipos de construção que surgiram nesse período (Choay, 2006, p. 209).

A arquitetura é a única, dentre as artes maiores, cuja essência inclui o uso e mantém uma relação complexa entre as suas finalidades estéticas e simbólicas, mais difícil de apreender no caso dos edifícios históricos que se tornaram órfãos em relação à destinação prática que lhes deu origem (Choay, 2006, p. 230-231). Nesse sentido, para Vieira (2020, p. 34):

> [...] o projeto modernizador do século XIX apregoava a rejeição do passado e a esperança no futuro, contribuindo para que o fardo da história ou o peso paralisante da história, referências aplicadas à influência do passado na Europa, fosse bem menor no nosso caso. Mas em nossa época a situação é diversa e o espírito preservacionista já atinge, até mesmo, cidades bem novas que se preocupam em garantir a sobrevivência daqueles elementos que possam assegurar a sua identidade futura (Vieira, 2020, p. 34).

Para Vargas e Castilho (2009), recuperar e promover a reutilização de edifícios e a consequente valorização do patrimônio construído, melhora a imagem da cidade que, ao perpetuar a sua história, cria um espírito de comunidade e pertencimento, ao mesmo tempo que otimiza a infraestrutura estabelecida. A análise da literatura relativa ao tema dos processos de intervenção em centros urbanos relativa à Reinvenção Urbana nasce por volta da década de 1990 e se prolonga até a atualidade. Desse modo, as autoras indicam que uma das motivações para as intervenções reside na infraestrutura existente: geralmente há um sistema viário consolidado, saneamento básico, energia e serviços de telefonia, transporte coletivo, equipamentos sociais e culturais de diversas naturezas à disposição. “O descarte dessa infraestrutura, tanto do ponto de vista econômico como ambiental, é injustificável” (Vargas e Castilho, 2009, p. 5-6).

Nesse mesmo sentido, “atualmente, a preservação se torna importante em função da necessidade de diminuirmos o impacto sobre o ambiente, provocado pela produção de bens” (Muller *et al.*, 2016, p. 5). Desse modo, se contribui com a diminuição da Pegada Ecológica[12] no planeta representada pela área construída.

A reconversão é um processo que permite a preservação de edifícios existentes, ao explorar a sua vida útil para responder ao desafio de “assimilar e articular o tempo no espaço” (Coelho, 2000, p. 44). Este tipo de intervenção surge como uma opção mais ecológica que, com os devidos apoios, poderá ser também

[12] Ver sobre Pegada Ecológica em https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4671/3555, Acesso em 17 de jun. 2024.

economicamente mais interessante que a nova construção, apresentando benefícios sociais, ambientais e de regeneração urbana.

Nesse contexto, há a luta pela preservação do real, quando se toma consciência de que a realidade é composta de diferentes passados. Nesse sentido, para Vieira: ”A cidade passa a ser vista como um mosaico de passados, em que cada pedaço pode representar uma época, uma determinada corrente de estilo arquitetônico, [...] cada elemento formal pode ser relacionado com a sociedade que a criou”. Por isso, “agora a cidade tem outra aparência, é mais complexa, é mais contraditória e é, mais dialética, no sentido que as obras revelam também os criadores e seus projetos” (Vieira, 2020, p. 137). Sobre as escolhas de preservar ou não, Meneguello ressalta:

> A preservação ou a ausência de preservação fazem parte de um mesmo processo seletivo; as escolhas justificadas de proteção de edifícios, com critérios informados, assim como o desinteresse ou a sobrevivência aleatória dos bens incidem sobre as cidades e a preservação de sua memória (Meneguello, 2011, p.1831 - 1832).

A justificativa para a salvaguarda e eventual reutilização de determinada estrutura edificada deverá basear-se em vários fundamentos e se utilizar de diversos critérios e princípios: o valor artístico, o valor histórico e o valor de uso. Assim, funciona como uma forma de obstáculo à dinâmica desenvolvimentista, que Schumpeter classificaria como “destruição criadora”[13]. Essa contradição de opiniões em relação à preservação do patrimônio e de seu passado ou à sua destruição torna complexa a realidade sobre o que deve ser feito com esse patrimônio. A dialética nos leva a outros caminhos, dentre os quais figuram os novos usos compatíveis com a atualidade.

> A mudança de uso, e o aproveitamento de formas, devem ser avaliados em uma perspectiva que incorpore além dos elementos materiais da obra em si também suas considerações simbólicas’. Aponta-se, assim, para uma análise da requalificação das formas e seus novos usos em uma dimensão maior do que aquela que se cinge à materialidade dos objetos (Vieira, 2008, p. 145).

Em diversos casos, por conta de suas dimensões, o referido patrimônio constitui uma atração muito válida do ponto de vista cultural. Com finalidades socioeconômicas provenientes da adaptação a novos usos evita-se a sua degradação e apagamento, como consequências das transformações ocorridas ao longo do tempo e ocasionadas por processos como a industrialização e a desindustrialização em

[13] O conceito de “Destruição criadora” foi elaborado pelo economista austríaco Joseph A. Schumpeter (2017) em sua obra “Capitalismo, Socialismo e Democracia” para explicar o processo de criação que torna obsoletos os modelos anteriores, gerando um ciclo constante: destrói-se o antigo incessantemente, e se cria o novo incessantemente.

Pelotas[14], bem como por interesses, necessidades e conflitos. Em relação a essas "áreas urbanas deprimidas" Vargas e Castilho destacam que:

> Intervir no espaço urbano, portanto, torna-se uma ação mais ampla. Outras áreas urbanas deprimidas passam a ser focalizadas, além das regiões centrais, como aquelas decorrentes da obsolescência das estruturas industriais, portuárias... Por outro lado, enquanto nas áreas centrais a questão de preservação histórica se mantém, as demais, a busca pelo novo, pelo inusitado, passa a ser campo fértil para experiências arquitetônicas. (Vargas; Castilho, 2009, p. 33-34).

Ainda segundo as mesmas autoras, o *city marketing*, é um instrumento eficiente de planejamento estratégico com ênfase na gestão urbana para se conceber à revalorização do patrimônio. As demandas locais e o seu atendimento são a base do *city marketing*.

O *city marketing* ou *marketing* de lugares tem como principal finalidade orientar para afirmar e reforçar a identidade, pela valorização do patrimônio cultural composto por bens tangíveis e intangíveis, visando a sua promoção. No entanto, conforme Pinto e Meneses (2010), faz-se necessário considerar a população local como um elemento fundamental das estratégias do *marketing* de lugares, para se evitar o risco da segregação social do espaço urbano. A estratégia do *marketing* de lugares, revela as particularidades do lugar, reflexo dos recursos materiais e imateriais integrados e, ao mesmo tempo que oferece um diferencial e assegura, sobretudo, a valorização do patrimônio cultural e o bem-estar da comunidade, atrelado ao seu desenvolvimento, reforçar a identidade local e estimular nos cidadãos a identificação com a sua cidade e, consequentemente, evitar a exclusão social.

Em relação ao patrimônio edificado, a ideia do *marketing* de lugares pode ser uma estratégia propícia à sua redescoberta e valorização enquanto patrimônio diante do novo uso para o ensino, realizado pela UFPel. De fato, grande parte dos novos usuários desconhece o uso anterior desses lugares. Logo, objetiva-se a divulgação de informações e despertar o interesse dos novos usuários, por um passado que se reatualiza no presente, reconectando as memórias e as permanências.

---

[14] Acerca do tema que trata do processo de industrialização e desindustrialização da cidade de Pelotas, é produtivo considerar, entre outros, os seguintes trabalhos: Vieira, Sidney Gonçalves. A cidade fragmentada. O planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas. Pelotas: Ed. da UFPel, 2005, p. 120-124. Coelho, Jossana Peil; Michelon, Francisca Ferreira. O patrimônio industrial na legislação pelotense. In: Marchi, Darlan de Mamann; Knock, Eduardo Roberto Jordão; Poloni, Rita Juliana Soares (org.). Memória & patrimônio: preservação, políticas e acesso. Pelotas: Editora da UFPel, 2020. v. 3, p. 135-150. Britto, Natalia Daniela Soares Sá. Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS). Rio Grande: FURG. Dissertação de Mestrado. 2011.

2.3 DIRETRIZES PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Entre os estudos mais aprofundados sobre intervenções estruturais em edifícios, destacam-se os realizados pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), que fornece diretrizes para diversos tipos de atividades. A Carta de Burra (1980) e a Carta de Cracóvia (2000) são documentos que abordam a questão da reorientação de edifícios de valor cultural como forma de preservação.

Embora as cartas patrimoniais se constituam em discussões relativas a um determinado momento, e não possuam um sistema teórico absoluto, são documentos concisos e oferecem indicações de caráter geral e prescritivo. As cartas internacionais devem ser reinterpretadas e aprofundadas conforme a realidade cultural de cada país e levar à criação de cartas nacionais e em propostas legislativas.

Dessa maneira, as cartas possuem um papel importante na construção normativa em relação à preservação dos bens culturais de vários países (Kühl, 2010). Nos quadros a seguir foram relacionadas algumas cartas que evidenciam a preocupação e a ressignificação de patrimônio em relação à sua preservação.

Quadro 1 – Desenvolvimento de documentos internacionais.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos elaborados por conselhos e comitês internacionais referentes ao tema
1931	**Carta de Atenas**[15] - Grécia Elaborada durante a Conferência Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Doutrinas para proteção de monumentos. Esta carta estabeleceu o conceito de patrimônio histórico das cidades: "Os valores arquitetônicos devem ser salvaguardados (edifícios isolados ou conjuntos urbanos)".
1962	**Carta de Paris**[16] – França Paisagens e Sítios Introduz o conceito de proteção legal das paisagens extensas por “zonas”. O conceito de zonas de proteção verificado no plano diretor de Pelotas remete à mesma ideia.
1964	**Carta de Veneza**[17] - Itália II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Históricos Carta Internacional sobre a conservação e a restauração de monumentos e sítios.

[15] Carta de Atenas disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[16] Carta de Paris disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Paris%201962.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[17] Carta de Veneza disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos elaborados por conselhos e comitês internacionais referentes ao tema
1972	**Carta do Restauro**[18] - Itália Ministério de Instrução Pública do Governo da Itália Normas para intervenções, restauração e salvaguarda de obras de arte, objetos arqueológicos e arquitetônicos.
1976	**Recomendações de Nairóbi**[19] - Unesco Estimula o surgimento de políticas nacionais, regionais e locais para a valorização do patrimônio histórico por meio de medidas jurídicas, técnicas, econômicas e sociais.
1987	**Carta de Washington**[20] **- D. C. (EUA) ICOMOS** Para salvaguarda das Cidades Históricas, a Carta refere-se a conjuntos urbanos históricos, de maior ou menor dimensão, incluindo as cidades, as vilas e os centros ou bairros históricos com a sua área envolvente, natural ou construída.
1980	**Carta de Burra**[21] – Austrália ICOMOS Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Define os termos “conservação”, “manutenção”, “preservação”, “restauração”, “reconstrução”, “adaptação” e “uso compatível”.
2000	**Carta de Cracóvia**[22] – Polônia Princípios para a conservação e o restauro do patrimônio construído.
2003	**Carta de Nizhny Tagil**[23] - Rússia Carta sobre Patrimônio Industrial.
2011	**Princípios de Dublin**[24] - Irlanda Contém princípios úteis aos processos de proteção, conservação e valorização do patrimônio industrial.
2018	**Carta de Sevilha**[25] - Espanha Orientações para as práticas de investigação e de gestão do Patrimônio Industrial.

Fonte: Portal IPHAN, elaborado pela autora, 2024

As ações realizadas pelo TICCIH (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*) por meio dos diversos encontros de investigadores de vários países, têm contribuído para uma maior divulgação das

[18] Carta de Restauro disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20do%20Restauro%201972.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[19] Recomendações de Nairóbi: disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[20] Carta de Washington disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Washington%201986.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[21] Carta de Burra disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[22] Carta de Cracóvia disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/42%20Carta%20de%20Crac%C3%B3via%202000.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.
[23] Carta de Nizhny Tagil disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/. Acesso em 5 jul. 2024.
[24] Princípios de Dublin disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/cartas/os-principios-de-dublin/. Acesso em 5 jul. 2024.
[25] Carta de Sevilha – Espanha disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/sempias2023/files/2023/08/4.-Carta-de-Sevilha.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.

atividades referentes ao patrimônio industrial e, assim, para uma grande troca de experiências, entre especialistas dos diversos continentes.

A Carta de Sevilha para o Patrimônio Industrial de 2018, possui importantes avanços em relação aos conhecimentos e às perspectivas da proteção, da valorização e da ativação do patrimônio, objetivando orientar as práticas de investigação e de gestão do Patrimônio Industrial, como sendo um legado. Ressaltando que “a reutilização deve ser adequada ao referido bem em benefício da sociedade, levando em conta a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural”. Orientando a necessidade de “reabilitar os espaços industriais obsoletos” ao mesmo tempo, que devemos assegurar a “manutenção da essência (fragrância, atmosfera e memória) dos bens industriais garantindo a sua autenticidade, legibilidade, continuidade, integridade, potencialidade, sustentabilidade e valor documental” (TICCIH-Brasil, 2018).

A busca pela preservação da identidade histórica e cultural no Brasil começou no século XX, no ano de 1937. A política nacional de preservação do patrimônio histórico foi formalizada durante o primeiro governo de Getúlio Vargas com a criação de uma instituição, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, posteriormente transformado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Em 2004, criou-se o comitê brasileiro TICCIH-Brasil (Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial), e em 2019, surgiu o ICOMOS-Brasil (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Ambos são de fundamental importância, pois mais pessoas, grupos, funcionando de forma integrada, cooperada, são necessários para que esses conceitos e a conscientização se desenvolvam da melhor maneira possível.

Quadro 2 – Desenvolvimento de organizações e documentos nacionais.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos elaborados por instituições no Brasil referentes ao tema
1937 1946	**SPHAN** Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. Hoje chama-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
1987	**Carta de Petrópolis**[26]. 1º Seminário brasileiro para preservação e revitalização de centros históricos, Petrópolis.

[26] Carta de Petrópolis Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Petropolis%201987.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos elaborados por instituições no Brasil referentes ao tema
	Destaca a necessidade da ação integrada dos órgãos federais, estaduais e municipais, bem como da participação da comunidade na manutenção dos bens patrimoniais.
1988	**Constituição Federal** Art. 216 ressalta: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.
1995	**Carta de Brasília**[27] – IPHAN Documento Regional do Cone Sul sobre autenticidade. Afirma que: A adoção de novos usos para aqueles edifícios de valor cultural é factível sempre que exista reconhecimento apriorístico do edifício e diagnóstico preciso de quais as intervenções que ele aceita e suporta. Em todos os casos, é fundamental a qualidade da intervenção, e que os novos elementos a serem introduzidos sejam de caráter reversível e se harmonizem com o conjunto. Em edifícios e conjuntos de valor cultural, as fachadas, a mera cenografia, os fragmentos, as colagens, as moldagens são desaconselhadas porque levam à perda da autenticidade intrínseca do bem (DOCUMENTO REGIONAL CONE SUL, 1995).
2004	Criação do **TICCIH-Brasil**, o Comitê cujo objetivo consiste em pesquisar, investigar, mapear, catalogar, inventariar, divulgar, proteger e conservar os bens materiais e imateriais do patrimônio industrial brasileiro.
2019	Criação do **ICOMOS-Brasil**, que tem atuado na defesa do patrimônio nacional e da humanidade, estando representado em vários Conselhos Culturais em todo o País, nos níveis federal, estadual e municipal.

Fonte: Portal IPHAN, elaborado pela autora, 2024

Na cidade de Pelotas, demonstrando a força daqueles idealizadores em difundir na cidade a luta preservacionista[28], elaboram-se instrumentos legais importantes, conforme exposto no quadro 3.

Quadro 3 – Desenvolvimento de documentos municipais.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos e Legislação de preservação em Pelotas
1915	**Código de Construções e Reconstruções** Regulamentava as habitações para estabelecer normas de conforto, higiene e segurança, diante do crescimento populacional da cidade na época.

[27] Carta de Brasília. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf. Acesso em 5 jul. 2024.

28 Veja-se a este respeito, Almeida. Liciane Machado. Bastos, Michele de Souza. “A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial.” Revista CPC, São Paulo, v.1, n. 2, p. 96-118, maio/out. 2006. Disponível em https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15591/17165. Bem como Dias, Renato Almeida. “Um olhar jurídico-multidisciplinar sobre a preservação patrimonial cultural edificada na cidade de Pelotas”. Dissertação PPGMSPC/UFPel, 2009. Possui a Carta de Pelotas na íntegra (p, 89 - 90). Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Renato-Dias.pdf Acesso em 29 nov. 2023. Cf. Ainda Caldas, Karen Velleda; Santos, Carlos Alberto Ávila. Cartas patrimoniais, legislação e a restauração do Grande Hotel de Pelotas: breves considerações. Seminário de História da Arte-UFPel, n. 3, 2013.

Ano	Evolução cronológica de desenvolvimento de documentos e Legislação de preservação em Pelotas
1968	**1º Plano Diretor de Pelotas** Apresentou fundamentos para o desenvolvimento do espaço urbano.
1978	**Carta de Pelotas** Busca conscientizar acerca da preservação do patrimônio cultural.
1980	**2º Plano Diretor de Pelotas** Lei Municipal 2565/80 Preocupou-se com o patrimônio histórico edificado no espaço urbano do município.
1982	**Lei 2.708, de 10 maio de 1982**. Dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural do município de Pelotas e dá outras providências. Pelotas: Câmara Municipal, 1982. Criou o Conselho Municipal Histórico e Cultural (COMPHIC). Art. 1º - Constitui patrimônio histórico e cultural do Município de Pelotas o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no seu território, que seja do interesse público conservar e proteger contra a ação destruidora decorrentes de atividade humana e do perpassar do tempo, em virtude de: a) sua vinculação e fatos pretéritos memoráveis ou fatos atuais significativos; b) seu valor arqueológico, artístico, bibliográfico, etnográfico ou folclórico; c) sua relação com a vida e a paisagem do Município. Parágrafo Único - Os bens a que se refere o presente artigo sujeitam-se a tombamento, nos termos desta lei, mediante sua inscrição no livro tombo.
1988	**Lei 3128, de 23 de julho de 1988** Instituiu um Conselho Revisor formado por representantes do mercado imobiliário, que passou a analisar e julgar as decisões do COMPHIC.
1996	**Lei nº 4093, de 25 de julho de 1996.** Criou o novo Conselho Municipal de Cultura (CONCULT) acarretando a revogação da Lei 2708/82
2000	**Lei nº 4568, de 07 de julho de 2000.** Divide as áreas da cidade em zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas - ZPPCS – lista os bens que as integram e dá outras providências.
2008	**Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008** 3º Plano Diretor de Pelotas

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O III Plano Diretor de Pelotas através da Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008[29], estabelece, no artigo 69, diretrizes e proposições, do Patrimônio Cultural, a partir de Níveis de preservação:

> I - Nível 1: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam a preservação das características arquitetônicas, artísticas e decorativas internas e externas. Os bens enquadrados neste nível não poderão, em hipótese alguma, serem destruídos, descaracterizados ou inutilizados, podendo vir a ser tombados. Sua preservação é de extrema importância para o resgate da memória da cidade.
> II - Nível 2: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam a preservação de suas características arquitetônicas, artísticas e decorativas externas, ou seja, a preservação integral de sua(s) fachada(s) pública(s) e volumetria, as quais possibilitam a leitura tipológica do prédio. Poderão sofrer intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas. Sua preservação é de extrema importância para o resgate da memória da cidade.
> III - Nível 3: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural que ensejam sua preservação devido às características de acompanhamento e

[29] Plano Diretor Municipal, disponível em https://www.pelotas.rs.gov.br/servicos/gestao-da-cidade/plano-diretor-mapas. Acesso em 29 nov. 2023

> complementaridade de imóveis classificados como de nível 1 (um) ou 2 (dois). Poderão sofrer intervenções internas e externas para qualificar e melhorar sua composição arquitetônica e urbana, acrescentando ou não novos elementos, desde que não descaracterizando sua volumetria e ambiência, já configuradas e de extrema importância para o contexto urbano da cidade.
> IV - Nível 4: Inclui os imóveis componentes do Patrimônio Cultural cujas características arquitetônicas, artísticas e decorativas não apresentam caráter de excepcionalidade, acompanhamento e complementaridade arquitetônica ou, tendo este caráter, encontram-se em tal grau de descaracterização que podem vir a ser substituídas sem acarretar maiores perdas ao patrimônio histórico e cultural da cidade. Assim, os bens enquadrados neste nível poderão sofrer alterações internas e externas, acrescentando ou não novos elementos e demolições parciais ou totais.

Com relação aos imóveis aqui analisados, observa-se que estão incluídos no Nível 2, ou seja, com proteção da sua volumetria e fachada “as quais possibilitam a leitura tipológica do prédio. Poderão sofrer intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas”.

Mesmo assim, na prática, “dificilmente se encontra orientações prontas em teorias do restauro, legislações, normas ou cartas patrimoniais”, pois estão todas “sujeitas às condicionantes da realidade preexistente” (Heidtmann Junior, 2007, p. 17).

2.4 PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA VALORIZAÇÃO A PARTIR DOS NOVOS USOS

As muitas pesquisas realizadas exploram várias intervenções sobre o patrimônio construído, por meio de exemplos como: conservação, reabilitação, reconstrução, reconversão, reuso, reaproveitamento, adaptação, revalorização entre outros. As intervenções evidenciadas nesta pesquisa são as que pretendem adaptar um edifício a uma nova função ou uso, em que a nova função traz consigo a necessidade de reorganizar a funcionalidade dos espaços para acomodar o novo uso.

Conforme destaca Kühl (2008), “o uso era e continua a ser essencial, dada a sua importância para a própria manutenção e, portanto, sobrevivência do edifício; mas passa a ser um meio e não a finalidade da intervenção” (Kühl, 2008, p. 206).

Este processo, de adaptação dos espaços à nova função, é sempre delicado. As novas funções transformam os espaços degradados para, por exemplo, criação de museus, ecomuseus, espaços de cultura, ensino, habitação, comércio e serviços como ateliês, escritórios, lojas e cafés. O ideal seria por meio de intervenções mínimas, que garantissem a sua habitabilidade, valorizando o imóvel e a cidade.

Levando em consideração as pesquisas sobre o tema do Patrimônio cultural realizadas pela UFPel, tem-se a produção, ocorrida na Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo (FAUrb/UFPel), de projetos de extensão, acerca da preservação da arquitetura industrial denominados “Universidade na Cidade” (Gutierrez; Oliveira, 1986) e “A inclusão da Ociosidade: uma metodologia para inventariar imóveis ociosos” (2005/2006). Esses projetos indicavam alternativas à locação de instalações para o uso de cursos da UFPel, catalogando e analisando a presença de infraestrutura e facilidades urbanas, em edificações com áreas que pudessem ser utilizadas e apontaram para a possibilidade de se fazer uso de prédios ociosos e se revitalizar áreas da cidade, principalmente, na região do porto da cidade de Pelotas (Oliveira e Silveira, p. 51, 2019). O Programa Vizinhança[30], criado em 2009, a partir da instalação da Universidade no Antigo Frigorífico Anglo, visa promover intervenções comunitárias interdisciplinares na área vizinha ao Campus Porto UFPel, propondo melhorar a qualidade de vida dos que ali residem.

Também os estudos realizados pelo curso de História/UFPel no projeto “História, memória e patrimônio industrial de Pelotas” coordenado pelas Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon e a Profa. Dra. Ana María Sosa González (PPGH/UFPel), estudam as edificações que abrigavam no passado fábricas na cidade, que foram adquiridas pela UFPel, identificando seu estado de conservação, e promovendo a sua ativação patrimonial, a partir das narrativas de moradores e trabalhadores. Nesse projeto, foi elaborado um *ebook*[31] com publicações sobre “O patrimônio industrial da UFPel” em que também foi feita uma sistematização das publicações sobre o tema (Sosa González, 2019, p. 95-123). O projeto de extensão “QRCODE Patrimônio UFPEL” consiste em um site especialmente desenvolvido para concentrar informações tanto sobre o patrimônio da Universidade quanto sobre as propostas artísticas para os locais[32].

Assim, realizou-se uma bibliometria a fim de se apresentar e analisar preliminarmente a produção acadêmica tendo como palavras-chave os termos: ”novos usos”, “reuso” e “requalificação em relação ao Patrimônio Arquitetônico Cultural” para

[30] Acerca do programa vizinhança https://wp.ufpel.edu.br/naurb/2016/10/17/programa-vizinhanca/ é produtivo considerar o seguinte trabalho, dentre outros: Fagundes, Marcelo Nascimento. A (des)continuidade de programas sociais em organizações públicas de ensino superior: O caso do programa vizinhança na UFPel. Dissertação PROFIAP/UFPel. 2018. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4550. Acesso em 12 abr. 2024.

[31] *Ebook* disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/memorialdoAnglo/files/2020/11/Patrimonio-Industrial-UFPel-7-11_compressed-1.pdf. Acesso em 12 abr. 2024.

[32] Projeto de extensão “QRCODE Patrimônio UFPEL” disponível em http://wp.ufpel.edu.br/patrimonio/. Acesso em 12 abr. 2024.

se embasar a pesquisa expressa nesta dissertação a respeito da preservação do patrimônio cultural e da sua valorização, a partir dos novos usos.

Verbos como reabilitar, refuncionalizar, renovar, revitalizar, reconverter, refazer, remodelar, reciclar, reutilizar, restaurar, e revalorizar, são expressões empregadas na prática do enfrentamento do desafio de se adaptar a arquitetura a novos usos no tempo (Heidtmann Junior, 2007, p. 47).

> No campo da conservação arquitetônica, existe uma grande confusão conceitual. A imprensa não-especializada contribui para isso, pois rotula qualquer reforma executada em bens antigos como sendo de restauração. A necessidade contemporânea da adaptação ou recondicionar edifícios antigos para novos usos, tecnicamente denominados de reutilização ou reciclagem, também tem contribuído para essa confusão, abrindo campo para qualquer espécie de intervenção, em que o novo uso, muitas vezes fugaz, é prioritário em relação aos valores próprios do edifício (Custódio, 2000, p. 184).

Nesse sentido para Vasconcellos e Mello (2009) o “prefixo RE – reabilitação, revitalização, entre outras”, passou a ser utilizado em intervenções urbanas preexistentes, também para ações de renovação, reestruturação e/ou reconstrução como plano de destruição/demolição urbana e remoção dos moradores. Mas nesta pesquisa empregam-se os termos “reuso” e “requalificação” como preservação do patrimônio arquitetônico cultural pelo reconhecimento de seu valor histórico e cultural.

Nesse viés, foi produzido um “estado da arte” sobre o tema: patrimônio cultural e sua valorização, a partir de novos usos. Conforme definição de Ferreira, o “estado da arte” possui um caráter bibliográfico e traz:

> [...] o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários [...] sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles. (Ferreira, 2002, p. 258).

Para se realizar um balanço com levantamento e sistematização dos dados sobre as produções, foi feita uma pesquisa nas seguintes bases de dados:

I) Catálogo de teses e dissertações da CAPES[33];

II) Periódicos da CAPES[34];

III) Catálogo de teses e dissertações do PPGMSPC/UFPel[35] e

[33] Disponível em https://catalogodeteses.capes.gov.br. Acesso em 12 set. 2023.
[34] Disponível em https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php. Acesso em 12 set. 2023.
[35] Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/teses-e-dissertacoes/. Acesso em 12 set. 2023.

IV) Site Google Acadêmico[36].

Os trabalhos foram acessados, analisados e agrupados por ano, título, palavras-chave, área, instituição, autor, orientador, mestrado e doutorado, bem como resumo e referências bibliográficas. Numa segunda etapa, foi feita a leitura e a análise, por meio da qual se examinaram as temáticas e abordagens a fim de se criar um quadro teórico metodológico no qual se englobam esses estudos, objetivando-se contribuir com a compreensão desses estudos.

I) A busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES, obteve dez resultados sobre os termos novos usos, reuso e requalificação do Patrimônio cultural, neste total: nove dissertações e apenas uma tese de doutorado, seis em programas da área de arquitetura, uma em geografia, duas em história e uma em museologia e patrimônio. Em relação ao período, quatro trabalhos realizados em 2022, um em 2020, um em 2021, um em 2017, um em 2011, um em 2010 e um em 2006. Desses dez resultados da busca, somente três trataram concretamente dos novos usos, como para o estabelecimento de museus, escritórios para o uso da iniciativa privada ou de órgãos públicos, atividades comerciais e garagens de ônibus. Os demais analisaram propostas possíveis para o futuro, onde patrimônio poderia servir como um centro de saúde, algo que atende às demandas da sociedade contemporânea ou como um hotel, um restaurante ou um teatro.

O resultado da busca com os termos: “Reuso do patrimônio arquitetônico cultural”, resultou em três dissertações de mestrado da área de arquitetura, duas de 2022 sob título “Pensar o Patrimônio Industrial: sensibilidades sul-rio-grandenses frente a uma questão contemporânea”, oriundas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, nas quais se menciona o “reuso como proposta de um futuro possível”. A dissertação “Lastros de um passado industrial e ferroviário em Fortaleza: o patrimônio cultural edificado das “oficinas do Urubu””, proveniente da: Universidade Federal do Ceará, cita em sua conclusão “os vestígios se encontram em condição de invisibilidade, processos de esquecimento, de “apagamento” [...] a arquitetura deve ter uma função, um uso como forma de reverter o quadro de degradação”. E a terceira dissertação de 2010 intitulada “Reconversão do patrimônio industrial e os valores contemporâneos” realizada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, cita

[36] Disponível em https://scholar.google.com.br/?hl=pt. Acesso em 12 set. 2023.

a transformação de estações ferroviárias abandonadas, nos Estados Unidos, em escritórios para o uso da iniciativa privada ou de órgãos públicos.

Quanto à busca realizada com os termos: “novos usos para o patrimônio cultural edificado”, obtiveram-se três resultados, uma tese de doutorado em Museologia e Patrimônio intitulada “Patrimônio Industrial na Cidade do Rio de Janeiro: e a preservação dos espaços correlatos”, realizada em 2022 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, trata de novos usos como museus; e duas dissertações. A primeira, é do âmbito da Geografia, seu título é “O Engenho Central de Piracicaba como Patrimônio Industrial: Usos e Ruídos do Território Urbanizado” foi produzida em 2006 na Universidade Estadual de Campinas, e cita a conversão em hotéis, restaurantes e teatros; como possíveis novos usos de patrimônio edificado. A outra dissertação em História e Arte é intitulada “Subestações de energia da Light na cidade de São Paulo (1899-1956): um estudo no campo do patrimônio arquitetônico industrial” foi produzido em 2022 na Universidade Federal de São Paulo, e descreve a desativação da barragem utilizada para abastecimento de água da população e alguns prédios usados atualmente para venda de produtos em estandes e como garagem de ônibus.

A busca sobre o tema Patrimônio cultural edificado requalificado, resultou em dois dissertações de mestrado em Arquitetura, uma de 2011 intitulada “Arquitetura industrial: Patrimônio edificado, preservação e requalificação: O caso do moinho Matarazzo e Tecelagem Mariângela”: da Universidade Federal de São Paulo, que sugere que esses lugares “podem servir como centro de saúde, que atendem às demandas da sociedade contemporânea”; e uma dissertação escrita em 2021, portando o título “Avaliação de estratégias de eficiência energética para a reabilitação de um patrimônio industrial” na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, trata da reabilitação patrimonial para o mesmo uso.

II) No site de periódicos da CAPES foram encontrados 17 artigos na busca pelo termo “novos usos do patrimônio cultural”, artigos produzidos entre 2011 e 2022. Porém, apenas três dentre eles descrevem novos usos: São eles: 1) Preservar para quem? As contradições na preservação do patrimônio urbano-industrial em Campinas (SP), de Rafael Roxo, discente na Universidade de São Paulo, e trata da Vila Industrial operária; 2) Patrimônio ferroviário e refuncionalização dos bens culturais tombados da companhia paulista de estradas de ferro (CPEF), de Maria Tereza Duarte Paes e Rafael Henrique de Moura, que pesquisaram sobre as refuncionalizações das

estações ferroviárias tombadas da CPEF; 3) Da glória à ruína dos cinemas de rua na cidade de Joinville-SC: exortações à patrimonialização assentes na decadência e novos usos, de Christiane Heloisa Kalb e Maria Bernardete Ramos Flores da UFSC, que pesquisaram os novos usos dos cinemas. Na busca sobre “reuso do patrimônio cultural”, obtiveram-se dois resultados, mas que abordaram sugestões de reuso; e na busca sobre “requalificação do patrimônio cultural” encontrou-se um único artigo: *Estaciones de ferrocarril de la Compañía del Norte en España. Intervención y reuso,* de Martínez Corral e Aurora María. Aí citam-se vários usos atuais como: museu, comércio, centro cívico, centro poliesportivo e outros.

No site de periódicos da CAPES, a busca sobre “requalificação em relação ao patrimônio arquitetônico cultural”, rende apenas o artigo “Políticas urbanas e processos de patrimonialização nas cidades de Fortaleza e de Almada”, escrito por Roselane Gomes Bezerra, publicado em 2014, pertencente à área de sociologia, que cita o processo de destradicionalização e da dinâmica da metamorfose imagética dos espaços urbanos.

III) No catálogo de teses e dissertações do PPGMSPC/UFPel foram encontradas quatro dissertações e uma tese sobre novos usos, reuso e requalificação do patrimônio cultural. Uma dissertação é intitulada: “Patrimônio, memória e mercadoria: uma reconstrução arquitetônica em Ouro Preto, Minas Gerais”, foi escrita por Vanessa Regina Freitas da Silva em 2011. Outra dissertação intitulada: “Os significados do lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas/RS)”, de Jossana Peil Coelho de 2017, a tese da mesma autora, intitulada “De fábrica para patrimônio: estudo comparativo da condição de remanescentes industriais no Rio Grande do Sul / Brasil” em que se cita a importância de um memorial como auxílio à preservação do patrimônio. A dissertação intitulada: “Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: O lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS”, que foi escrita por Daniela Vieira Goularte, em 2021, e que analisou a reutilização do patrimônio industrial pela UFPel. E, por fim, a dissertação intitulada “Fotografia e memória: as câmaras frias dos extintos frigoríficos Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay)” que foi escrita por Ubirajara Buddin Cruz, em 2016, em que cita a ocupação do antigo Frigorífico Anglo pela Universidade Federal de Pelotas, a adaptação da antiga indústria em um campus universitário.

IV) Ao explorar as obras contidas no Google Acadêmico, verificou-se uma imensidão de trabalhos acerca dos temas de reuso, novos usos e requalificação em relação ao patrimônio arquitetônico com finalidades sociais e econômicas por meio da adaptação a novos usos como fruto de transformações ocorridas ao longo do tempo. Os vários exemplos já existentes em vários países, tanto no sentido de se evitar a destruição ou o esquecimento desse patrimônio, como no da conservação e/ou reutilização constituem o foco de diversas pesquisas nas áreas de arquitetura, urbanismo, história, geografia, museologia, gestão e desenvolvimento, turismo cultural, interdisciplinares e outros cursos. A análise feita até o momento demonstra a existência de estudos acerca das peculiaridades e de ações realizadas, que possui farta fonte para pesquisas, apesar de sua singularidade.

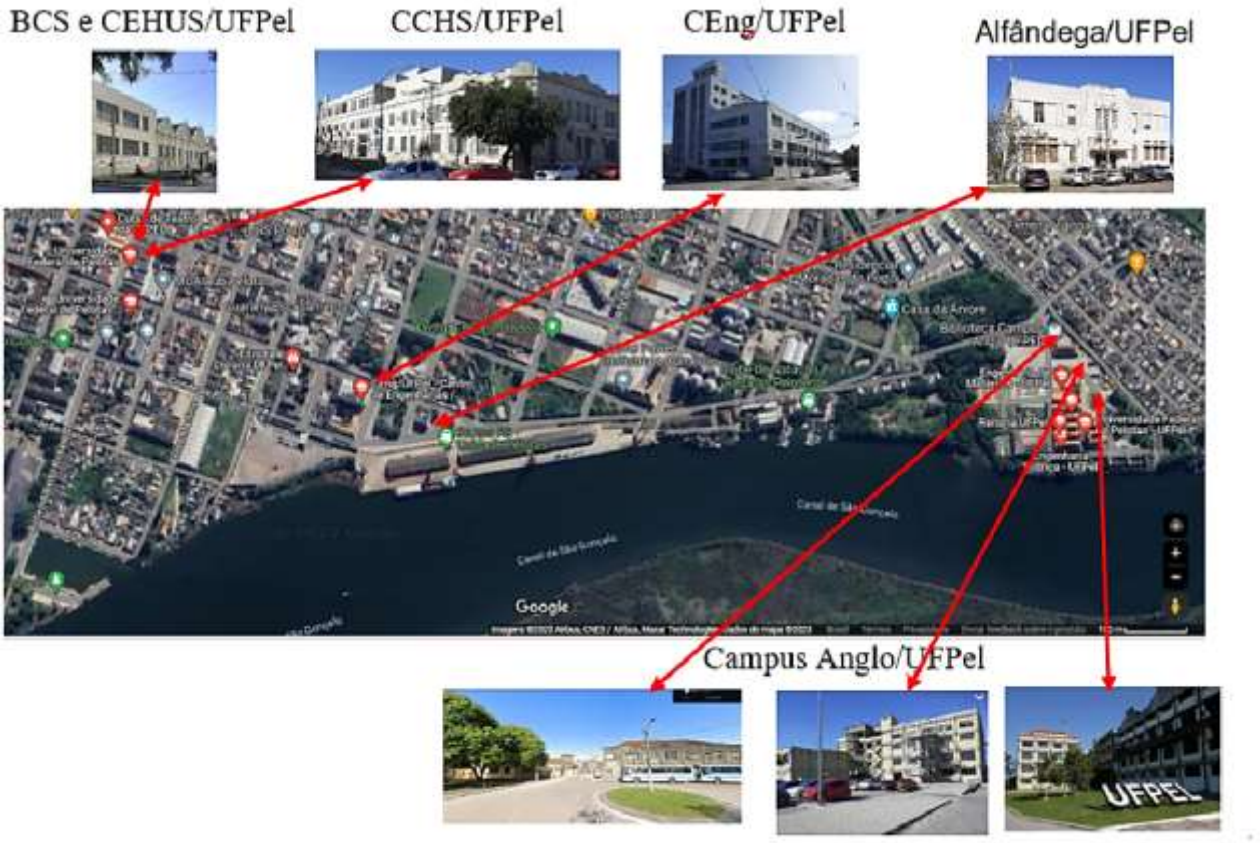
CAPÍTULO III

3 NOVOS USOS DO PATRIMÔNIO: O CASO DA UFPEL

A UFPel possui diversas unidades físicas espalhadas pelas cidades de Pelotas e Capão do Leão, diferentemente de outras universidades, onde um campus centraliza todas as suas unidades acadêmicas e administrativas. Na UFPel esse é um desafio para a administração, a comunidade acadêmica e seus futuros discentes.

A Figura 5 mostra a localização das unidades da UFPel espalhadas no bairro Porto de Pelotas, que serão estudadas neste trabalho. São elas: a Biblioteca de Ciências Sociais (BCS) e o Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS); o Campus de Ciências Humanas e Sociais (CCHS); o Centro de Engenharias (CEng); a Alfândega/UFPel e o Campus Anglo.

Figura 5 - Localização de algumas unidades da UFPel



Fonte: Google maps, elaborado pela autora, 2023.

Diferentemente da UFPel, algumas universidades optaram por construir unidades novas em seus campi próprios, para a viabilização do uso e de seus cursos,

por terem espaço suficiente disponível. Alguns exemplos disso são: a Universidade Federal de Rio Grande (FURG), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mas há alguns exemplos de universidades que optaram, assim como a UFPel, por dar uma segunda vida ao patrimônio desativado da cidade, como o caso do IFSul que adquiriu em Pelotas a antiga Fábrica F. C. Lang de sabão e velas para aí instalar sua Reitoria, embora tenha construído um novo prédio e preservado alguns antigos.

Em São Paulo: o Campus de Salto do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (Ceunsp)/SP, está localizado onde antigamente funcionava a fábrica têxtil Brasital e em sua vila, às margens do Rio Tietê, para assim valorizar o patrimônio e a instituição[37]; o Centro Universitário FAM/SP Campus Mooca, está sediado no Moinho Santo Antônio que funcionou como fábrica de tecidos, farinha, sabão, óleo vegetal, entre outros[38]. Em Cachoeira (BA) a antiga fábrica de cigarros Leite&Alves está sendo ocupada pelas atuais instalações da Universidade Federal do Recôncavo Baiano[39].

Na Europa há vários casos como, por exemplo, na cidade de Covilhã/Portugal, onde o potencial de espaços fabris de extintas fábricas de lanifícios também foi aproveitada para a implantação da UBI – Universidade da Beira do Interior[40]; além disso, a Universidade de Sevilha/Espanha também se situa nas dependências da antiga Real Fábrica de Tabacos[41]. São apenas alguns exemplos, fornecidos sem que esta pesquisa os pretenda esgotar, conforme ilustrado na Figura 6.

.

[37] Informações da universidade disponíveis em: https://www.ceunsp.edu.br/o-ceunsp/nossas-unidades/ Acesso em 29 nov. 2023.

38 Informações disponíveis em: https://vemprafam.com.br/campus-mooca-moinho-2/ Acesso em 29 nov. 2023.

39 Informações disponíveis em: https://patrimonioindustrial.ufba.br/fabrica-leite-alves Acesso em 29 nov. 2023.

40 Informações disponíveis em: https://www.ubi.pt/Pagina/Historia Acesso em 29 nov. 2023

41 Informações disponíveis em: https://www.sivigliaweb.it/monumenti-siviglia/reale-fabbrica-del-tabacco/ Acesso em 29 nov. 2023.

Figura 6 - Universidades que reutilizam o patrimônio edificado para o ensino

Fonte: Acervo da autora, 2023.

Fonte: Luciana Guerra, 2009.

Fonte: Faculdade Ceunsp (Crédito: Divulgação)

Fonte: site FAM Campus Mooca

Fonte: site UBI (Crédito: Divulgação)

Fonte: Google maps

Fonte: Google, elaborado pela autora, 2024.

3.1 PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E ORGANIZACIONAL DA UFPEL

Devido à sociedade exigir melhorias e ampliação dos serviços na administração pública, questionando, tanto as formas de ação, quanto a legitimidade das instituições e, solicitando a essas cada vez mais preparo para acompanharem os anseios da sociedade na realidade socioeconômica, as organizações públicas, alinhadas ao contexto de crescimento e mudanças aceleradas, devem observar elementos relativos não apenas à modernização administrativa, como também, à necessidade de modificações estruturais. Por sua vez, esse processo, caracteriza-se complexo, pois envolve transformações nas relações de trabalho e de poder, nos custos e nos resultados organizacionais.

No contexto das universidades federais, constituintes do setor público, para se alcançar uma educação de qualidade, são necessários investimentos e acompanhamentos da aplicação de recursos, visto que a educação é um bem público mantido pelos contribuintes. Desse modo, torna-se necessário um adequado gerenciamento para alcançarem a excelência na educação e, além disso, evitarem “soluções improvisadas” devido aos escassos recursos, bem como impedir a realização de contratos malfeitos e orçamentos superfaturados (Bufolin, 2019, p. 40).

De acordo com Kaminski (2015), o usuário é cada vez mais exigente e esclarecido, exige rapidez e assertividade ao detectar carências. Logo, segundo Souza (2018), a posse de informações pertinentes à administração pública e aos cidadãos, bem como as ferramentas de transparência e acompanhamento, tornaram-se alguns dos maiores e mais poderosos instrumentos necessários a um controle social efetivo. Dessa forma, asseguram-se ao cidadão os direitos de conhecer, interagir, expressar e divulgar sua opinião com base no Estado democrático, em tempo real.

Somente por meio de processos como a modernização administrativa organizacional, possibilita-se a criação de um ambiente propício à inovação como estratégia de melhoria da organização pública. Para Novo e Franco, no contexto da universidade contemporânea, são marcantes as influências, macro societárias, como também, do sistema político-legal do país e de suas regulamentações, nas quais se inserem e se acrescentam peculiaridades locais (Novo e Franco, 2014).

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fundada no ano de 1969 – apesar de possuir uma longa história, iniciada no ano de 1881, com a união de diversas faculdades e institutos – adquiriu, tendo em vista o crescimento como uma estratégia de melhoria. Assim, a instituição adquiriu, no decorrer de sua existência, um conjunto de prédios constitutivos do patrimônio cultural edificado da UFPel. Esses prédios estão localizados no campus Capão do Leão e em diferentes locais da cidade de Pelotas.

Nesse sentido, cabe destacar o crescimento da UFPel ocorrido nos últimos anos, principalmente nos mandatos do Reitor Prof. Dr. Antônio César Gonçalves Borges, responsável por essas decisões, devido à expansão a partir da adesão ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciado em 2003, quando “o número de cursos saltou de 58 para mais de 100, enquanto o número de estudantes cresceu de cerca de 8 mil para cerca de 20 mil”[42]. Para tanto, foi necessário a abertura de concurso com vagas para novos servidores docentes e técnico-administrativos, bem como investimento em obras, muitas obras, e a aquisição de equipamentos para todos os cursos.

Outro fator que impactou esse ambiente foi o fim do concurso Vestibular e a adesão ao Sistema de Seleção Unificada (SiSu) do Ministério da Educação. Esse fato alterou a configuração da comunidade discente, que passa a ser proveniente de uma variedade de lugares, a carregar sotaques e características culturais distintas trazendo consigo influências regionais, pois os novos discentes e docentes são advindos de vários estados da Federação e alguns até mesmo de outros países.

Para enfrentar essa enorme demanda, tornou-se necessário ampliar a área física da instituição. Naquele momento, optou-se por uma visão urbanista em favor da manutenção da existência do patrimônio, antes ocupado pelo segmento empresarial, determinante do desenvolvimento econômico da cidade, mas que não resistiu às sucessivas crises. Esses patrimônios foram adquiridos e receberam nova existência, sendo agora utilizados para o ensino.

Nesse crescimento, foram incorporadas também, instalações de prédios históricos do município, que guardam a história da cidade e da região. Se não forem mantidos os aspectos arquitetônicos e, não houver estratégia para transmissão dessas informações, a história de cada unidade poderá ser perdida.

[42] Informações disponíveis em: https://wp.ufpel.edu.br/45anos/expansao/ Acesso em 29 nov. 2023.

Desse modo, o projeto “Turismo e Educação Patrimonial” organizado e desenvolvido pelo curso de bacharelado em turismo da UFPel, demonstrou que a exposição desses aspectos como elementos da cultura, possibilita o conhecimento da história desses patrimônios, bem como, os usos e atividades atuais ali desenvolvidos, entendidos como um processo de ensino e aprendizagem, tendo como foco a preservação do patrimônio não só físico, mas também de valor cultural e de testemunho histórico de interesse público. À atividade turística compete, também, a responsabilidade de despertar a consciência e preservar a cultura e o meio ambiente (Hallal; Muller, 2017).

Sobre o envolvimento de várias áreas, Dantas afirma:

> O patrimônio cultural caracteriza-se por uma convergência entre diversos ramos [...] além de ser transdisciplinar, pois sua interpretação e aplicação exige a abordagem de diversas áreas do conhecimento, tais como Arquitetura, Engenharia, Ecologia, Turismologia, Antropologia, Sociologia, História, complexidade refletida no cotidiano da atuação da Administração Pública na identificação, produção e gestão do patrimônio cultural (Dantas, 2015, p.38).

Porém, não basta tombar ou preservar; há que se proporcionar ritos educativos e rememorativos às populações envolvidas com os bens que o Município ou Estado tratou de conservar. Há, sim, que se “produzir” teias afetivas relacionadas às reminiscências desse legado deixado por nossos antepassados. A prioridade é sedimentar tradições que possibilitem o surgimento de um substrato sólido para que linhas de continuidade em todos os campos (artísticos, literários, narrativas orais, arquiteturais) sejam fortalecidas e lancem às gerações vindouras o orgulho e a vaidade de pertencerem a um conjunto de símbolos coletivamente compartilhados.

Eis o grande desafio das instituições responsáveis pela preservação: diante de um mundo que deposita tributos ao presente, faz-se necessário, urgentemente, não salvar somente o chapéu de um homem que está a se afogar (Sola, 2004), mas marcar nos formadores de opinião e nas novas gerações, a importância da valorização do passado. Algo que pode colaborar na compreensão do nosso modo de ser, bem como nos preparar melhor para os tempos vindouros, na medida em que nos explica, nos une em torno de invariantes antropológicas, enfim, nos representando como comunidade possuidora de traços diferenciados e singulares[43].

[43] Ideia publicada no artigo: Ação educativa no museu e na cidade: o roteiro “caminhos da diversidade” na cidade de Arroio Grande/RS/Brasil, na revista REVASF. Disponível em https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2578/1761. Acesso em 5 jul. 2024.

Assim, essa dissertação mantém um vínculo estreito com o processo de modernização, melhoria e agregação de conhecimentos por meio da preservação do patrimônio público de modo que se possa conhecer e divulgar a instituição e os aspectos culturais que envolvem o município e a região de sua localização.

3.2 ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E SEUS ELEMENTOS

Para fornecer suporte teórico à presente pesquisa, serão apresentados, alguns conceitos do geógrafo Santos (2006), os elementos visíveis e invisíveis do espaço: forma, função, estrutura e processo. Para se compreender o processo ao longo do tempo, como as transformações da estrutura que representam os vínculos entre uma forma e suas demais formas que estão interligadas, pois a realidade está em permanente movimento de reconstrução, conforme esclarece Santos:

> Em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas [...]. O meio ambiente construído constitui um patrimônio que não se pode deixar de levar em conta, já que tem um papel na localização dos eventos atuais [...]. As rugosidades, vistas individualmente ou nos seus padrões, revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados. [...]. Esses conjuntos de formas ali estão à espera, prontos para eventualmente exercer funções, ainda que limitadas por sua própria estrutura [...] das formas geográficas herdadas (Santos, 2006, p. 92).

Desses elementos, a forma dispõe de maior potencial de análise geográfica, do ponto de vista do patrimônio, e da memória, porque é visível, está presente e podemos observá-la facilmente. Enfim, para entendê-la não apenas em suas materializações e objetivações, mas também, a partir dos interesses, das representações que ela contém. Sempre que a sociedade sofre uma mudança, as formas (tanto as novas como as velhas), assumem novas funções. Essa mutação cria uma nova organização espacial, pois:

> O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares (Santos, 2006, p. 92).

A paisagem é resultado cumulativo desses tempos. Ao se adaptar à estrutura imposta, mantém uma oposição às formas existentes, e estas tentam se integrar ao novo. De forma, que a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente. A compreensão dessa evolução só é possível mediante o processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo. A dialética do novo e do velho, como

contraditórios, funciona de maneira complementar e conjunta, e varia conforme os lugares. Nas palavras do autor:

> A dialética se dá entre ações novas e uma "velha" situação, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente perfeito. A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade atual, enquanto sociedade e como espaço (Santos, 2006, p. 71).

O espaço acumula a história do homem, todas as formas que vão sendo deixadas por gerações anteriores são reutilizadas, reformadas, revalorizadas dentro do devir do avanço da vida do homem. Desse modo, permitindo que ele possa transformar a sociedade, mas “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (Santos, 2006, p. 222).

3.3 A DIALÉTICA TRIÁDICA NAS DIMENSÕES DO ESPAÇO

Sobre a concretude da dialética como método, Sposito esclarece “ao utilizar a dialética que os pesquisadores confrontam as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições; e tentam [...] elevar-se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo” (Sposito, 2004, p. 41 apud Lefebvre, 1983, p. 171).

Segundo Lefebvre, o espaço é produzido a partir da interação entre os diversos atores sociais, que o constroem e o reconstroem a partir de suas próprias percepções e experiências. A produção do espaço, a partir da dialética da tríade concebido, percebido e vivido, é possível a partir de uma análise do processo de ocupação do espaço (Lefebvre, 2013).

> O modo de produção organiza, produz, ao mesmo tempo que certas relações sociais, seu espaço (e seu tempo). É assim que se realiza, posto que o modo de produção projeta sobre o terreno estas relações, sem, todavia, deixar de considerar o que reage sobre ele. A sociedade nova se apropria do espaço preexistente, modelado anteriormente; a organização anterior se desintegra e o modo de produção integra os resultados (Lefebvre,1981, *apud* Carlos, 2016, p. 60).

Partindo das reflexões de Lefebvre, a dimensão do espaço concebido caracteriza-se pelo espaço planejado, projetado, o espaço das normas técnicas que definem como os indivíduos devem utilizar esses locais. É o tipo de espaço que possui a estratégia de garantia da reprodução do capital e do controle da sociedade. É o espaço abstrato e conceitual, previamente concebido em pensamento, para posteriormente ser materializado (Lefebvre, 2013).

O espaço percebido corresponde a forma como as pessoas experimentam o espaço ao seu redor, sendo assim, influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Aquele espaço que possui meios materiais perceptivos aos cinco sentidos e também à memória, permitindo o desenvolvimento de toda a prática social (Lefebvre, 2013). A respeito da memória urbana, vale destacar que:

> A memória urbana está sempre se transformando, em virtude de que os grupos que a guardam na lembrança desaparecem. E, mais ainda, que nem toda a memória da cidade está inscrita em formas materiais. Na verdade se eternizam muito mais nos registros e nos documentos, que servem, enquanto memória histórica, para contextualizar as formas materiais resultantes do passado (Vieira, 2013, p. 18).

A dimensão do espaço vivido refere-se ao vivido por meio de imagens e dos símbolos que o acompanham. É o espaço pertencente aos indivíduos que moram, que frequentam os espaços. Trata-se, portanto, do espaço dominado, experimentado onde a imaginação pode querer modificar. O reconhecimento dessa dimensão do espaço vivido pela sociedade se dá em função das ações quanto ao uso que se faz do espaço. É o espaço pertencente aos indivíduos que frequentam os espaços (Lefebvre, 2013).

O espaço percebido corresponde à prática social que articula o que é vivido de fato com o que é concebido, ou seja, é onde as práticas sociais são conceituadas. Nesse sentido, a prática social pode ser resultado de um confronto entre o que é concebido e o que é vivido. Apesar disso, a dimensão do vivido acaba por adequar-se normativamente ao concebido, ou seja, o habitante acaba por incorporar as imposições da sociedade contemporânea (Lefebvre, 2013).

Para Lefebvre, esta tríade é indissociável. A prática social é como o espaço é percebido, se realiza a partir do corpo. Já na dimensão como o espaço é concebido, o corpo é padronizado, normatizado e obrigado a se adaptar a formas predeterminadas. No espaço vivido é que se alcança um grau elevado de complexidade e individualidade, onde o que é vivido difere do que é pensado e percebido. Por vezes, uma dessas dimensões se sobressai às outras e é papel do pesquisador avaliar os processos de produção do espaço, para assim entender as relações entre esses momentos e auxiliar a sociedade a entender esses processos (Lefebvre, 2013).

A produção do espaço, conforme ensina Lefebvre, não corresponde a uma mera produção material, mas, sim, à produção da vida, da cultura e do modo de ser urbano. Entendem-se, assim, as contradições que existem no novo uso do patrimônio cultural por parte da UFPel. O espaço foi concebido para um uso, mediante normativas

onde os indivíduos deveriam respeitar e se adequar a certas regras impostas, que, muitas vezes, resultavam na manutenção da desigualdade sócio espacial, bem como no controle social.

No caso das indústrias instaladas na cidade de Pelotas, a respeito da arquitetura das construções industriais, a pesquisa analisa esse movimento de cada aspecto da produção do espaço em relação à tríade: o espaço concebido. Conforme a pesquisa realizada por Montagner (2015) a respeito da simplificação da fachada e representatividade da “era da máquina”:

> Localizadas nos arrabaldes da cidade, especialmente na zona portuária, essas indústrias, embora ainda tenham um forte caráter eclético em sua concepção arquitetônica, começam a apresentar fachadas menos ornamentadas e uma maior valorização do plano em si. [...] As indústrias em geral, na questão arquitetônica, possuíam um corpo principal destinado para administração e vendas tratado com maior cuidado, e os blocos de produção, onde é possível observar uma maior simplicidade de composição. Por serem espaços destinados à produção e por estarem situados em zonas periféricas da cidade, as obras industriais de Pelotas, nesse período, mostram uma arquitetura ainda eclética, mas com uma simplificação e racionalidade que predizem um novo momento arquitetônico (Montagner, 2015, p. 51).

O espaço concebido e reconstruído do patrimônio industrial, hoje utilizado para ensino pela UFPel, planejado conforme as normas do Plano Diretor da cidade, é mantido em vista de sua preservação devida à sua importância para a recuperação da memória da cidade, memória que lembra o trabalho. No entanto, por vezes o trabalho era precário, marcado pela exploração da mão de obra e pela demissão de um número significativo de trabalhadores, muitas vezes de uma mesma família, e, dessa forma, perderam seu sustento quando as empresas foram fechadas. Além dessas memórias, no entanto, outras marcadas pela rotina, pelo apito das fábricas, pelos cheiros da gordura animal no Anglo e pelas bolachas na Cotada (Goularte, 2021), demonstravam como esses espaços eram vividos e percebidos pelos habitantes.

Com as desocupações, as propriedades foram postas em xeque. Nesse sentido, surge o novo com a potencialidade que emerge da vida, talvez na sua forma mais radical, dada pela necessidade da sobrevivência desse patrimônio, pelo afloramento e pelo reconhecimento dessa dimensão do espaço, o vivido, que, em geral, é notado a partir de ações radicais, principalmente no que diz respeito ao uso que se faz do espaço.

Os prédios abandonados se transformaram em universidade e as produções se transformaram em ensino. Para completar a tríade, o percebido nesse caso se

expressaria pela realidade cotidiana que agora liga esse patrimônio à academia, o espaço percebido de deslocamento e ocupação por parte dos novos estudantes e servidores que agora transitam, se deslocam e habitam na cidade.

Essas dimensões se articulam e permitem compreender melhor o processo de (re)produção e transformação espacial. Nesse sentido, o novo uso do patrimônio cultural pela UFPel se dá a partir da percepção dos atores sociais envolvidos e que o reconstroem a partir de suas próprias necessidades e interesses. Nesse processo, o espaço é construído e reconstruído a partir da interação entre esses atores que o percebem e o vivenciam de forma diferente. Assim, o espaço é continuamente produzido e isso está sempre ligado ao passar do tempo.

A prática social é o resultado da interação entre essas três dimensões do espaço, no entanto, muitas vezes, a dimensão concebida não corresponde à dimensão percebida ou à dimensão vivida do espaço. Por exemplo, um arquiteto pode conceber um projeto de requalificação para a UFPel com uma ideia de edifício de uso público, mas as pessoas que o habitam podem percebê-lo como um espaço privado e utilizá-lo de maneira diferente. Dessa forma, isso pode levar a um confronto entre a dimensão concebida e a dimensão percebida do espaço.

Da mesma forma, a dimensão vivida do espaço também pode estar em conflito com a dimensão concebida. Pois um espaço pode ser projetado para uma determinada finalidade, mas as pessoas que o habitam podem usá-lo de maneira diferente, de acordo com suas próprias necessidades e desejos. Isso pode levar a um confronto entre a dimensão concebida e a dimensão vivida do espaço.

Entender essa dinâmica é importante para se projetar espaços adequados às necessidades e aos desejos das pessoas que habitam, bem como para que a dimensão percebida e a dimensão vivida do espaço sejam mais coerentes para com a dimensão concebida.

No espaço social, nada desaparece por completo. O anterior permanece como suporte daquilo que o segue. Na proposição de Lefebvre, cada elemento da cultura material e espiritual tem sua data. O método progressivo-regressivo analisa todo esse percurso ocorrido ao longo da história. Assim, decompondo a realidade e descobrindo a gênese contraditória das relações e concepções que persistem no presente, pois a contemporaneidade não é fruto das relações sociais do presente, mas, sim, dos remanescentes de uma época específica, para assim, desmascara-se a aparência da paisagem, e se vislumbra futuro possível (Vieira, 2020, p. 40).

A fim de compreender dentro da lógica a análise que está sendo feita, a seguir será exposto o método de análise aplicado para se fazer a descrição dos objetos de estudo. Será seguida a lógica dialética prevista, segundo o método de Lefebvre (2013), para isso será empregada a realização da análise das dimensões do espaço concebido, percebido e vivido, para cada um dos prédios estudados. Para tanto, analisaram-se como eram, e são, esses prédios nos distintos momentos: na sua origem, no seu desuso e no seu reuso.

3.4 OS EDIFÍCIOS DA UFPEL E AS DIFERENTES DIMENSÕES DO ESPAÇO

O processo de reutilização desses espaços é marcado por permanências e rupturas em relação às funções e identidades originais. A UFPel possui cerca de 19 unidades espalhadas pela cidade de Pelotas, e mais oito unidades no campus Capão do Leão[44]. Nesta dissertação, foram selecionadas para análise as cinco unidades localizadas em Pelotas, que atualmente estão sendo utilizadas para o ensino, e que originalmente tinham outras funções. Nesse sentido, a seguir, serão descritos os contextos: histórico e atuais das unidades analisadas por este estudo de caso que estão, atualmente, sendo utilizadas para o ensino pela UFPel, a partir das pesquisas já realizadas e publicadas por Michelon (2013 e 2019):

3.4.1 Anglo / Campus da UFPel

A área que abriga hoje o Campus Anglo da UFPel, localizado à Rua Gomes Carneiro, nº 1, com frente para o Canal São Gonçalo (Figura 7), sediou, em 1908, a Charqueada de Brutus Almeida. Em 1916, sediou o primeiro frigorífico gaúcho: a Companhia Frigorífica Rio Grande, vendida, em 1924, para a firma inglesa Vestey Brothers. O local permaneceu desativado até 1942, quando se iniciaram as obras de construção e adequação do novo frigorífico, batizado com o nome de Frigorífico Anglo, finalmente inaugurado em 1943 após meses de intenso trabalho.

A planta industrial de Pelotas chegou a empregar cerca de 15 mil operários, permitia o abate diário de mil bovinos, 500 suínos, 500 ovinos e mil aves. Em diversas ocasiões, foram produzidas conservas de legumes e frutas. Ao longo do tempo, em

[44] Dados disponíveis em https://wp.ufpel.edu.br/mundoufpel/2023/04/17/mapa-das-unidades-e-cursos/ Acesso em 30 abr. 2024.

seus seis hectares de extensão, prédios foram modernizados, adaptados e construídos para aperfeiçoar ou implantar novos processamentos e produtos. Manteve-se assim até o seu fechamento no início da década de 1990, quando o grupo empresarial inglês, vendeu todos os seus frigoríficos na América do Sul (Michelon, 2012, 2013, 2019, Müller *et al*, 2015).

"Entre os anos de 2005 e 2006, a UFPel comprou uma parte e recebeu em doação da Fundação Simon Bolívar a outra parte da área antes ocupada pelo complexo industrial. Intensas modificações foram feitas para adaptar a antiga fábrica ao novo uso"[45]. Na Figura 8, é possível observar a revitalização de uma das fachadas do prédio.

Figura 7 - Antigo Frigorífico Anglo.

Fonte: SECULT_Pelotas, anos 90.
In CHAVES 2022 [46].

Figura 8 - Campus Anglo UFPel.

Fonte: Foto da Autora, 2023

As edificações mantiveram suas fachadas e ainda dão a conhecer a aparência que tiveram no passado. Atualmente, além da sede administrativa da UFPel, a área é destinada à produção de alimento para o espírito. Após receber a Reitoria e pró-reitorias, em 2009, a área do antigo frigorífico passou a instalar as primeiras unidades acadêmicas nos semestres seguintes; atende hoje cerca de 3.695 estudantes, distribuídos em 27 cursos: Centro de Letras e Comunicação (CLC); Faculdade de Enfermagem (FE); Faculdade de Nutrição (FN); Centro de Ciências Sociais e Organizacionais (CCSO); Instituto de Física e Matemática (IFM — Matemática - noturno); e o Departamento de Economia (DECON/CCHS). A UFPel possui uma Rede de Museus, que inclui um "Memorial do Anglo" que apresenta um acervo em dois

[45] Informações disponíveis no site: http://wp.ufpel.edu.br/45anos/Anglo/
46 Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/items/df8f9e64-7485-4ba0-909d-2202347eee52 p. 189. Acesso em 29 nov. 2023.

formatos: físico e digital[47], o físico se encontra no 3º pavimento do Bloco B, onde, na época do funcionamento do frigorífico, ficavam as câmaras frias. Seu acervo conta com fotografias com recursos audiodescritivos, maquetes e esquemas táteis em braile.

Quanto ao Concebido

Esse local é fruto de um lento desenvolvimento que se iniciou em 1908, quando foi a sede de uma charqueada, em 1916, instalou-se, ali, o primeiro frigorífico gaúcho; e, posteriormente, abrigou o frigorífico Anglo em 1943 com a expectativa de ser o maior empreendimento industrial de Pelotas. Ao longo do tempo, esses prédios foram sendo construídos, modernizados e adaptados "para aperfeiçoar e implementar novos processamentos e produtos", mantendo-se desse modo até o seu fechamento, ocorrido em 1990 (Memorial do Anglo). "Após o fechamento, o complexo inglês foi vendido para o Grupo Casarin, o qual tentou dar continuidade às atividades frigoríficas, mas logo veio à falência. Suas instalações ficaram sob intervenção da Justiça do Trabalho" (Lopes e Schmidt, 2018, p. 405).

O espaço concebido perde a destinação para a qual foi originalmente construído, seus corredores ficam vazios e parte de seu maquinário é vendido. Em virtude do contraste entre o novo e o antigo, muitas vezes pretendido em projetos de reutilização, tem-se que:

> a edificação, que antes vinha sofrendo com abandono em função do fim das atividades produtivas da empresa, hoje está sofrendo grandes intervenções, sem o acompanhamento apropriado, para contemplar a Universidade com modernas instalações [...]. As intervenções, que vêm acontecendo sem registro e sem acompanhamento nessas edificações, se limitam ao valor econômico do terreno e da área construída, não considerando seus valores culturais. Ao verificar as imagens de antes e depois das intervenções, fica evidente a falta de respeito com o patrimônio público, pois as demolições não se justificam sob nenhum aspecto, nem mesmo sob o ponto de vista econômico (Salaberry, 2012, p. 47).

Houve a substituição do cimento penteado[48] da fachada, um descarte incoerente cujas motivações não se justificam, conforme defendido por Vargas e

47 Memorial do Anglo. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/memorialdoAnglo/. Acesso em 29 nov. 2023.

48 Cimento penteado, nomenclatura usada no sul do Rio Grande do Sul, é um tipo de envoltória externa da edificação, revestimento de argamassa cimentícia, massa lavada ou cimento batido no seu acabamento e a raspagem com escova de aço, para durabilidade, pois confere proteção da ação das intempéries, baixa manutenção e acabamento estético em ornamentos decorativos confeccionados com o mesmo material. Esclarecimento disponível em:

Castilho, do ponto de vista econômico, nem do ambiental: é injustificável (Vargas e Castilho, 2009).

> É importante destacar que essas edificações estavam em razoável estado de conservação. Dentre as intervenções cometidas na "reforma", foram demolidos revestimentos de "cimento penteado", um acabamento que, independentemente de ser reconhecido como de valor cultural, não necessita de manutenção alguma, para substituir por outro que necessita de manutenção constante (Salaberry, 2012, p. 48).

.

O processo, que obriga os espaços a se adaptarem a uma nova função, é sempre delicado. As novas funções transformam os espaços degradados. Em relação às problemáticas do processo de construção, transformação, restauro e adaptação, os entrevistados enfatizam, sobre o Campus Anglo, que, na prática:

> *Analisando a questão da construção, ela é um processo mais difícil, pegar prédios históricos e transformar/adaptar eles, fazer o restauro e a adaptação, uma reciclagem, para uso acadêmico, é mais difícil, porque nós temos toda uma legislação, exigências do patrimônio. Os projetos da UFPel de conservação e restauro são feitos por arquitetos. A questão que define o que se fazer, nós respeitamos o limite mínimo estabelecido pelos órgãos de controle, submete à apreciação o IPHAN e da secretaria de cultura, e, dentro das características que eles dizem que precisa preservar, nós trabalhamos a partir disso, porque uma adequação de um prédio muitas vezes tem bastante mudanças, considerando as demandas, e então se trabalha em cima da pesquisa e extensão, temos que atender aos anseios acadêmicos, dos professores alunos e funcionários, mas ao mesmo tempo, precisamos respeitar o patrimônio edificado. Cada projeto é individual, não dá para utilizar um parâmetro feito em um prédio histórico para usar em outro (Entrevistado TAE 122).*
>
> *Demanda tanta reforma, muita coisa que nunca chegou ao que deveria ter chegado, uma década depois, ainda tem muita coisa pendente, e coisas que acho que nunca serão alcançadas a qualidade que deveria (Entrevistado TAE 123).*

Na prática, "dificilmente se encontram orientações prontas nas teorias do restauro, legislações, normas ou cartas patrimoniais", pois as soluções estão "sujeitas às condicionantes da realidade preexistente" (Heidtmann Junior, 2007, p. 17). Como as necessárias adequações em relação às leis e normas vigentes para adaptação, como ressaltado por um dos entrevistados:

> *Por ser um prédio que tem que preservar, precisamos adequar as necessidades dos usuários, considerando também a legislação. Mas precisa haver mudanças, pois os prédios históricos não tinham as características que precisam hoje, as questões de PPCI - Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndios. Se discute com os bombeiros se faz as adequações necessárias, atender à norma 9050 - legislação de acessibilidade. Precisa acessibilidade, pois estamos em um ambiente que é plural, precisa elevadores, tem pessoas que têm mobilidade reduzida, necessidades temporárias que precisam utilizar (Entrevistado TAE 122).*

---

https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/12/Gisela-de-Albuquerque-Frattini-%E2%80%93-2006.pdf. Acesso em 30 abr. 2024. Em Pelotas existem muitas construções com esse revestimento: a Catedral São Francisco de Paula, o Teatro Guarany e o Castelo Simões Lopes, além de também ser utilizado nas arquiteturas industrial e residencial.

A respeito da preservação e a necessidade da adequação, diante da preocupação com o desaparecimento, a demolição e a destruição do patrimônio histórico significativo. Pelo custo de manutenção, inadequação aos usos atuais (Choay, 2006), o participante destaca:

> *Precisa ter um equilíbrio, não adianta ter um prédio histórico sem uso. O metro quadrado da construção é caro, então ter o prédio que vou usar 5% dele e o resto todo preservar não faz sentido. A gente tem que trabalhar com a realidade, precisamos de espaço e temos que atender em primeira mão, é ensino/pesquisa/extensão levar em consideração o que define a legislação e levar em consideração o patrimônio. Não vamos demolir tudo (Entrevistado TAE 122).*

Nesse sentido, compreendem-se os desafios propostos pela reprodução do espaço, concebido inicialmente como a sede de um frigorífico, e, agora, dedicado a uma nova função. Ao ser questionada sobre o entendimento dos novos usuários, sobre se possuem consciência da preservação desses prédios, uma entrevistada informou:

> *Quem chega no Anglo à primeira vista pensa: que é isso? Explodiu uma bomba. Ali, no paliteiro, por exemplo, pois se chega ali e vê só uma estrutura de pilares, e uma laje, uma chaminé quebrada pela metade porque ela está semi demolida (figura 9). Tem lugares com entulho de demolição. O que é isso? As pessoas ficam se perguntando. Aí seria bem importante trabalhar com educação patrimonial. As pessoas aqui no Anglo se dão conta de que estão num lugar que tem uma história quando vão no Memorial, esses lugares de memória são superimportantes de se manter quando se tem um novo uso, uma preexistência. As pessoas têm mais impacto ao chegar é aqui no Anglo porque ainda tem partes abandonadas que causam muita estranheza. Chega aqui e estaciona e olha para esse prédio que tá caindo, o que aconteceu? Mas, aqui, mais ou menos, se dá conta que isso não é novo, tinha outra coisa aqui. É bem importante esses lugares que mostram o que era antes, o que foi, para que as pessoas entendam que é um patrimônio. A universidade optou por isso. Hoje tem todo esse esforço de manutenção e conservação, que aquele prédio faz parte da universidade e também faz parte da cidade e tem toda uma história (Entrevistado TAE 121).*

> *No Anglo deve manter a chaminé como marco temporal, merecia uma praça em torno, uma área de lazer, um trabalho paisagístico, construir mais uns blocos. Precisava ser mais funcional, mais humanizada, mais conforto, mais adaptada ao clima local ao construir, queria contemplar um jardim (Entrevistado Discente 111).*

Conforme demonstrado na Figura 9, a chaminé pela metade preservada, sem nenhuma identificação, no meio do atual campus Anglo/UFPel, causa estranheza.

Figura 9 - Campus Anglo: paliteiro e a chaminé semidemolida.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Quanto ao Percebido

A cidade de Pelotas, possuidora de seus contrastes, nota-se que o Canal São Gonçalo, “em cujos cursos d’água antigamente navegava a riqueza produzida na cidade, além de serem usados para drenagem e despejo das fábricas, são agora irreconhecíveis, com esgoto a céu aberto e abandono” (Salaberry, 2012, p. 45).

Com a instalação da UFPel no antigo Frigorífico Anglo, houve uma expectativa de revitalização do lugar devido à sua relação com a universidade. Entretanto, o coordenador adjunto do programa REUNI da UFPel, em 2011, ressalta que a UFPel é uma instituição de ensino e pesquisa, e que quebrar esse paradigma segundo a qual a Universidade deve ser responsável pelo município é um desafio[49]. No entanto, nas entrevistas, foram feitas as seguintes observações acerca do que aconteceu com o passar dos anos:

> *Foi uma solução acertada nessas aquisições porque hoje a gente está vendo o que é o Porto. A cidade se obrigou a desenvolver, as ruas, as vias melhoraram, o fato de ter os alunos, o comércio melhorou nessa região, os imóveis para aluguel melhoraram. Então, a zona do Porto, o plano diretor, está em crescimento ainda em função da implantação da universidade nessa região. E se analisar em âmbito social e histórico, quem que ia ocupar esses prédios, o que seria da zona do Porto se não fosse a UFPel? Se a gente olhar hoje para o bairro Porto, tem um monte de movimento, porque a universidade está aqui. Aonde vai à universidade também leva um pouco de evolução, tecnologia. As cidades que têm universidade têm outro viés econômico também. Universidades que estão no interior do estado são locais que só estão melhor desenvolvidos porque foi uma universidade. A universidade leva conhecimento e leva tecnologia e mexe com a economia, e isso aconteceu*

[49] Pesquisa sobre o bairro Balsa e a criação do Campus Porto/UFPel, realizada em 2012 por Karpinski, Lila Fátima. Disponível em https://repositorio.furg.br/handle/1/9943. Acesso em 13 abr. 2024.

> *na zona do porto. Então, foi a melhor decisão e, pelo momento foi a melhor decisão (Entrevistado TAE 122).*

> *Isso era um lixão antes, estava caindo. Aproveitaram os prédios. O problema é que estão reformando, é meio rústico, a frente do Anglo é bem feia. Agora estão trocando por janelas de alumínio pra ficar mais bonito (Entrevistado Público Externo 144).*

Sobre como as pessoas percebem, experimentam e sentem o espaço ao seu redor, e acerca das contradições existentes no novo uso do patrimônio cultural por parte da UFPel, um discente vindo de outro estado do Brasil, afirma:

> *O RU (Restaurante Universitário) e a biblioteca do Anglo são lugares bons que dão conforto emocional, ambiental. Os demais prédios são frios, sem paisagismo em seu entorno, que não dialoga com nada, um matagal, árvores que podiam ser melhor aproveitadas, terrenos que poderiam ser construídos mais prédios, para desocupar prédios que a UFPel aluga (Entrevistado Discente 111).*

Em relação ao espaço social, nada desaparece por completo: o anterior fica como suporte daquilo que segue, o espaço acumula a sua história. A dialética se dá entre ações novas e uma "velha" situação, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente (Santos, 2006). Nesse sentido, em entrevista, uma docente fez a seguinte afirmação, a respeito da percepção dos ambientes:

> *Alguns novos usuários acham um ambiente pesado pela morte dos animais, sangue (na atividade passada). Atividades criativas que traz coisas novas, como a educação, seria uma forma de purificar e limpar o lugar dos aspectos negativos do lugar, também a respeito da época da escravidão...Os relatos atuais das pessoas que trabalham no Campus Anglo, não há relatos de acharem o ambiente pesado. A estrutura da UFPel não é muito comum nas universidades, o pessoal que vem de fora, os alunos ficam meio perdidos, qual prédio e o outro curso é em outro prédio... ficam perdidos. A primeira impressão é de estranhamento, curiosidade e acham interessante. O prédio que estava abandonado, agora está tendo um uso atual (Entrevistada Docente 101).*

Os trabalhadores do comércio nas redondezas relatam as alterações percebidas com o passar do tempo em relação aos frequentadores do local, bem como as dificuldades em relação ao período de férias, greve, pandemia e recentemente, ainda na enchente, razões de enorme diminuição do movimento nos estabelecimentos comerciais locais:

> *Eu trabalhei 5 anos no frigorífico Anglo, no controle de qualidade. Foi muito triste quando fechou. Eu morava pertinho. Depois trabalhei num laboratório. O frigorífico ficou muito tempo parado, mas aí surgiu a universidade, foi um up. Faz 18 anos que tenho o comércio aqui, agora vêm os alunos, uma aluna gostou tanto que traz seus colegas. Teve uma mudança pra melhor, não muito, mas teve uma boa melhora, no movimento, os alunos procuram bastante. Aqui na rua era barro e a prefeitura pavimentou. Agora tem bastante movimento na rua, aqui era uma vila bem isolada (Entrevistada Público Externo 142).*

> *Acho muito bom, os alunos vêm de dia e de noite, às vezes dá uma correria na hora do almoço, e às vezes, de noite, eles se embolam aqui, muita gente. O interessante de ser aqui é que é longe do perímetro urbano da cidade. Aqui não é perigoso, mas o deslocamento em direção ao centro é perigoso. A universidade vai até as 23 h e nós ficamos, às vezes, até a meia-noite aqui. Na época da greve, foi desesperador. O movimento maior é do pessoal da universidade (Entrevistada Público Externo 143).*

No espaço percebido, que corresponde a forma como as pessoas percebem e experimentam o espaço ao seu redor, permiti o desenvolvimento de toda a prática social (Lefebvre, 2013), a prática percebida nas alterações no movimento das pessoas nesse local, pela melhora devido à pavimentação da rua e a noção de perigo à noite.

Quanto ao Vivido

Em 1908, existia uma charqueada nesse local, onde trabalhavam os escravos, que tinham o árduo trabalho com o gado, o matadouro e a carne. Posteriormente, com a abolição da escravatura e a instalação do frigorífico em 1916, a mão-de-obra passou a ser a assalariada. Houve cerca de 15.000 operários (carpinteiros, mecânicos, pedreiros, serventes, motoristas, magarefes, entre outros) entre os anos de 1940 e 1960. Abatiam-se cerca de mil bois, quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves por dia. Era produzida carne frigorificada, enlatada e conservas de frutas e verduras enlatadas diversificadas conforme as safras. Essa produção também foi exportada principalmente no período da 2ª Guerra Mundial (Memorial do Anglo; Muller, *et al.*, 2015). Em entrevista, foi feita a narrativa:

> *Trabalhei no frigorífico Anglo. Minha família praticamente toda trabalhou no frigorífico Anglo: tios, pais. Vinha de família para família: ficava maior de idade e já vinha trabalhar aqui. Foi uma época bem boa, em termos financeiros. O serviço era bem puxado, a questão de hora extra era recompensada financeiramente; se ganhava muito dinheiro, se adquiriu muita coisa, construímos nossas casas, foi uma época bem boa. Moro bem pertinho do ladinho é só atravessar a rua, no ladinho na Balsa. Os meus familiares também moram na Balsa esparramados perto. Eu nasci aqui, mas a minha família é de Piratini, meu pai veio trabalhar novo aqui, trabalhou a vida inteira aqui e se aposentou. Eu trabalhei 4 anos no frigorífico Anglo. Quando fechou, eu estava trabalhando, entrou o pessoal da justiça do trabalho e começaram a lacrar tudo, e disseram para se retirarem do prédio que está fechando. Bah, foi muito triste, a gente preocupada com o emprego da gente, a situação financeira, como que ia ficar. Meu pai, faltava pouco para se aposentar quando fechou, então ele chorou feito criança. Ele dizia: o que vai ser de mim? Aí eu disse, ti acalma, falta pouco, a gente vai pagar isso aí, vamos resolver. E no fim deu tudo certo, fomos todos indenizados, todo mundo recebeu seu dinheiro, sem problema nenhum. Era uma firma estrangeira que estava aqui, nunca tivemos problema financeiro com eles. Foi uma tristeza quando fechou. Depois ficou anos e anos abandonado (Entrevistada trabalhadora terceirizada 131).*

Durante o período que ficou sem destinação (1990 – 2005), o espaço foi apropriado para lazer e pesca. Algumas escolas das redondezas, eventualmente, também desenvolviam atividades de educação física no espaço do frigorífico Anglo nesse período. Outras atividades que também aconteciam foram relatadas:

> *No antigo frigorífico Anglo de Pelotas, eventualmente eram desenvolvidos exercícios de treinamento com a Guarda Municipal em conjunto com a Brigada Militar e o Exército (com cerca de 50 membros dessas instituições). Os agentes realizavam uma guerrilha, subiam armados, utilizando até gás lacrimogêneo. Foi antes do ano 2000 (informação cedida pelo participante externo 141).*

Os conflitos na dimensão vivida se verificam nas incoerências relatadas pela docente entrevistada a respeito do Projeto “Visitas monitoradas pelos prédios da UFPel”. Quando alguns convidados, moradores do Bairro Balsa, aceitaram participar do projeto, fizeram os seguintes relatos:

> *Eles não sabiam que podiam visitar. A universidade precisa ser mais aberta, parece que não é pública – incoerência do muro. Familiares que trabalhavam no Frigorífico Anglo. O bairro Balsa absorveu o êxodo da zona rural e das cidades próximas: Canguçu, São Lourenço, Arroio Grande, Bagé, Pinheiro Machado, Dom Pedrito, as cidades maiores atraindo trabalhadores. O fechamento das empresas foi um impacto grande para as famílias de trabalhadores (Entrevistada Docente 101).*

Os prédios com essas dimensões concebidas, sem manutenção, se tornam perigosos para o convívio da população. É importante projetar espaços adequados às necessidades e aos desejos das pessoas que os habitam. Nesse sentido, o entrevistado TAE 122, relatou:

> *A universidade é o melhor órgão para estar nesse prédio, porque ela consegue fazer as adequações e tem o conhecimento necessário para saber da importância de um prédio histórico para uma cultura. A Universidade traz a cultura, utilizar os prédios do porto tem muito a questão social que deve ser considerado, não é tanto a economia, pode até ser mais caro, ter mais problemas, mas se não for a universidade, quem iria fazer esse movimentar a economia e energia desse bairro que era uma terra de ninguém? Daqui a pouco, estaria que nem aqueles filmes de faroeste rolando uma bola de palha com o vento. Isso faz parte com o desenvolver da cidade. Por que não utilizar? É bonito, perto da água, é muito além de analisar o prédio em si, a área da convivência acadêmica foi uma ótima ideia (Entrevistado TAE 122).*

Sobre o patrimônio industrial utilizado pela UFPel, na entrevista foi perguntado quais os pontos positivos e, quais os negativos dos novos usos em relação às vivências nos espaços nesses prédios do Campus Anglo/UFPel, ao que as entrevistadas responderam:

> *Não se conseguiria construir um campus novo em um local tão privilegiado como esse na questão da paisagem natural. Um prédio novo não apresenta as dificuldades que uma preexistência apresenta, mas a qualidade de vida, de fruição do espaço, seria outra, porque, aqui no Anglo, a questão da qualidade de paisagem, uma qualidade de ambiente fenomenal que não se*

> *teria se tivesse um espigão no centro, problema de estacionar, não tem onde sair para tomar um ar fresco. O ponto negativo, porque as pessoas olham e veem falta de manutenção, mas a valorização é o ponto positivo que é a universidade estar dentro de preexistências. Eu vejo que as pessoas valorizam. Claro tem seus pontos negativos, tem que respeitar normas, não pode botar ar-condicionado onde quer, tem que seguir uma padronização, tem que manter o patrimônio, manter a volumetria e a fachada (Entrevistado TAE 121).*

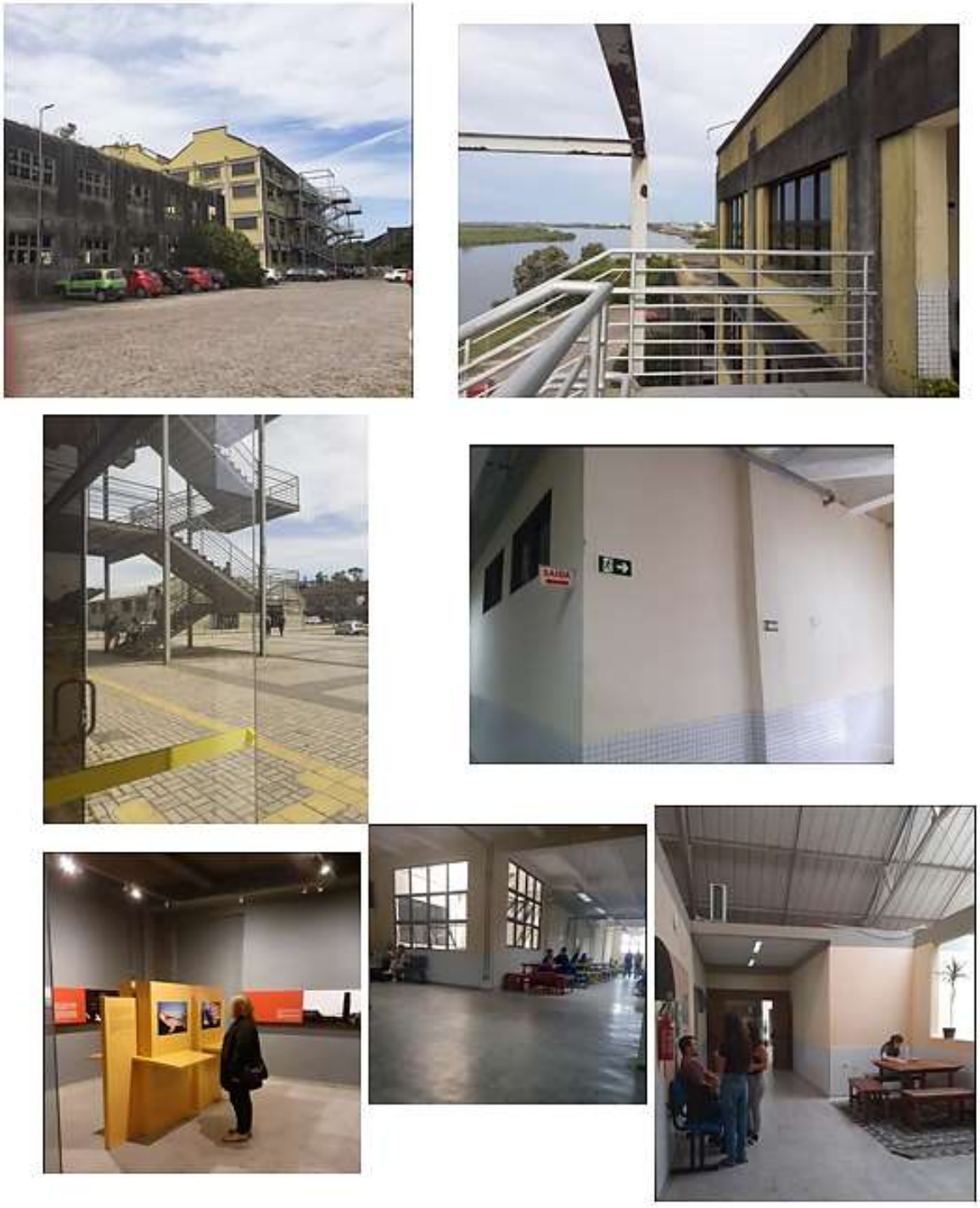
O espaço vivido é o espaço pertencente aos indivíduos que o frequentam, experimentado em função das ações e do uso que se faz do espaço. Portanto, é o espaço dominado, onde a imaginação pode querer modificar (Lefebvre, 2013). Conforme relatado, modificações são necessárias, mas à falta de manutenção e às normas de preservação que não permitem a instalação de ar condicionado.

No quadro 4 está a descrição do *Walkthrough* realizado no Anglo/UFPel:

Fotos Anglo/UFPel	*Walkthrough* Campus Anglo/UFPel
	A sensação de quem não é da área, tem uma sensação ainda de ruína, pois olha alguns prédios que são históricos que estão em processo ainda de execução, o Reuni terminou, mas a universidade ainda está em processo de consolidação, pois é uma coisa que leva tempo e é constante, porque a universidade é dinâmica (Entrevistado TAE 122). *As escadas metálicas foram postas para afetar menos a característica histórica do prédio, e segurança. Não é a melhor opção. Não é, pois exige muita manutenção, mas para o prédio histórico é a melhor solução. Para construção o ideal que fosse de concreto. Essas coisas que temos que ponderar, nem tanto a preservação, nem tanto a ocupação. Com isso, o prédio sendo utilizado, a história é evidenciada. Estruturas metálicas confrontando com o histórico (Entrevistado TAE 122).* *No Anglo eu vejo que as pessoas aproveitam muito, à beira do canal uma paisagem linda, as pessoas ficam em volta das árvores, vão ali no deck, e, hoje em dia, onde se encontraria um local assim para construir um lugar novo? Nem se sabe se existe, um terreno assim disponível para construir uma estrutura dessas (Entrevistado TAE 121).* *Falta um projeto de paisagismo, o campus precisa ser mais agradável, do ponto de vista visual. Na entrada do portão principal, quem não conhece não sabe onde está entrando (Entrevistado Discente 111).* *Um ponto de acerto é o Memorial, os alunos têm que saber onde estão estudando, para valorizar mais e saber que muitos dos seus podem ter passado aqui quando fábrica: avós, tios, pai, mãe, gerações anteriores à sua. A UFPel precisa se abrir mais e incentivar (Entrevistado Discente 111).* *Essa proposta de uso de prédios históricos é boa. O porto era marginalizado antes da universidade se instalar nestes prédios, com o uso desses espaços. Mas a reforma é mais onerosa que uma construção inicial, desde 2008 está em obras, o gasto é muito grande para o restauro desses prédios. A universidade está sempre reformando prédios, quando isso vai terminar... tem o*

	crescimento de cursos, aí demanda mais... (Entrevistada Docente 101). *Quando a UFPel chega faz um muro. A universidade é pública, mas não permite a entrada das pessoas, nem para o lazer aos finais de semana (Entrevistada Docente 101).* *A cidade ganhou nesse sentido, prédios com valor patrimonial e sua história em relação à cidade, esse é o ponto positivo, a valorização do patrimônio desses espaços apropriando para uso educacional, para geração de conhecimento e de coisas novas. O patrimônio é dinâmico ele vai se modificando ao longo do tempo e se adaptando aos novos tempos. Pelotas historicamente é uma cidade vinculada à educação, e quando se viu que o porto perdeu seu espaço de produção, a universidade se instala, que é um outro tipo de produção – intelectual, simbólica, mas continua esse aspecto produtivo no porto (Entrevistada Docente 101).*
Fonte: acervo da autora, 2024	Trechos de entrevistas, 2023 e 2024

Figura 10 - Registro fotográfico *Walkthrough* no Campus Anglo/UFPel



Fonte: Autora, 2024

Durante *Walkthrough,* realizado no Anglo/UFPel, uma estudante, ao ser questionada sobre o “Memorial do Anglo” respondeu que conhecia, mas, ao ser comentado, que aqui era um frigorífico antes, ela ficou admirada e falou “*era aqui esse frigorífico? Agora que entendi que era aqui*” (Entrevistada Discente 112).

O que se observa nas entrevistas é que alguns grupos de atuais usuários desconhece o significado do patrimônio, e desconhece seu valor simbólico, como

ressalta Santos (2006), “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (Santos, 2006, p. 222).

3.4.2 Cosulã / Campus de Ciências Humanas e Sociais/UFPel

O CCHS (Campus de Ciências Humanas e Sociais), ocupa o prédio que corresponde a um dos prédios da antiga Cooperativa Regional Sudeste dos Produtores de Lãs Ltda. - Cosulã (1948 a 1992), localizado à Rua Alberto Rosa, n.º 154 (Figura 11). “Manteve sua atividade de produção e comércio de lã (lã bruta, lã lavada, tops, fio tricô, crochê e de malharia, couro e peles) até meados de 1990” (Michelon, 2019, p. 142).

A Cosulã foi uma das maiores cooperativas do gênero no Estado do Rio Grande do Sul por possuir um dos maiores rebanhos ovinos. Visava fortalecer o setor, que naquele período estava em franca expansão. Possuía objetivos sociais em seu estatuto, tais como: a assistência ao produtor ovinocultor, a difusão de melhores métodos de tosquia para se aumentar a produtividade e a qualidade, bem como para se evitar desperdícios, o fornecimento de insumos, a abertura e a manutenção de depósitos para armazenar a lã, onde se classificava o produto conforme os padrões comerciais vigentes em mercados industrializados (Baptista, 2002). Diversos fatores levaram à desastrosa falência do setor, como a falta de incentivo do governo, a crescente industrialização de fios sintéticos, o que tornou o mercado restrito, o contrabando, que desviava parte da produção, afetando a cooperativa, e as dívidas (Baptista, 2002).

Figura 11 - Antiga Cosulã.

Fonte: Fábrica Cosulã. Bach, Alcir Nei. Acervo de Ione Dilli. [50]

Figura 12 - Campus CCHS/UFPel

Fonte: Autora em 14/09/2023

[50] Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990). Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. ICH – UFPel. 2017

Posteriormente, o local foi adquirido mediante compra pela UFPel em 1996 (Figura 12). Aí, a universidade implantou o Instituto de Ciências Humanas (ICH), o Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP), e a Faculdade de Educação (FAE), somando um total de 12 cursos de graduação, 12 de pós-graduação mais dois cursos pelo Ensino à distância (EAD) que integram o CCHS e que precisam ocupar outros prédios para aulas inclusive, atualmente o prédio do Campus II está sendo alugado para abrigar cursos do ICH.

Quanto ao Concebido

Sempre que a sociedade sofre uma mudança, as formas (tanto as novas como as velhas), assumem novas funções. Essa mutação cria uma nova organização espacial. O prédio foi construído para ser o depósito de lã da região, de modo que o seu interior contava com espaços amplos. Com a implantação do ICH, do IFISP e da FAE, a UFPel começou a realizar as adaptações necessárias, construindo divisórias para formar as salas de aula e secretarias, conforme relatado pelo entrevistado TAE 223:

> *Segundo a PROPLAN, essas divisórias duplas ou triplas, são isolantes acústico. Mas não sei se funciona, pois sempre tem alguma coisa, um buraco, uma passagem, pois teria que ser totalmente bloqueada. Tem uns nichos altos, acho que era para guardar a lã antes, colunas alçapão que não se sabe pra que era, pra que servia. A gente tem que se adaptar ao prédio antigo, que está sempre precisando de manutenção. Esses dias, o forro estava caindo, o forro cedeu pelo peso do equipamento de prevenção de incêndio, espaços grandes em cima do forro, que às vezes até tem bichos A gente tenta manter o prédio mais aconchegante, pois ele não foi feito pra isso, melhorar o piso, as paredes, a pintura, a gente entende que isso ajuda até no combate a evasão de alunos, pois se sente bem acolhido, se sente bem, é um espaço que ele pode vir estudar. A gente tenta melhorar, até onde dá (Entrevistado TAE 223).*

Conforme Santos, “as rugosidades, vistas individualmente ou nos seus padrões, revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados”. Essas formas podem exercer outras funções limitadas por sua própria estrutura (Santos, 2006, p. 92). Em relação a essas problemáticas no processo de transformação e adaptação, na entrevista, a TAE fez as seguintes observações:

> *O prédio possui espaços inviáveis para qualquer coisa, tem paredes de 7 a 8 metros de altura, e nenhuma janela, nenhuma ventilação, é um galpão bizarro, e com um problema de acústica muito sinistro, nem dá para conversar lá dentro, dá muito eco. Tem uma escada no final do corredor, mas não é sinalizado e o acesso é entre um lance e outro, tem que subir até a metade*

> *para poder descer. Essa é a saída de incêndio, mas falta sinalização (Entrevistado TAE 221).*

Nesse relato, se observa a problemática da reutilização das estruturas materiais concebidas, enfatizando a dificuldade de uso, na prática. Assim, inúmeros problemas enfrentados no dia-a-dia pela utilização de bens patrimoniais remanescentes de forma nem sempre compatível.

Quanto ao Percebido

A forma como as pessoas percebem e experimentam o espaço ao seu redor, influenciado por fatores sociais, como aconteceu na região próxima à antiga Cosulã. Nas entrevistas, relataram-se alterações, comparando-se o antes e o depois de a UFPel ter passado a reutilizar o prédio:

> *Não tinha segurança, não tinha movimento, era tudo deserto, essa parte do Porto, era tudo deserto, não tinha iluminação. Foi tudo adequado depois que a universidade veio (Entrevistada Trabalhadora terceirizada 231).*
> *A vinda da UFPel alterou bastante, tanto é que o quadrado antigamente se chamava doquinhas, era um antro de marginais, ninguém se arriscava de ir pra lá, era um banditismo, um horror. Eu falo porque me criei aqui na zona do São Gonçalo. Desde pequeno a gente notava que o pessoal tinha essa existência, e, hoje, não, tem uma conotação diferente. O quadrado se tornou um ponto turístico, tem esse movimento das pessoas indo pra lá. Volta e meia tem uns eventos que eles fazem pro lado do porto (sofá na rua), nesse aspecto. Assim, a universidade acabou trazendo isso tudo. Pra nosso comércio, não posso me queixar, hoje, a gente conseguiu meio que contrabalançar a questão das férias e das greves. A universidade faz falta para a cidade inteira (Entrevistado Público externo, 241).*

No avanço da vida do homem, ocorrem transformações na sociedade. Assim, conforme Santos (2006), quando um indivíduo se depara com um ambiente que não contribuiu para a criação, cuja história ele desconhece e cuja memória é desconhecida, esse local é o cenário de uma intensa alienação. Nesse sentido, os informantes relataram em entrevista:

> *No ICH (CCHS) ele tá requalificado já. Então, para uma pessoa que é leiga, que não se dá muito conta de patrimônio, ela passa ali e talvez não perceba (Entrevistada TAE 121).*
> *Na Cotada, Alfândega e no Anglo eles (UFPel) preservaram os nomes, mas Cosulã não. Infelizmente, os alunos não sabem (Entrevistado Público externo, 241).*
> *É fundamental que as pessoas conheçam o espaço que elas estão inseridas, pois aqui foi um espaço de experiências de trabalhadores. Se for um quadro que remete um pouco da história, eu acho fantástico, ou um totem na frente. As pessoas às vezes pensam que tudo já estava dado, sobretudo os jovens que acham que as coisas sempre estiveram ali, então, eu acho, sim, que vale a pena colocar. De repente, fazer um memorial maior em um dos prédios e colocar placas de identificação contando a história, afinal, temos o curso de história aqui (Entrevistada Docente 204).*

> *Eu cheguei em 2010 aqui e não tinha a noção de que isso aqui tinha sido a Cosulã, nunca ninguém me contou, comecei a dar aula e foi num trabalho de uma disciplina que eu fui atrás dessa história, aí fui me dar conta do que se tratava. Então, na verdade, ela não é uma informação, essas janelas não são informação de nada, até que tu contemple, ela é apenas uma janela que não fecha, não funciona por razões que a gente conhece. Então, eu acho que eu não me importaria que o espaço fosse modificado que ficasse mais funcional, desde que o registro dessa história estivesse em algum lugar. Mas é claro que o ideal também seria a gente poder ter um espaço que fosse funcional e, ao mesmo tempo, um espaço com identidade histórica. Eu acho que isso é uma coisa bacana. Seria bem interessante, uma identidade da história da Cosulã, ao mesmo tempo que fosse funcional, esse seria o ideal (Entrevistada Docente 202).*

Nas questões trazidas acima, é possível notar que algumas pessoas não percebem, não sabem nem conhecem, principalmente os mais jovens, não são informados, por não possuir uma divulgação da história do lugar. E o desejo de que o espaço fosse mais funcional e com sua identidade histórica.

Quanto ao Vivido

O espaço acumula a história do homem. Todas as formas que vão sendo deixadas por gerações anteriores podem ser reutilizadas, reformadas, revalorizadas. No período anterior à vinda da UFPel, o espaço tinha outros usos, conforme relatos:

> *Quando fechou (a Cosulã e a maioria das empresas e fábricas no bairro Porto), ficou abandonado. Por ser uma área que tem casas muito grandes, ficou circulando pouca gente. O porto, quando funcionava, tinha muitos redevu, mas a parte de comércio era muito fraco, uma zona guardaclã. Os marinheiros vinham para as boates, os barzinhos na volta se mantêm, mas na época era outra conotação (Entrevistado Público externo, 241).*

Segundo Lefebvre (2013), a dimensão do espaço vivido pertence aos indivíduos que frequentam os lugares e o experimentam, em função das ações, de uso que se faz do espaço. Com a instalação da UFPel na Cosulã, verificou-se uma alteração de frequentadores e de ações no uso dos espaços. Conforme relatos:

> *Tem muita coisa que a universidade dá para os jovens agora, com o Enem. Na nossa época não tinha disso, mas também ficou muita gente desempregada, diminuiu bastante (as ofertas de emprego). Tem os prós e contras, a Cosulã empregava muita gente, e ajudava os produtores, mais que a universidade. Mas aí foi caindo. Agora a universidade, quanta coisa faz. Na época da gente não tinha essas facilidades de estudar como tem hoje. Eu tenho duas filhas que estudam na UFPel, uma faz Educação Física na Esef, e a outra faz Letras no Anglo (Entrevistada Trabalhadora terceirizada 231).*

Nos relatos, verificam-se as mudanças vividas nos espaços, os empregos e a ajuda aos produtores de lã da região, depois, com o fechamento, vieram o

desemprego. Agora, com as facilidades que a universidade oferece, com mais vagas e mais cursos para os jovens estudarem.

> *Quando entrou o Enem foi bom, se notou logo. A diferença foi bem grande, pois é bem diferente do que eles estavam acostumados. Pra nós, foi muito bom, porque como eles não têm outra referência, como os da cidade, que conhecem outras papelarias no centro. Eles têm a gente como referência, então, nosso movimento melhorou uma barbaridade. Aí, depois, a questão da pandemia e da enchente, essas duas tragédias, a questão de termos uma reserva até certo tempo, e depois... o psicológico fica muito afetado, vamos tirar o sustento de onde? Ficamos impotentes, não tínhamos o que fazer, não podia nem abrir a loja, foi muito duro. Criamos uma ligação com os professores e alunos, uma amizade, calor humano (Entrevistado Público externo, 241).*

Através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), muitos estudantes também vêm de outras cidades e estados, além dos que vêm de outros países, o que fez aumentar o movimento no comércio local. Também as questões experimentadas durante a pandemia de COVID-19 (2020 a 2023), em relação ao isolamento e depois à enchente que atingiu a região (maio/2024), essas duas situações atingiram e prejudicaram toda a comunidade interna e externa da UFPel.

No quadro 5, está a descrição do *Walkthrough* realizado no CCHS/UFPel (Campus Porto Prédio 01):

Fotos CCHS/UFPel	*Walkthrough* CCHS/UFPel
	O prédio não é um bom lugar para o ensino, ele foi improvisado e adaptado usando divisórias, pois não teria como construir paredes de alvenaria devido à estrutura. Tem situações em que os professores se atrapalham mutuamente dando suas aulas por falar alto interferindo nas aulas ao lado. Atividades com audiovisuais ou aparelhos sonoros, música, fatalmente atrapalhava os colegas e vice versa. Na antropologia se usa muito. Na educação e no curso de pedagogia, se usa atividades ruidosas que ainda até hoje é um problema nessas salas de aula (Entrevistada Docente 203). *Nesse prédio não há nenhum memorial ou menção sobre o que era antes. No curso de História há alguns professores que citam, mas seria importante um memorial, pois os alunos não sabem, não tiveram a vivência da época em que era a Cosulã (Entrevistada Discente 211).* *Trabalhar com os prédios da UFPel, da preexistência, dos usos que eles tiveram, é interessante, pensando nos alunos da história, mas também da comunidade se apropriar mais desses espaços. A gente tem muito disso em Pelotas, muitos prédios ressignificados, no centro da cidade. Parece que é muito difundido, nos prédios centrais, prédios mais voltados para elite, são mais conhecidos, a história é mais conhecida, como o museu da Baronesa, o museu do doce, foram ressignificados, mas a origem é altamente elitista. Aqui, a gente tem um prédio com uma história diferente, uma história pra contar que fala de uma outra classe social, dialoga com a classe trabalhadora. Deveria ter uma difusão maior, dessas histórias, dessas memórias, sobre o prédio. Um memorial seria muito interessante, só que aí entra a questão do espaço (Entrevistada Docente 201).* *Os alunos acham o prédio bastante estranho, os alunos brincam dizendo "qual será o próximo prédio que a UFPel vai tomar pra fazer alguma coisa?" Como se a UFPel fosse se apossando de prédios abandonados e se construindo em cima disso (Entrevistada Discente 214).* *Todo barulho que tem lá fora retumba nas salas de aula. As pessoas ficavam antes aglomeradas na calçada às vezes fumando e o cheiro entrava na sala de aula. O calor. O professor uma vez levou um ventilador pra sala. Agora as pessoas ficam no "largo do Bola". Às vezes quando tem provas, se a pessoa tem dificuldade de se concentrar acaba prejudicada. Na briga dos professores por sala, acaba que tem aulas na odonto, no campus II, na FAUrb (Entrevistada Discente 213).* *É interessante qualificar os espaços e utilizar, mas falta investimento para tornar os espaços mais adequados (Entrevistada TAE 222)*.
Fonte: acervo próprio, 2024	Trechos de entrevistas, 2024

Figura 13 - Registro fotográfico *Walkthrough* na CCHS/UFPel

Fonte: Autora, 19/07/2024

3.4.3 Santista / (BCS/UFPel) e (CEHUS/UFPel).

Em abril de 2008, a UFPel adquiriu o prédio em frente ao atual CCHS, a sede da antiga Santista têxtil. Após o encerramento de suas atividades, foi usado como ginásio de esportes, estacionamento, empresa construtora e depósito (Salaberry, 2012, p.56). Localizada à Rua Alberto Rosa, ocupava toda a face do quarteirão entre as ruas Benjamin Constant e Alm. Tamandaré (Figura 14). Agora, é utilizado pela Biblioteca de Ciências Sociais (BCS/UFPel) e pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS/UFPel) (Figura 15).

Figura 14 - Antiga Santista.

Fonte: Franco Goulart Knuth, 2013 [51]

Figura 15 - Biblioteca e CEHUS.

Fonte: Autora em 14/09/2023

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel) localizada na Rua Benjamin Constant, nº 1359, e o Centro de Artes (CA/UFPel) localizado na Rua Alberto Rosa, n.º 62, ocuparam os antigos armazéns da Cosulã. Nesses, a reforma transformou e remodelou interiormente e modificou as fachadas, para dotá-las de uma estética contemporânea. “Os prédios estão em bom estado de manutenção, mas, com relação às características fabris, essas edificações foram muito alteradas” (Salaberry, 2012, p. 55).

[51] Disponível em https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8974/016-Franco-Goulart-Knuth.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 10 mar. 2023.

Quanto ao Concebido

Primeiramente esse local foi construído para ser uma fábrica têxtil. Posteriormente, o espaço funcionou como supermercado, garagem, xerox e ginásio de esportes. Atualmente, é preservado por possuir uma arquitetura industrial. Ao modificar os usos, a memória urbana está em transformação, como mencionado por Vieira (2013), as lembranças desaparecem com as mudanças dos grupos que ali convivem.

Quanto ao Percebido

Há uma lacuna a respeito da memória desse local, em algumas publicações, é citado como sendo da antiga Cosulã, em outras, citam que foi o Moinho Santista, mas, nas entrevistas realizadas verificou-se que, primeiramente o local havia sido a sede da Santista Têxtil, armazenando e comercializando tecelagem.

Quanto ao Vivido

O reconhecimento dessa dimensão do espaço vivido pela sociedade se dá em função do uso que se faz no espaço. É o espaço pertencente aos indivíduos que frequentam os espaços (Lefebvre, 2013). O uso anterior à revitalização do prédio por parte da UFPel foi relatado em entrevista:

> *Meu pai trabalhou na Santista, ele tá com 96 anos. Tinha uma caixa d'água. Uma vez, um rapaz foi fazer a manutenção na caixa. Aí disseram para ele amarrar um cinto de segurança, na época não era exigido, e ele subiu e se sentiu mal e caiu e ficou dependurado. Se não estivesse com o cinto amarrado, ele teria morrido. Ali, depois, teve um minimercado Megiato. Prendeu fogo no mercado. O fogo começou nas quadras de esporte e chegou no mercado (Entrevistado Público externo, 241).*

Conforme Prats (1998), define o "conhecimento" como o verdadeiro patrimônio cultural que podemos conservar e transmitir. Sendo assim, sem ter conhecimento da origem desse patrimônio, que requer mais pesquisas, a preservação ainda se considera importante para que podermos diminuir o impacto sobre o meio ambiente, a preservação pode ser mais vantajosa economicamente do que a nova construção, ao apresentar mais-valias sociais, ambientais e de regeneração urbana.

No quadro 6, está a descrição do *Walkthrough* realizado no BCS-CEHUS - Dança e Teatro/UFPel

Fotos BCS-CEHUS/UFPel	*Walkthrough* BCS-CEHUS /UFPel
   	O espaço é bom, o prédio é bem bonito, o espaço é bem amplo. O acervo possui cerca de 84 mil obras e é da maioria dos cursos. Mas sofremos por falta de funcionários, falta de acessibilidade e de ar-condicionado, sem ver uma perspectiva de mudança (Entrevistado TAE 321). *As pessoas se sentem desconfortáveis pelo frio intenso ou calor intenso, a acústica também é ruim. Ao lado tem um espaço expositivo para apresentações que por vezes causam barulho, performances, teatro, musical... do lado do balcão de atendimento da biblioteca que atrapalha o atendimento e os estudantes. E em frente tem o Largo do Bola que às vezes, também tem atividades que fazem barulho e atrapalham as aulas no CCHS e a biblioteca. Falta isolamento acústico (Entrevistado TAE 321).* *A dificuldade do prédio antigo é o de fazer a manutenção adequada. Falta orçamento e boa vontade. Tem lugares que conseguem resolver mais fácil. Prédio antigo se compra barato, mas depois a manutenção para adequar tudo é bem caro (Entrevistado TAE 321).* *A preservação por ser um prédio histórico, a fachada remete à arquitetura industrial. Não se sabe o que era antes, nesse local tinha um ginásio com quadras de esportes (Entrevistado TAE 321).* *A BCS acho incrível o espaço, salinhas individuais, com divisórias. Fiz muitos trabalhos em grupo lá e era muito bom. Como eu estudei em escola pública não tinham espaços legais assim. Aí chego na universidade e tem esses espaços, nossa que legal! E nem percebia que a divisória sem isolamento acústico é complicada e os outros problemas. O encanto da possibilidade de ter uma salinha pra fazer o trabalho era maior (Entrevistado Discente, 213).*
Fonte: acervo próprio, 2024	Trechos de entrevistas, 2024

Figura 16 - Registro fotográfico *Walkthrough* no BCS-CEHUS - Dança e Teatro/UFPel

Fonte: Autora, 26/10/2023

3.4.4 Cotada / Centro das Engenharias (CEng/UFPel)

O Centro das Engenharias (CEng/UFPel), sede na antiga fábrica de massas e biscoitos Cotada (de 1959 a 1990), está localizado à Rua Benjamin Constant, n.º 989, com frente para a Praça Domingos Rodrigues (Figuras 17 e 18). O prédio Campus Porto - 09, chamado de CEng-Cotada foi adquirido pela UFPel em 2009 por meio de compra e atualmente pertence ao CEng e o setor de TV do Centro de Educação à Distância[52].

A antiga fábrica Cotada (Companhia Atlântica de Indústria e Comércio), uma grande estrutura (Figura 17) a partir da segunda década dos anos 2000, passou a ser transformada em um espaço para formação intelectual, humana e profissional de diversos estudantes da UFPel. Em 2014, as instalações da antiga fábrica Cotada passaram a integrar as áreas acadêmicas da instituição, agregando à infraestrutura da UFPel dois blocos: um de três, outro de seis andares (Figura 18). Atualmente, o prédio da Cotada/UFPel abriga 6 cursos de Graduação em Engenharia, laboratórios, o setor de TV do centro de educação a distância e 2 cursos de Pós-Graduação[53].

Figura 17 - Cotada

Fonte: Google Street View. Jun, 2011

Figura 18 - CEng/UFPel

Fonte: Autora, 14/09/2023

[52] Dados utilizados do site https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioindustrial/o-projeto/patrimonio-industrial-adquirido-pela-ufpel/. Acesso em 10 jan. 2023.

53 Dados utilizados do site http://wp.ufpel.edu.br/45anos/Cotada/ Acesso em 10 jan. 2023.Um trabalho sobre esse prédio foi apresentado pela autora no seminário SEMPIAS 2023 sob o título NOVOS USOS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: COTADA COMPANHIA ATLÂNTIDA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PRODUTOS ALIMENTARES. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/sempias2023/publicacoes/ p. 33 a 42. E no encontro ENPÓS 2023 foi apresentado sob o título: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL REQUALIFICADO: ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NO EDIFÍCIO DA COTADA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2023/MD_02036.pdf.

O local, anteriormente, possuía a primeira alfândega e um conjunto comercial, parcialmente demolido para a construção da Cotada S.A.[54] que se deu mediante investimentos vindos de Hong Kong. O prédio foi construído pela Companhia Atlântida de Indústria e Comércio de Produtos Alimentares no início da década de 1950. Esse primeiro grupo atuou até 1966, quando outro grupo chinês comprou a empresa, e mudou seu nome para Atingo Produtos Alimentícios Ltda. e seu funcionamento foi mantido até a década de 1990[55].

Quanto ao Concebido

O prédio conhecido como Cotada Fábrica de Massas e Biscoitos, foi concebido para ser uma fábrica composta por diferentes áreas, responsáveis por diferentes funções. Na parte superior, o processo de moagem do trigo, que, então, era escoado por canaletas para os pisos inferiores. No 4º andar, o produto passava por uma secagem realizada por maquinários. No 3º piso eram confeccionadas as massas e as bolachas. No 2º piso ficava o setor de empacotamento. No térreo, realizava-se o armazenamento. Tudo isso em uma área de 5 mil metros quadrados.

Atualmente, o prédio da Cotada abriga 6 cursos de Graduação em Engenharia: Engenharia Civil no 1º andar. Engenharia Ambiental e Sanitária nos 1º e 2º andar. Engenharia de Controle e Automação e Eletrônica 3º andar. Engenharia Agrícola no 4º andar, e de Engenharia de Produção nos 5º e no 6º andar. Além disso, abriga ainda dois Programas de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e o curso de Especialização em Engenharia de Biossistemas a distância. Sobre a adaptação do prédio, foi feito o seguinte relato:

> *A reclamação principal é de que como é um prédio adaptado, tem o problema de climatização sendo muito quente no verão e não tem ventilação natural. Precisa de ar-condicionado e manutenção, o que dificulta pelo problema de falta de recursos, ficando um ambiente insalubre pra se trabalhar. Mas faltou pensar em estratégias, não preverem uma ventilação cruzada ou efeito chaminé, fecharam janelas com tijolos de vidro, para iluminação natural, onde poderiam ter colocado janelas para ventilação. O problema não é do prédio ser antigo e sim da escassez de recursos para projetos de energia e climatização (Entrevistado Docente 401).*
> *Eu acho ótimo usarem os prédios que estavam abandonados, pois se não derem uma utilidade, surgem as ideias de demolir. Acho uma boa reutilizar,*

[54] Pesquisa realizada pelo NEAB/FAUrb/UFPel publicada no TFG: “Ufpel no Porto – Intervenção no Patrimônio cultural edificado da universidade” – Carolina Machado Alves. Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/neab/trabalho-final-de-graduacao-patrimonio/. Acesso em 11 abr.2024.
55 Pesquisa realizada por Januza da Silva Pereira e Daniela Vieira Goularte. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4869 . p. 147. Acesso em 19 de set. 2023.

> *só que tem que ter manutenção, é o básico que a gente espera (Entrevistado Discente 511).*

Santos (2006) apresenta essa limitação ocorrida na estrutura, devido aos padrões da época em que o projeto inicial foi concebido. Além das limitações, as mutações que ocorrem visando adaptar para o novo uso, dão uma nova organização espacial ao local.

Quanto ao Percebido

Do período entre 1959 e 1990, o que ficou na memória, foi: a produção da farinha, a massa de canudinho, vendidas em embalagens de papel, as bolachas quadradas, as demais bolachas, o biscoito de maisena, as bolachas de água e sal, enfim, o cheiro das bolachas. O período entre 1991 e 2008 se caracteriza pelo abandono, pela perda de empregos, pela decadência do entorno – muito mal iluminada. Desde 2009, no entanto, à medida que a UFPel foi ocupando esses espaços, com atividades de ensino, pesquisa e extensão acadêmica, passou-se a perceber uma esperança na renovação, houve o surgimento de bares para os estudantes, aluguéis e comércio de casas, melhoria nos serviços de (iluminação e transporte) nessa área, que estava abandonada, foi sendo reativada.

Em entrevista, sobre o patrimônio industrial utilizado pela UFPel, foi perguntado quais os pontos positivos e quais os negativos, em relação à contextualização da história nesse lugar e pelo uso atual deste prédio da Cotada-CEng/UFPel. Relatou-se:

> *Lá na Cotada acredito que as pessoas não têm no primeiro contato a ideia de que aquilo tem uma história. É muito importante trabalhar com essa sensibilização das pessoas, com contar a história, mostrar o que aquilo era antes, e que a universidade está aí reforçando o valor daquele prédio, a história que ele teve mantendo o prédio ali naquela paisagem (Entrevistada TAE 121).*

> *Os alunos novos não têm noção de que a Cotada era uma fábrica de biscoitos. Eles não conhecem a história. Aqui deveria ter um memorial como tem no Anglo, porque tem muitos alunos de outros cursos, engenharia ambiental, geoprocessamento, eng. de petróleo, que não são muito ligados na área de construções, eles não têm noção que esse prédio foi adaptado para funcionar os cursos de graduação de uma universidade. Há um desinteresse em tentar entender e aprender sobre a cidade, assim vem o apagamento da história como um desdém porque não têm um resgate sólido. Tem o apagamento das pessoas que trabalhavam e que moram aqui no bairro e lembram da memória afetiva do cheiro das bolachas. (Entrevistado Docente 401).*

Atualmente é percebido o desconhecimento e a necessidade de se manter a memória do lugar. No relato a seguir, é demonstrada a necessidade de um memorial,

como o que, atualmente, só existe no Campus Anglo/UFPel. Isso por se tratar de uma memória estranha aos atuais usuários do local, conforme o relato:

> *É legal mostrar o que está sendo restaurado. Muitos alunos não sabem, que aqui era uma fábrica. É legal a ideia como lá no Anglo de ter um memorial, já que renovaram esses espaços. Acho legal preservar. Como escolheram preservar, deveriam também fazer a parte educacional, demonstrando que aqui era uma fábrica (Entrevistado Discente 411).*

No relato, demonstra-se a necessidade da transmissão desse conhecimento. A mudança de uso e o aproveitamento de formas devem ser analisados sob uma perspectiva que inclua, os elementos materiais e simbólicos da obra. Esse é o grande desafio das instituições responsáveis pela preservação.

Quanto ao Vivido

No prédio da Cotada o espaço foi vivido pelos operários entre 1959 e 1990. Lá trabalhavam pessoas que residiam nos arredores e ainda se lembram, de sua infância, seus familiares também trabalharam lá, havia os moleiros, o dono chinês. Em 1979, a empresa contava com 320 funcionários. Um tempo que deixou saudades nesses vestígios industriais. E nos reflexos e nas lembranças, nas vidas, das pessoas que trabalhavam no local e que ainda vivem em seu entorno. Entre 1991 e 2008, não houve vida, nem empregos no prédio. Desde 2009, no entanto, o espaço tem sido vivido por professores, alunos e técnicos da universidade. Atualmente, o CEng conta com 118 professores, 21 técnicos e 1.250 alunos.

> *Na Cotada o espaço é bom, mas hoje faltam laboratórios e salas de aula, porque muitas salas de aula viraram laboratórios. Também o auditório virou um laboratório, e os professores e alunos precisam se deslocar para outros prédios para ter aula, na alfândega, na madeireira, ICH que são prédios perto. A sinalização para localização das salas também é precária, as pessoas se perdem dentro do prédio que é um labirinto (Entrevistado Discente 411).*

Atualmente, o CEng abriga seis cursos de graduação em engenharia, laboratórios e dois cursos de pós-graduação. Por mais que o prédio tenha dois blocos, um de três e outro de seis andares, os docentes e discentes convivem com a falta de laboratórios e salas de aula, pois algumas viraram laboratórios necessários às atividades, conforme descrito:

> *Prédio do zero se faz como quer, mas já que fizeram aqui, tem que respeitar as normas. Mas acho que ficou bem legal, mas os, ar-condicionados, não é em qualquer lugar que pode instalar. Quando era descentralizado, os cursos era um desafio para a execução do trabalho administrativo. Alguns professores do CEng, queriam trocar o nome, tirar Cotada, queriam deixar só CEng. E não tem nenhum informativo/explicativo de divulgação explicando*

> *sobre o histórico do prédio. O prédio estava abandonado e ver como tá hoje é uma grande mudança; a revitalização da região do porto é um ponto positivo, vantagem de atender o público, a comunidade da cidade. No Capão do Leão (Campus UFPel), dificulta, a distância, a universidade isolada em um campus pouco interage com a comunidade. As pessoas mais antigas conhecem a Cotada, lembram das bolachas maravilhosas, é uma referência. Mas os (usuários) novos e os de fora não conhecem (Entrevistado TAE 422).*

A produção do espaço, conforme Lefebvre, não se refere somente à produção material, mas também da vida, da cultura e da memória do lugar. Nesse sentido, ocorrem contradições em relação aos novos usos, pois a dimensão vivida acaba por ter que se adaptar às normativas do que foi concebido e alterado pela reforma.

> *A marca Cotada no prédio ficou como uma referência geoespacial de deslocamento. Quando a pessoa diz: vou lá na Cotada, qualquer pessoa, mesmo as que não têm relação com a universidade, sabe onde fica o prédio da Cotada, é perto da Alfândega, para se guiar como referência de espaço na cidade. A importância de deixar o nome como referência geoespacial e de memórias para quem mora no entorno, só ficou o nome, pois quem conheceu a Cotada do lado de dentro, da fábrica, se entrar hoje, muito provável de não reconhecer ela por dentro, somente talvez pelos desníveis. A única marca que ficou é o nome Cotada. De resto, não há referência, ficou um espaço vazio de memória, somente uma carcaça sem marcas do tempo. Parece que é um prédio improvisado, arranjado, adaptado com o que tem. O espaço não foi pensado para isso, ele foi adaptado, é um labirinto de zigue-zague, e não tem restos da memória. Seria importante um memorial, para saberem que lugar é esse que estão pisando. A Cotada merecia um memorial (Entrevistado Discente 111).*

Manter a valorização do passado como algo que colabora com a compreensão do tempo presente é um desafio. A fábrica Cotada teve uma importância econômica e social para região e para a cidade naquele momento em que estava em atividade. Em entrevista, foi relatado o seguinte:

> *Na colônia de férias promovida pelo exército, para crianças em vulnerabilidade social, daquela zona do fragata (década de 60 a 70), nós visitávamos várias indústrias da cidade de ônibus, e um dos passeios que fazíamos sempre era ir na Cotada, e eles doavam bolachas para as crianças. Jamais iria pensar que aquele prédio iria ser da universidade e que eu seria uma professora da universidade. A Cotada tinha muita importância para a cidade (Entrevistado Docente 204).*
>
> *Estou há 2 anos com o trailer Café e Lanches neste ponto, na praça Domingos Rodrigues, entre Cotada e Alfândega. Tento manter a qualidade e o preço acessível para os estudantes, papo bom durante a manhã e à tarde nos intervalos, o pessoal sempre vem para conversar, tomar um cafezinho. Perguntam, os horários de ônibus, principalmente, aí a gente dá as instruções para essa gurizada. O pessoal fica meio perdido, principalmente os de fora da cidade. A gente tenta orientar. Eu moro perto, conheci quando a fábrica da Cotada funcionava, moro há 40 anos aqui, meu avô trabalhou de caminhão e carregava, fazia frete dos produtos dessas fábricas, do moinho da Cotada, das bolachas eu lembro (Entrevistado público externo 441).*

No quadro 7 pode-se ver a descrição do *Walkthrough* realizado no prédio da Cotada CEng/UFPel (Campus Porto Prédio 09):

Fotos CEng/UFPel	*Walkthrough* prédio Cotada CEng/UFPel
     	Os alunos novos, não têm noção de que a Cotada era uma fábrica de biscoitos. Eles não conhecem a história. Aqui deveria ter um memorial como tem no Anglo (Entrevistado Discente 411). *Retiraram coisas que não deveriam ter sido removidas como os silos de concreto, que armazenavam trigo, que poderiam mostrar hoje para os alunos da engenharia agrícola. Toda a estrutura que poderia ser mostrada hoje para os alunos em uma aula prática, se perdeu (Entrevistado Docente 401).* *A identidade da Cotada original se perdeu, se preservou a fachada e o nome só. Acho que tem que deixar o nome e a história do patrimônio industrial da cidade e contar a história. Observando a espessura das paredes, não seriam para um edifício para funcionar uma universidade. As dimensões dos pilares e vigas no meio de uma sala, a edificação superdimensionada, mas porque que tem essas super dimensões. Porque era uma fábrica. As escadas com lances desencontrados, para uma universidade não faz sentido, mas para uma fábrica faz. A fachada faz lembrar uma fábrica e a proximidade do porto, parece que as coisas não estão conversando, uma universidade perto do porto não faz sentido (Entrevistado Docente 401).* *Na frente tem uns trilhos de trem. Parece que entrava algum vagão para descarregar o trigo (Entrevistado Docente 401).* *Os alunos e professores que vêm de fora, de outros estados, eles não conseguem ter uma percepção da realidade da zona do porto. Alguns ficam 4 ou 5 anos sem perceber o contexto social de Pelotas, que tem uma comunidade carente ali no lado do canal São Gonçalo. Há um desinteresse em tentar entender e aprender sobre a cidade. Assim vem o apagamento da história como um desdém porque não têm um resgate sólido. Tem o apagamento das pessoas que trabalhavam e que moram aqui no bairro e lembram da memória afetiva do cheiro das bolachas (Entrevistado Discente 411).* *O problema não é do prédio ser antigo, e sim da escassez de recursos para energia e climatização. A sinalização para localização das salas também é precária, as pessoas se perdem dentro do prédio que é um labirinto. Parece que o CEng ficou isolado e não tem integração com outros cursos de pertencimento com a UFPel (Entrevistado Docente 401).* *É importante mostrar a essência de onde você está entrando, pois as pessoas não entendem, acham que é apenas um prédio estranho que a UFPel fez, mas não, é um prédio restaurado que era uma fábrica, por isso que é desse jeito. Usar prédios preexistentes e aproveitar a estrutura, que é algo caro, e preservar o patrimônio, é custo! É dinheiro público, é um espaço público! Ninguém é dono do lugar, como alguns pensam, pois estamos aqui de passagem. Tem que cuidar do espaço para os próximos que vão usar (Entrevistado Discente 411).*
Fonte: acervo próprio, 2024	Trechos de entrevistas, 2024

Figura 19 - Registro fotográfico *Walkthrough* no CEng/UFPel:

Fonte: Autora, 26/10/2023

3.5.5 Alfândega / Centro das Engenharias (CEng/UFPel)

O prédio da Alfândega, projeto do governo federal, foi construído em um terreno doado pela prefeitura, entre 1935 e 1938, para abrigar a Alfândega do Porto, a mesa de rendas para fiscalização e o controle de mercadorias. Depois, passou a sediar a Receita Federal – Justiça Federal (Figura 20). Em 1994, com o fim da concessão, foi desativada. Em 2005, a UFPel recebeu a doação do referido prédio por parte da Secretaria do Patrimônio da União. E, em 2008 e 2009, a UFPel reformou-o e adequou o espaço para receber os cursos de Eng. do Petróleo, Eng. Geológica e Tecnólogo em Geoprocessamento (Figura 21). O prédio 10, CEng-Alfândega, localiza-se à Praça Domingos Rodrigues, número 24 (Michelon, 2013 e 2019).

Figura 20 – Prédio da antiga Alfândega nos anos 1930

Fonte: Facebook Olhares sobre Pelotas, 2013.

Figura 21 – Alfândega UFPel

Fonte: Autora, 2023

A regularidade e a simetria bilaterais dominam o desenho, “conferem-no um caráter de monumentalidade”, característica dos edifícios estilo *Art Déco* ou protomodernistas estilos anteriores ao Ecletismo e ao Ecletismo tardio[56].

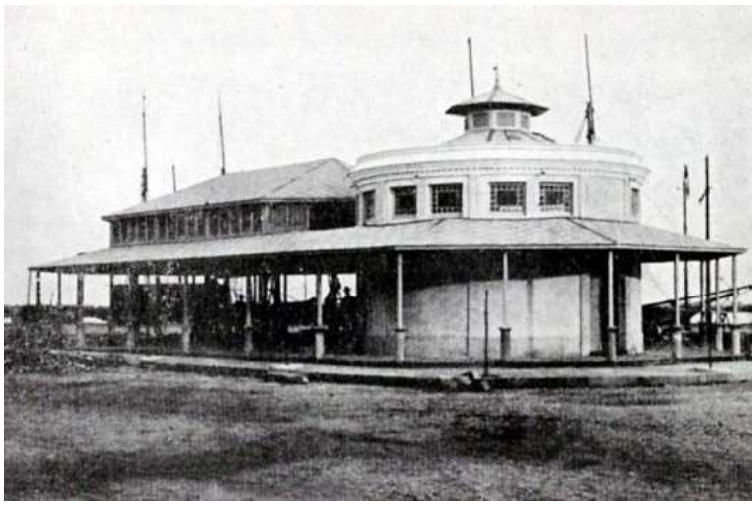
O prédio possui dois andares interligados por uma ampla escadaria. Atualmente, contém cinco salas de aula, sete salas de professores, um laboratório de topografia, um mezanino, um almoxarifado para utensílios de limpeza, uma sala de coordenação, uma cozinha, três banheiros e uma garagem, além de possuir locais de estudo com mesas e cadeiras ao longo dos corredores.

[56] Análise arquitetônica do prédio da Alfândega, realizada na pesquisa de dissertação de autoria de Antonio Carlos Porto Silveira, FAUrb/PROGRAU, 2012, p. 262 a 280 e 346 a 348. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5161 Acesso em 15 de abr. 2024.

Quanto ao Concebido

No local onde está o atual prédio da antiga Alfândega existiu o Mercado Regional do Porto de Pelotas, demolido para dar lugar ao, na época, novo prédio da Alfândega (Luz, 2021, p. 509).

Figura 22 - Antigo Mercado Regional do Porto - Pelotas, década de 1920



Fonte: GaúchaZH - Almanaque, jun. 2017 - foto de Carmelo dos Santos Lopes. In: Luz, 2021, p. 510

A Profa. Dra. Maria Laura Gomes Silva da Luz, em seu livro “Centro de engenharias: da origem aos 10 anos” descreve detalhadamente as condições do prédio da Alfândega recebido pela UFPel:

> As persianas originais das janelas do segundo pavimento já haviam sido substituídas. Provavelmente as antigas eram de madeira e as atuais, brancas, são plásticas. As janelas do térreo foram mantidas. Possuem postigos de madeira, internos, para fechamento, e vidraças gradeadas por fora (Luz, 2021, p. 511).
> Na entrada principal, há uma escadaria, de mármore cinza, com corrimões em ferro e uma marquise com mastro de bandeira sobre ela. No topo da escadaria está a porta principal em ferro, com quatro gravuras em baixo relevo, com símbolos do progressismo da época em alusão aos transportes (um ônibus, três aviões, dois navios e um trem). Há um brasão sobre o acesso principal, em baixo relevo, que mostra além da data de fundação do prédio, outros símbolos e ícones da época. Motivos náuticos como a âncora, o leme, a corda com nó de marinheiro, desenhos de caravelas, navios, ondas e linhas ilustrando o sol no horizonte da água, relacionam-se à finalidade inicial do prédio. Também, no centro, há o globo, simbolizando a bandeira nacional brasileira onde lê-se “Ordem e Progresso” (Luz, 2021, p. 512). Externamente, o prédio é revestido por placas de mármore cinza até uma altura de cerca de 1 m. Nos quatro cantos do prédio há luminárias em ferro, que possuíam cúpula de vidro leitoso, que foram quebradas (Luz, 2021, p. 514).

No caso da Alfândega, à diferença dos demais prédios estudados, devido à sua estrutura possuidora de salas amplas, as alterações na estrutura concebida foram pequenas. Esse é o desejado em termos de preservação, indicado nas cartas

patrimoniais, pelo seu valor cultural. Quanto ao uso por parte da UFPel, os relatos demonstram que foram poucas as alterações realizadas**:**

> *Então, quando se observa o prédio por dentro em relação à planta original dele, teve pequenas alterações, uma obra que iria ser feita não vai mais ser feita para não mudar a divisão interna desse prédio. Na planta original da Alfândega, mostra um local que era um calabouço e, também, um cofre com janela. Adaptações estruturais foram muito pequenas, praticamente as mesmas divisórias, as mesmas dimensões dos espaços foram mantidas, com exceção de uma sala, que foram interligadas 3 salas que eram de uso administrativo na época, quando era ocupado pela Alfândega, e viraram uma sala de aula só, e uma instalação de divisória temporária na sala 4 (Entrevistado Docente 501).*

Para a preservação se busca o mínimo de intervenções para a adaptação aos novos usos, conforme sugerido nas Cartas Patrimoniais, como a proteção e a salvaguarda, conforme definido na Carta de Sevilha de 2018, que ressalta que “a reutilização deve ser adequada ao referido bem em benefício da sociedade considerando a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural”. Orientando a necessidade de manter a “manutenção da essência (fragrância, atmosfera e memória) dos bens, garantindo a sua autenticidade, legibilidade, continuidade, integridade, potencialidade, sustentabilidade e valor documental” (TICCIH-Brasil, 2018).

Quanto ao Percebido

Conforme Santos, (2006), para se entender como essas transformações de estrutura representam os vínculos do antigo com o atual, pois, nos lugares, o tempo se manifesta nas formas. O patrimônio construído tem um papel na localização dos eventos atuais, como relatado:

> *A UFPel teve a função de revitalizar e não de tirar a identidade como o nome dos prédios. A UFPel ter encampado a figura da “Alfândega” e terem abraçado a causa de revitalização, de reutilizar o espaço e ter nova circulação de pessoas, alunos, servidores. O prédio funciona bem para isso, as pessoas circulam bem, pois o prédio tem toda a estrutura de apoio ao ensino, tem salas amplas, tem banheiros, acústica boa, boa iluminação, mas tem o problema da acessibilidade, que é um problema que dificulta a avaliação do MEC. Mesmo conseguindo contornar, quando há alunos ou servidor com problemas, a gente usa outro prédio. Os professores adoram trabalhar aqui, não têm o sentimento de querer sair daqui para outro prédio. Eu trabalho aqui há 14 anos e prefiro trabalhar aqui do que nas outras duas salas que tenho. Tenho um sentimento de pertencimento maior aqui do que das outras salas que ocupo (Entrevistado Docente 501).*

Percebe-se que na Praça Domingos Rodrigues, em frente à Alfândega, não havia muitas árvores e que, antes, essa região tinha muito movimento devido ao Porto.

No meio desse espaço, estava o chafariz das Três Meninas, que, hoje, está no Calçadão de Pelotas (Luz, 2021, p. 510).

No uso dos espaços, é percebido o abandono e o descuido com o lugar, o que acarreta até um sentimento de tristeza diante dessa realidade que se deseja alterar. Preservar um prédio deveria levar em conta a qualidade do lugar, pois isso interfere no bem-estar dos indivíduos que o frequentam, algo evidenciado pelo relato:

> *É um prédio antigo que combina com as rochas que a gente estuda. O prédio parece abandonado, foi feito com tanto cuidado e está abandonado. Acho meio triste assim largado. Não é bem cuidado. É muito chato ter aula num prédio que não está bem cuidado (Entrevistado Discente 512).*

O relato enfatiza a conexão emocional das pessoas com os espaços que frequentam e como a falta de cuidado com esses lugares pode impactar negativamente essa relação. Destaca-se a importância de valorizar e preservar esses espaços, não apenas pela sua funcionalidade, mas também pelo impacto emocional e bem-estar das pessoas envolvidas. A preservação dos espaços pode contribuir para um ambiente mais acolhedor, agradável e positivo para todos os envolvidos; por isso, é necessário reverter essa situação de abandono e descuido, visando melhorar a qualidade dos espaços e a experiência das pessoas que os utilizam.

Quanto ao Vivido

O espaço vivido pelos indivíduos que moram, e pelos que frequentam os lugares, que agem, experienciam e o modificam em função do uso do espaço (Lefebvre, 2013). Nesse sentido, relatou-se:

> *Tinha uma pessoa morando na garagem, que desapareceu ao perceber o movimento de ocupação pela UFPel. Os próprios professores fizeram a limpeza e as reformas (2008/2009). Conserto de janelas, mezanino em cima da garagem, a troca de piso feito pela UFPel, o vitral foi recuperado. O prédio possui um cofre com janela. A secretaria e a cozinha foram feitas pelos professores. As salas de professores, a grande maioria das melhorias foram feitas pelos professores. As salas de aulas foram feitas pela UFPel (Entrevistado Docente 501).*

As pessoas que frequentam os lugares, experienciam a realidade e relatam as dificuldades vividas nesses lugares. A falta de espaço revela os obstáculos na ocupação desse patrimônio e a necessidade de ações para se minimizar esses contratempos. Os entrevistados narraram as situações ocorridas nesses locais:

> *Os alunos reclamam que os prédios são distantes. Os alunos têm aulas nos prédios no Capão do Leão, na Alfândega e na Cotada, no Anglo, no Campus II na Barroso, os alunos reclamam desse deslocamento. Às vezes não dá tempo de sair de um local e chegar no outro, tem que ter cuidado ao fazer o horário do aluno para que não ocorra esse problema (Entrevistado TAE 521).*

No quadro 8 se encontra a descrição do *Walkthrough* realizado no prédio da Alfândega CEng/UFPel (Campus Porto, Prédio 10):

Fotos CEng/UFPel	*Walkthrough* prédio Alfândega CEng/UFPel
     	Se revitalizou sem fazer grandes alterações, isso é um lado bom. O prédio tem características e um espaço interno bonito, a arquitetura é muito bonita. Conservar com o mínimo de alterações é muito interessante. Inclusive o piso em alguns lugares é o original. A canalização de energia já existia, somente foi limpa e aproveitada. As portas e as aberturas são as originais, somente trocada a fechadura. O vitro (claraboia) é o mesmo original, teve o cuidado para que não tivesse alterações. Teve um temporal que quebrou alguns vidros do vitro. Houve um cuidado e um trabalho até encontrar o vidro da mesma coloração e textura para se manter o vitral original (Entrevistado Docente 501). *Entender como prédio da Alfândega e não como prédio 10, por exemplo, como em outras universidades. É muito acolhedor trabalhar em um prédio que tem uma identidade (Entrevistado Docente 501).* *A grande sacada da UFPel em utilizar o Reuni para revitalizar áreas que estavam quase que abandonadas, isso é uma vitória para a cidade. Ao olhar a praça, aproveitar o espaço público, em função da UFPel ter feito esse reuso desses espaços, de ter dado uma nova função para esses espaços. E circula pessoas, o comércio se desenvolve, gera emprego, são as vantagens, em contrapartida de um campus fechado, onde tudo circula ali dentro. Acaba que não tendo um campus, a circulação pela cidade é maior (Entrevistado Docente 501).* *Os pais dos alunos novos, que são de outras cidades, outros estados, ficam angustiados em deixar seus filhos jovens encarar essa situação de deslocamento, até na dificuldade de se arrumar, alugar um lugar para eles ficarem que seja mais próximo para eles. A UFPel oferece ônibus para esses deslocamentos, transporte gratuito para os alunos (Entrevistado TAE 52).* *Se hoje faltam salas de aulas antes era pior. Os nomes (dos prédios: Anglo, Cotada, Alfândega, Capão do Leão) servem para a localização dos alunos (Entrevistado TAE 421).* *Precisamos de condições de estudo e trabalho bons, ter uma sala de aula digna, um laboratório digno, que tenha ar-condicionado ou um ventilador que não faça tanto barulho, que os alunos não passem mal no calor, que tenha que ir embora pra casa (Entrevistado Discente 511).* *O movimento é muito pouco. Aqui vem gente da autoescola ali, mas o conjunto mais de pessoas é da universidade. A cidade toda estaria quebrada, se não é a universidade. Tanto é que, na greve, o pessoal foi embora e a cidade parou, pra mim parou totalmente, arrebentou 60% da cidade. Hoje somos dependentes da universidade, 50 ou 60% da cidade também. Ela emprega muita gente indireto, é aluguel de casa, o comércio pequeno que nem eu assim (Entrevistado público externo 441).*
Fonte: acervo próprio, 2024	Trechos de entrevistas, 2024

Figura 23 - Registro fotográfico *Walkthrough* no CEng/UFPel

Fonte: Autora, 11/07/2024

3.5 DECOMPONDO O REAL: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES

Esses prédios experimentaram sua construção e utilização para determinados fins, depois, seu fechamento, posteriormente, o abandono, e, agora, nova metamorfose com o novo uso proporcionado pela academia. Essa dinâmica varia ao longo do tempo em função das alterações que ocorrem na própria realidade social. A configuração espacial da cidade sofre mudanças baseadas na dinâmica socioeconômica que alteram os interesses e as necessidades de atividades ao longo do tempo na cidade.

Uma das motivações para as intervenções é a infraestrutura existente: com o sistema viário consolidado, o saneamento básico, a energia e serviços de telefonia, o transporte coletivo, os equipamentos sociais e culturais de diversas naturezas à disposição, o descarte dessa infraestrutura, tanto do ponto de vista econômico, como ambiental, é injustificável. Devido as boas condições de acessibilidade e infraestrutura para a viabilização da atividade acadêmica, a UFPel adquiriu e reformou esses prédios por meio de doações e por verbas provenientes do REUNI. O processo de reversão do abandono dessas estruturas na cidade, acontece perante alguns conflitos em relação ao uso:

> A competição entre os usos e mesmo dentro de cada um deles denotará sempre a contradição existente na sociedade. A qualidade da infraestrutura, das construções, o conflito das habitações, a quantidade de serviços existentes [...]. A disputa existente entre os interesses contraditórios que irá definir a produção do espaço. O conflito gerado pelas contradições próprias das diferenças de necessidade e de visão da sociedade, que se expressam na propriedade do solo e de seus usos é o motor que movimenta a produção espacial (Vieira, 2008, p. 125).

Ao analisar os impactos originados pela iniciativa de revitalização do patrimônio adquirido pela UFPel, as vozes discordantes se confirmam conforme pesquisas já realizadas com a comunidade como um todo: “No caso da apropriação desses espaços pela UFPel, há observações dos dois tipos: ao mesmo tempo, em que se louva a iniciativa, faz-se o exercício crítico com relação a ela” (Sosa González et al., 2022, p. 142).

Goularte esclarece, em sua pesquisa, a situação em que esse patrimônio estava no momento de aquisição por parte da UFPel:

> Quando a Universidade adquiriu esse patrimônio industrial localizado na antiga zona industrial da cidade, parte dele já se encontrava bastante destruído, por consequência do processo de abandono, de degradação da venda de maquinários pela massa falida, entre outros (Goularte, 2021, p. 79).

Nesse sentido, agrava-se a dificuldade em se preservar a memória desses lugares, são poucos os registros recuperados. Além disso, os prédios aqui tratados foram enquadrados no Nível 2 de proteção, o que significa que, segundo o III Plano Diretor de Pelotas, faz-se necessário a preservação integral de sua(s) fachada(s) pública(s) e volumetria, as quais deveriam possibilitar a leitura tipológica do prédio. São permitidas intervenções internas, desde que mantidas e respeitadas suas características externas. Sua preservação é importante para a memória da cidade (Pelotas, 2008). Esse Plano acaba revelando apenas a importância de se preservar o concebido, sem se preocupar em preservar o vivido nesses espaços.

Cabe destacar que o Núcleo de Patrimônio Cultural/UFPel, busca levantar os acervos memoriais, materiais e imateriais, dos rumos da universidade, em um registro de acesso público. “O que se busca é resguardar os preciosos e frágeis suportes de memória, cercando-os de vontade de passado e protegendo-os do esquecimento” (Michelon, 2013, p. 43). Vale ressaltar que, em relação ao patrimônio da cidade em uso pela UFPel:

> Se há, portanto, um dilema a superar, que seja a possibilidade de enxergar os cenários de futuro nos quais a trajetória destes patrimônios na cidade, incorporados à Universidade, apontem para modos de desenvolvimento sustentável. Quando a esses me refiro, também indico que venham a ser novas formas de uso do espaço que impliquem novas relações com a cidade, com o passado – e, consequentemente, com o futuro -, com a natureza e com o conhecimento (Michelon, 2019, p. 24).

Na análise das consequências dessa metamorfose conforme a teoria presente na obra de Lefebvre, que se utiliza da dialética na busca de se compreender a sociedade e as mudanças sociais por meio da análise das permanências e rupturas entre diferentes elementos do espaço, e também nesse caso o confronto entre o patrimônio cultural obsoleto e a iniciativa da UFPel em reutilizá-lo.

O quadro 9 demonstra as permanências e rupturas nas dimensões do espaço social que estão sempre produzindo e se reproduzindo. Por esse motivo, o quadro 9 não tem sua coluna da direita fechada, pois a produção do espaço está relacionada ao tempo e o futuro está inconcluso, e segundo Lefebvre (2013), o espaço não é algo pronto, ele está sempre sendo produzido pelos seres humanos.

Quadro 9 - Demonstrativo de períodos de permanências e rupturas.

Dimensão do espaço social	Uso original	Desuso	Atual – Reuso
Espaço concebido	Projeto original	Fechado	Reutilização Universidade
Espaço percebido	Produção, trabalho	Abandono	Ensino, pesquisa e extensão
Espaço vivido	Trabalhadores	Vazio	Professores, Técnicos e alunos

Fonte: Elaborado pela autora.

Para se identificar as diferentes dimensões do espaço social mediante os conceitos de Lefebvre relacionados à perspectiva do espaço concebido, percebido e vivido, nos quadros 10, 11 e 12, foram verificados os três períodos: uso original, desuso e atualmente.

Quadro 10 - Dimensões do espaço concebido

Período	Dimensão do espaço concebido
Uso original	Inicialmente o prédio foi construído para ter uma determinada finalidade. Ninguém pensava nessa época, que o edifício iria se transformar em uma universidade
Desuso	Fechado, ocioso, à espera de um novo significado.
Atual	Reutilizado pela universidade, foi reformado e seu espaço transformado em salas de aula e laboratórios. Novos usos do patrimônio. Essa metamorfose aconteceu no espaço que se transformou em uma universidade, cuja preservação está inclusa no III Plano Diretor da cidade de Pelotas, que define a preservação das fachadas públicas e volumetria, passíveis de pequenas intervenções para a viabilização do uso. Além das exigências e das adequações tendo em vista a acessibilidade e a prevenção de incêndio.

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a preservação concebida, verificou-se que foi parcialmente atingido o objetivo de atender à preservação da fachada e da volumetria. Foram realizadas intervenções, como a inclusão de escadas externas no Campus Porto; no caso do CCHS, foi implementado mais um andar em parte do edifício; na Cotada, os últimos andares também foram ampliados, foram feitos mais janelas e aparelhos de ar-condicionados foram instalados tendo em vista a viabilização do novo uso; e no prédio da Alfândega, verificam-se pequenas alterações.

> A reutilização de uma edificação preexistente exige uma série de adaptações em maior ou menor grau. Muitas destas intervenções são condicionadas por demandas de ordem eminentemente técnica e funcional que acabam por alterar parte do objeto construído (Heidtmann Junior, 2007, p. 86).

Quadro 11 - Dimensões do espaço percebido

Período	Dimensão do espaço percebido
Uso original	O que ficou na memória do saber-fazer. Tempo que deixou lembranças nesses legados. Os reflexos e as lembranças nas vidas das pessoas que trabalhavam nesse local e que ainda vivem em seu entorno.
Desuso	Abandono, a área do entorno ficou decadente, mal iluminada, desvalorização crescente, tudo se foi, só ficou a miséria, o desespero, a desolação e o silêncio. Continua existindo na memória e na voz de algumas pessoas.
Atual	Ensino, pesquisa e extensão realizados pela universidade. Á medida que a UFPel ocupou esses espaços, uma renovação começou a ser percebida por meio do surgimento de bares para os estudantes, de aluguéis e comércio de casas, da melhora dos serviços de iluminação e transporte. A área foi reativada.

Fonte: Elaborado pela autora

Verificam-se as variadas alterações percebidas no espaço, e, em alguns casos, a atual alienação de alguns usuários, conforme o relatado de um estudante que contou que um colega seu levantou o seguinte questionamento: "*porque a universidade construiu um prédio tão esquisito*" (Entrevista Discente 411). Sobre o percebido no período de desindustrialização, Vieira descreve:

> No bairro do Porto propriamente dito e no próprio porto que lhe empresta o nome, observa-se uma cidade em ruínas. Grandes construções abandonadas, instalações gigantescas caindo aos pedaços. É assim no antigo Frigorífico Anglo, no Moinho Pelotense, nas Massas Cotada, entre tantas outras instalações que no passado abrigavam a opulência de Pelotas. A visão da paisagem é quase desoladora, um típico cenário surrealista onde a destruição convive com a nostalgia e o abandono. As instalações do porto totalmente entregues à destruição, guardando no cais vazio, não sabe que esperança (Vieira, 2005, p. 138).

Quadro 12 - Dimensões do espaço vivido

Período	Dimensão do espaço vivido
Uso original	Por trabalhadores e operários, pelas produções. Trabalhavam lá pessoas que residiam perto, também há, ainda, pessoas que se lembram que quando criança seus familiares trabalhavam lá.
Vazio	Se caracteriza por não ter vida, pela perda do emprego, pela pobreza incorporada à paisagem.
Atual	Frequentado pelos professores, alunos e técnicos da universidade. Nas aulas, no ensino, nas pesquisas, na extensão em desenvolvimento nesses locais.

Fonte: Elaborado pela autora

A intervenção, para novos usos do patrimônio edificado, é sempre delicada. Muitas vezes, as memórias são praticamente eliminadas. Nesse sentido, em entrevista, é observado: *"Não se pode apagar a história, é importante conhecer a história do lugar e valorizar esse novo uso que está se dando" (Entrevistado Docente 101).*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o tema da pesquisa, a preservação do patrimônio cultural e sua valorização, a partir dos novos usos, em que nas instalações concebidas para uma antiga atividade que encerrou seu ciclo de vida, podem ser adaptadas e utilizadas para diversas funções. Como estabelecimento de ensino, centro cultural e turístico, museu, habitação, galeria de arte, *workspaces*, ginásio esportivo, teatro, biblioteca ou arquivo, igreja, estabelecimento comercial, loja, shopping center, praça de alimentação, restaurante, supermercado, estacionamento, dentre outros usos.

Assim, frente ao problema de pesquisa levantado, acerca das possibilidades de uso proporcionadas por esses espaços diante da recuperação desse patrimônio cultural de Pelotas. A UFPel, modificou a fisionomia da cidade, principalmente no bairro Porto, com muitos prédios, que representaram uma época de desenvolvimento econômico do município, acabaram abandonados e em ruína, até que alguns desses patrimônios foram adquiridos e começaram a ganhar nova vida, agora destinados à academia. A presente pesquisa analisou como essas transformações se verificam nas dimensões sociais do espaço concebido, percebido e vivido, modificados ao longo do tempo.

Desse modo, a pesquisa verificou as contradições, manter as velhas formas com a principal finalidade de afirmar uma identidade original, por meio da valorização do patrimônio cultural, composto por bens tangíveis e intangíveis, revelando as peculiaridades do lugar, o reflexo dos recursos materiais e imateriais integrados. E, ao mesmo tempo, tendo em vista a diminuição do impacto sobre o ambiente provocado pela produção de bens, além de oferecer uma valorização do patrimônio cultural para reforçar a identidade local e estimular nos cidadãos a identificação da cidade, em que há os novos usos nesses espaços e outra identidade se sobrepõe.

Assim, conforme o objetivo da pesquisa, foi feita uma análise crítica da reutilização do patrimônio cultural edificado, de interesse histórico e cultural preexistente. Buscou-se, desse modo, ampliar a reflexão e a discussão sobre o uso dos espaços ociosos da cidade. Com foco na percepção da realidade e sobre as contradições existentes em relação à preservação do patrimônio que foi construído para uma finalidade e, posteriormente, ficou em desuso, e foi atualmente adaptado a um novo uso institucional.

No estudo de caso e nas entrevistas realizadas foram verificadas as questões relacionadas aos novos usos perante as dificuldades trazidas pela falta de recursos a se destinar à realização das intervenções necessárias à adaptação, que incluem o conforto, o cumprimento de exigências legislativas, novas técnicas para acessibilidade, prevenção de incêndio, entre outras. Além disso, nas reutilizações de patrimônios culturais edificados exploradas neste estudo de caso, observam-se intervenções inadequadas que comprometem o uso, a conservação do patrimônio e a memória do trabalho passado e alteram a paisagem, relegando a história do lugar a um papel decorativo ou mesmo irrelevante.

Além disso, o estudo ressaltou as mudanças sociais por meio da análise das permanências e rupturas entre diferentes elementos, o confronto entre os elementos das dimensões do espaço social, assim abordaram-se, os conflitos nos usos que provocaram impactos sociais e econômicos, transformando a morfologia urbana ao alterar a forma de interação das pessoas com o meio.

Assim, a análise crítica sobre as transformações das velhas formas com novas funções dadas ao patrimônio cultural da cidade de Pelotas em uso pela UFPel, evidenciou as novas dimensões desenvolvidas sobre estes espaços, mediante os conceitos presentes na obra de Lefebvre (2013) relacionados à perspectiva do espaço concebido, percebido e vivido. Além disso, relacionaram-se as consequências dessas metamorfoses com a dialética, verificadas as transformações sociais causadas pelas rupturas e permanências geradas pela reprodução dos espaços.

Nesse sentido, a prática social é o resultado de confrontos constantes entre as três dimensões do espaço, que, muitas vezes, estão em conflito entre si. Entender essa dinâmica é importante para projetar espaços que sejam adequados às necessidades e aos desejos das pessoas que os habitam e que a dimensão percebida e a dimensão vivida do espaço sejam mais coerentes com a dimensão concebida.

Portanto, a falta de reconhecimento do valor e das potencialidades dessas estruturas e as insuficientes medidas de atuação e proteção acabam por permitir a sua descaracterização. Dessa forma, nos leva a refletir sobre qual é a noção de memória e de patrimônio defendidas e, por quem e para quem servem. Reforça-se, assim, a necessidade de se dedicar estudos e divulgação à memória desses lugares. Ao analisar as tensões entre o passado e o presente dos espaços, compreendem-se as formas como são vividos, apresentados e vistos ao longo do tempo.

Sendo assim, o estudo de caso realizado permitiu constatar que a valorização de produções arquitetônicas antigas como reafirmação dos aspectos culturais e identitários dos lugares, distinguindo-os dos demais. Permite-se, inclusive, a reprodução de características construtivas de elementos compositivos das fachadas, exatamente como nas reconstruções avaliadas. Ao mesmo tempo, verificou-se a cenarização, permitindo substituições, de modo que o patrimônio se apresenta mais como uma mercadoria, um produto a ser consumido, do que, essencialmente, como uma expressão da memória da cidade.

Contudo, geralmente, na reutilização de antigos patrimônios culturais edificados, verificam-se intervenções indevidas, possibilitando resultar na perda da memória do trabalho e na alteração da paisagem. Isto é, as características construtivas podem ser inadequadamente alteradas devido ao objetivo de se acomodar novas funções. Com isso, as memórias da atividade passada ficam praticamente eliminadas, restando apenas alguns apontamentos inseridos numa lógica meramente decorativa, como lápides, ou nem isso.

Com isso, constatou-se que a reprodução das fachadas favoreceu a manutenção da imagem para atender à demanda dos órgãos de preservação municipal. Ao mesmo tempo, permitiu-se um projeto construtivo internamente, oferecendo um espaço mais “adequado” para ser aproveitado, algo que confirma que intervenções em patrimônio edificado são voltadas e produzidas para se tentar atender ao novo uso.

Dessa maneira, o patrimônio cultural edificado, ao ser restaurado, reciclado ou refuncionalizado, deveria manter o passado no presente para fazer parte de um projeto futuro, inserido na dinâmica das transformações dos processos de acumulação ao longo do tempo.

Sendo assim, os desafios ao patrimônio cultural edificado em relação à refuncionalização de áreas obsoletas, ou mesmo de antigas paisagens, deveriam levar a uma revitalização da memória e da história socioeconômica. Para isso, são necessários uma visão sistêmica, o entendimento entre as partes e a compreensão integrada do todo, para se preservar a memória desses lugares, mesmo que estejam sendo utilizados para novas funções em decorrência das necessidades que surgiram no decorrer do tempo, ao tomar o espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares, que agora contam uma nova história.

Verificou-se, assim, que os novos usos se encontram, ainda, profundamente desenraizados do local em que se inserem, como também, desarticulados das necessidades de seus novos usos. Percebe-se, também, que o passado, carregado de histórias e impregnado de memórias, deveria ser visto como elemento característico e de referência, capaz de potencializar possibilidades culturais e sociais, ajudando na reintegração do patrimônio à sociedade contemporânea. Mesmo que a comunidade universitária, principalmente os estudantes, pela pequena permanência, isso pode ser entendido como um dos fatores pelos quais o conhecimento sobre os lugares de seus cursos, seja tão difícil de operar.

Entretanto, se o conhecimento desse passado não for levado às futuras gerações, se essa ponte não for construída, restará um vácuo que dificultará retraçar essas histórias e o seu sentido aos cidadãos que permanecem em seus entornos.

A busca por melhores condições de vida é uma constante na trajetória humana, refletindo a necessidade de evolução e adaptação. No passado, a comunidade de trabalhadores da região viveu momentos de grande transformação, marcados tanto por conquistas quanto por rupturas desastrosas. Atualmente, o desafio se apresenta na forma de reuso e ocupação de espaços antes abandonados, levantando questões sobre o respeito pelo patrimônio e a qualidade de vida dos novos usuários e moradores do entorno.

Historicamente, a região passou por períodos de grande atividade econômica, seguidos de crises que resultaram na perda de empregos. Essas dificuldades geraram um sentimento de desamparo, especialmente quando a esperança de um futuro melhor se esvaiu com o fechamento de fábricas e a desindustrialização.

Com o desuso de muitos espaços, surgiram oportunidades de reocupação. No entanto, essa transformação foi acompanhada por um certo desdém em relação às pessoas e ao patrimônio local. A falta de atenção às histórias e memórias que esses lugares carregam pode levar à perda da identidade cultural da comunidade. É essencial que as iniciativas de revitalização considerem não apenas a importância dos novos usos, mas também a história que esses espaços representam.

A esperança reside na resolução das pendências relacionadas à manutenção do patrimônio e à valorização de suas histórias. Projetos que integrem o novo uso à preservação da memória local podem proporcionar um ambiente mais acolhedor e significativo, tanto para os novos usuários quanto para os moradores antigos.

Além disso, a nova ocupação dos espaços deve ser planejada para atender às necessidades da população que vem trabalhar e estudar na região. É primordial que as obras sejam concluídas em tempo hábil, evitando que as pessoas enfrentem a precariedade enquanto aguardam melhorias. Garantir um espaço adequado não só melhora a qualidade de vida, mas também promove o bem-estar da comunidade como um todo.

Em suma, a busca por melhores condições de vida e a reocupação de espaços abandonados exigem um olhar atento às histórias e às necessidades da comunidade. É fundamental que as pendências relacionadas ao patrimônio sejam resolvidas e que a nova ocupação respeite o passado, ao mesmo tempo, em que oferece conforto e qualidade de vida aos novos usuários e aos moradores de seu entorno. Somente assim poderemos construir um futuro que honre o passado da região, ao mesmo tempo, em que abraça as oportunidades de renovação e desenvolvimento.

Portanto, mesmo que seja preciso concluir essa dissertação, tem-se impressão de que esta não é uma pesquisa acabada. Assim, está em aberto o debate sobre de que forma se pode adquirir e gerenciar recursos para a realização das adaptações necessárias, e a implementação da ideia do *marketing* de lugares, por ser uma estratégia que permitirá a redescoberta e a valorização do patrimônio diante do novo uso para o ensino pela UFPel. Visto que grande parte dos novos usuários desconhece o uso anterior que esses lugares possuíam, intenciona-se, assim, a divulgação de informações e o despertar do interesse dos novos usuários, acerca de um passado que se reatualiza no presente, reconectando as memórias e as permanências, adaptadas ao arrojado mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AL-ALAM, Tauê Cardoso. **De operário a universitário: transformações na paisagem do bairro Porto em Pelotas.** Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Dissertação de mestrado em Geografia, 2011.

ARAGÃO, José Wellington Marinho de; NETA, Maria Adelina Hayne Mendes. **Metodologia Científica**. [Recurso eletrônico] - Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. 51 p.: il. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30900. Acesso em: 15 set. 2023.

ARANTES, Antonio Augusto. **O Patrimônio Cultural e seus Usos: a dimensão urbana**. In: Habitus, Goiânia, 4, n.1, p. 425-435, jan./jun. 2006. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/362/300. Acesso em: 15 set. 2023.

BAPTISTA, Genésio Jackson. **Cosulã 56 anos de história: 1944 – 2000** – Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária, 2002

BATISTA, Aline Herbstrith; FREITAS, Dafne Silva de; PEREIRA, Patrícia de Borda. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos**. Pelotas: Editora da UFPel, 2019. Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/files/2019/06/Manual.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

BELLOTTI, Moana. **Wayfinding e a experiência do usuário em cidades com campi universitários descentralizados: o caso de Pelotas/RS**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas. Dissertação. 2017. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5250. Acesso em: 15 set. 2023.

BOURDIEU, Pierre. 1989. **O poder simbólico**. Tradução de F. Tomaz. Lisboa: Difel. [Cap. 3, p.59-73]. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_(2).pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

BORGES, Antonio Cesar Gonçalves. **Universidade transformada: depoimento e reflexões de um ex-Reitor**. Pelotas, RS: Editora Livraria Mundial, 2016.

BRITTO, Natalia Daniela Soares Sá. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)**. Rio Grande: FURG. Dissertação de Mestrado. 2011.

BUFOLIN, Darko Rodrigues. **Uma análise da transparência nas universidades federais: para além dos aspectos legais**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas. Dissertação. 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6427/Dissertacao_Darko_Rodrigues_Bufolin.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 set. 2023.

CALDAS, Karen Velleda; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Cartas patrimoniais, legislação e a restauração do Grande Hotel de Pelotas: breves considerações**. Seminário de História da Arte-UFPel, n. 3, 2013.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia de Letras, 1990

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico**. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 53-73.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 1942. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHAVES, Rita Mirele Patron. **Requalificação de waterfronts: as transformações nos espaços da zona portuária da cidade de Pelotas, RS, Brasil.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie) São Paulo, 2022. Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/items/df8f9e64-7485-4ba0-909d-2202347eee52 Acesso em: 30 abr. 2024.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3 ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COELHO, Jossana Peil; MICHELON, Francisca Ferreira; NOGUEIRA, Cláudia da Silva. **A zona portuária de Pelotas [RS]: nova paisagem de um bairro antigo**. Revista Labor & Engenho. Campinas, SP, v.16, 1-11, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8669972. Acesso em: 15 nov. 2023.

COELHO, Maria João Pinto. **"Intervir no patrimônio: Conceitos e opções", Urbanidade e patrimônio**, IGAPHE, Lisboa, 1998, p. 43-48.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da; CARVALHO, Magnólia dos Santos Carvalho; RAMOS, Shana Monte Pereira; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**, 2009. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/49.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **Patrimônio edificado: conservação e ética.** In: Revista da faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. Educação e Patrimônio Histórico-Cultural. Porto Alegre, nº 27, jan/jun 2000, 9.177-188.

DANTAS, Fabiana Santos. **O patrimônio cultural protegido pelo Estado brasileiro** In: CAMPOS, Juliano Bitencourt; PREVE, Daniel Ribeiro; SOUZA, Ismael Francisco (orgs.) Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a

globalização, cidadania e sustentabilidade [recurso eletrônico] - Curitiba: Multideia, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto_especializado.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

DAVALLON, Jean. **Comment se fabrique le patrimoine: Qu'est-ce que transmettre?** Hors-série (Science) - N° 36 - Mars/Avril/Mai, 2002.

DEZEN-KEMPTER, Eloisa. **O espaço fabril enquanto lugar de memória.** URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635121. Acesso em: 05 dez. 2022.

DIAS, Reinaldo. **Gestão Pública: Aspectos atuais e perspectivas para atualização**. São Paulo: Atlas, 2017.

ESSINGER, Cíntia Vieira [et al.]. **Processo de Planejamento Integrado Territórios [recurso eletrônico]: Plano Diretor Político Ambiental 2024-2034** – Metodologia Participativa – Pelotas Publicações oficiais UFPel, 2022. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/8698/PROCESSO_DE_PLANEJAMENTO_INTEGRADO_TERRITORIOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 mar. 2024.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "Estado da Arte"**. Educação & Sociedade, Campinas, 23 (79): 2002, 257-272. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 jun. 2023.

FRIDMAN, Fania; ARAUJO, Ana Paula Silva de; DAIBERT, André Barcelos Damasceno. **Políticas públicas de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Três estudos de caso (1973-2016).** Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg., São Paulo, v. 21, n. 3, p. 621-638, Dec. 2019. Disponível em https://www.scielo.br/j/rbeur/a/Z6SND5RzK7Ff84MHhpKXDwH/?lang=pt&stop=next&format=html. Acesso em 25 nov. 2023.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. 1995. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração e Empresas, São Paulo, 35 (3): 20-29. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200/36944. Acesso em: 23 maio 2023.

GOULARTE, Daniela Vieira. **Memória, ressignificação e percepção relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: o lugar da UFPel no Porto de Pelotas, RS.** Pelotas: UFPel. Dissertação de Mestrado,

2021. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8840. Acesso em 07 nov. 2023.

HALLAL, Dalila Rosa; MULLER, Dalila. **TURISMO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: a experiência das visitas guiadas pelos prédios da UFPel.** Expressa Extensão, v. 22, n. 2, p. 113-128, 31 out. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/11836/7838. Acesso em 07 nov. 2023.

HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke. **Novos usos para edificações de interesse histórico e cultural: Lições da produção arquitetônica pelotense**. Florianópolis, 2007, 176 f. Dissertação de mestrado UFSC. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90804. Acesso em 11 abr. 2024.

JANKE, Neuza Regina. **Vilas operárias no Rio Grande do Sul: uma breve reflexão sobre o Bairro da Balsa em Pelotas, Bairro São Cristóvão em Passo Fundo e Galópolis em Caixias do Sul**. Dimensões, n. 24, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2536/2032. Acesso em 11 mar. 2024.

KAMINSKI, Paulo Carlos. VIZIOLI, Renato. **Uso de portais de informação pública na prospecção de oportunidades de negócio e no desenvolvimento de produtos e serviços.** São Paulo. Edgard Blücher: 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5151/BlucherOA-portaisInformacao-01. Acesso em: 16 ago. 2024.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro**. Cotia/SP; Ateliê Editorial, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Patrimônio Industrial: algumas questões em aberto.** Arq. Urb, n. 3, p. 23-30, 2010. Disponível em: https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/115. Acesso em 30 abr. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. São Paulo. Humanitas, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 1ª Edição portuguesa traduzida a partir da edição original francesa *Le Droit à la ville*, 3ª edição Éditions Economica, Paris, 2000. Traduzido por Rui Lopo. Lisboa, Letra Livre, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2013.

LOPES NETO, João Simões. **Apontamentos referentes à história de Pelotas e de outros municípios vizinhos da Zona Sul: São Lourenço e Canguçu**. Edição organizada por Mário Osório Magalhães. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado; SCHMIDT, Mônica Renata. **Os trabalhadores no frigorífico Anglo de Pelotas no acervo da delegacia regional do trabalho do Rio Grande do Sul: história, memória e fotografia.** Tempos Históricos, vol. 22, 1º semestre de 2018, p. 389-423.

LUZ, Maria Laura Gomes Silva da. **Centro de engenharias: da origem aos 10 anos.** Pelotas: Gráfica Santa Cruz, 2021. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ceng/files/2021/10/Livro-sobre-a-Historia-do-CEng.pdf. Acesso em 11 jul. 2024.

MENEGUELLO, Cristina. **Patrimônio industrial como tema de pesquisa**. In: I Seminário Internacional História do Tempo Presente. 2011. Disponível em: http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/313/234. Acesso em 07 fev. 2023.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente** / Texto e organização de Francisca Ferreira Michelon. – Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Editora e Gráfica Universitária, 2012. Disponível em https://issuu.com/bdlf/docs/sociedade-ano_nima-frigori_fico-Anglo-de-pelotas-o. Acesso em: 25 out. 2023.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Patrimônio Cultural Edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo.** Org. Francisca Ferreira Michelon. – Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Editora e Gráfica Universitária, 2013. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6501. Acesso em: 25 out. 2023.

MICHELON, Francisca Ferreira (Org**.). O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/memorialdoAnglo/files/2020/11/Patrimonio-Industrial-UFPel-7-11_compressed-1.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

MONTAGNER, Beatriz Cauduro. **Arquitetura moderna em Pelotas, 1950 – 1980**. Pelotas: UFPel. Dissertação de Mestrado, 2015. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5205. Acesso em 11 abr. 2024.

MOTA, Luciana Guerra Santos. **As manufaturas de fumo do Recôncavo Baiano**. Revista Labor & Engenho. V.5, n.4, 2011. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8634446/pdf_170. Acesso em: 15 set. 2023.

MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila Rosa; RAMOS, Maria da Graça Gomes. **A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na preservação do patrimônio cultural edificado de Pelotas/RS, Brasil.** XVI Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 2016. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171017/OK%20-%20101_00515.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 29 nov. 2023.

MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila Rosa; RAMOS, Maria da Graça Gomes; LOPES Alice Islabão. **Universidade Federal de Pelotas: O campus porto como um espaço público de lazer**, XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária - CIGU, Mar del Plata – Argentina, 2015.

NERY, Olivia Silva. **Biscoitos históricos: a musicalização da Fábrica Leal Santos – Rio Grande/RS.** Revista FACES DA HISTÒRIA, Assis – SP, v.4, nº1, p. 73-89, jan.-jun., 2017.

NOVO, Luciana Florentino; FRANCO, Maria Estela Dal Pai. **Cultura Institucional na Universidade: Do movimento conceitual aos enfrentamentos estratégicos**. XVI Colóquio Internacional de Gestão Universitária. Florianópolis, Brasil. 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131938/2014-283.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 set. 2023.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SILVEIRA, Aline Montagna da. **Entre tramas: as ações do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira e a preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização no sul do Rio Grande do Sul.** In: MICHELON, Francisca Ferreira. (Org.). O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas. 1ed.Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2019, p. 45-58.

OLIVEIRA, Céline Ferreira de. **Arquitetura de integração reversível e transitório**. Dissertação. Universidade de Lisboa. 2014. Disponível em https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7187/1/DOCUMENTO%20FINAL.pdf. Acesso em 19 de set. 2023.

PATRON, Rita; CHAVES, Larissa Patron. **A memória e a revitalização urbana da zona portuária da cidade de Pelotas, RS: Uma análise do novo ciclo iniciado com a universidade Federal**. V Enanparq, Salvador, 2018. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/328538676_A_MEMORIA_E_A_REVITALIZACAO_URBANA_DA_ZONA_PORTUARIA_DA_CIDADE_DE_PELOTAS_RS_UMA_ANALISE_DO_NOVO_CICLO_INICIADO_COM_A_UNIVERSIDADE_FEDERAL_1_EIXO_TEMATICO_HISTORIA_E_TEORIA_DA_ARQUITETURA_DA_CIDADE_E_. Acesso em: 15 set. 2023.

PELOTAS. **Lei nº 4.568/2000**. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2000.

PELOTAS. **Lei nº 5.502/2008**. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, RS, Legislação municipal 2008.

PELOTAS. **DECRETO Nº 5.865**, de 30 de setembro de 2015. Exclui imóveis do Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas: [s.n.], 2015.

PINTO, Ana Paula Gomes Martins; MENESES, Cecilia M. R. **O marketing de lugares e suas implicações na revitalização de áreas urbanas: estudos de casos nas cidades de Belém, Brasil e Arequipa, Peru.** In: SEGeT – SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 2010, [Anais...]. Rezende: Associação Educacional Dom Bosco, 2010.

POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Ideação, Foz do Iguaçu, 10 (1): 9-40. 2008. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/341358871_Epistemologia_da_Interdisciplinaridade. Acesso em: 15 set. 2023.

POULOT, Dominique. **A razão patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI.** Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 34, 2012. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf Acesso em: 15 set. 2023.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

PRATS, Llorenç. **Concepto y gestión del patrimonio local**. Cuadernos de Antropología Social, v. 21, p. 17-35, 2005.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. et al**. Observando a qualidade do lugar: procedimentos para avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro. Coleção PROARQ: FAU-UFRJ, 2009.

RODRIGUES, Kátia Helena. **O patrimônio cultural edificado da Universidade Federal de Pelotas**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.8, nº15, Jul./Dez. 2016

SALABERRY, Jeferson Dutra. **A agroindústria no Bairro Porto: Pelotas – RS (1911-1922).** 231p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFPel, Pelotas, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/5199. Acesso em: 15 set. 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHINDEL, Estela**. Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano.** Politica y cultural, n.31, 2009.

SILVA, Adriel; LIHTNOV, Dione; VIEIRA, Sidney (2018). **Territorialidades, identidades e permanências: o bairro São Gonçalo na cidade de Pelotas, RS**. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 15 (dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 387-402, 2018. Disponível em: https://www.cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2018.15.016. Acesso em: 09 fev. 2024.

SILVA, Ana Rita Garcia da. **(In)Temporalidade do Patrimônio Industrial. Do passado ao futuro da fábrica Tinturaria Portugália**. 226p. Mestrado em Arquitetura FA ULisboa. Lisboa, 2019.

SILVEIRA, Antonio Carlos Porto **Referência, mídia e projeto: Compreendendo a estética da Arquitetura protomodernista em Pelotas-RS.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFPel, Pelotas, 2012. Disponível em https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5161 Acesso em 15 de abr. 2024.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX**. Anos 90, Porto Alegre, v. 8, n. 14, p. 184-201, 2000.

ŠOLA, Tomislav. 'Redefining collecting', IN: S. Knell (ed.) **Museums and the Future of Collecting**, Aldershot: Ashgate. 2nd ed.: 250–260. 2004.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. **A UFPel, a cidade de Pelotas e seu patrimônio industrial: uma reflexão e sistematização a partir do projeto "Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel**. MICHELON, Francisca Ferreira (Org**.).** O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. p. 85-160.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María; ROSA, Amilcar Alexandre Oliveira; SILVA, André Alves da; AMARAL, Rafaela May. **Transmissão e reconhecimento do patrimônio industrial adquirido pela UFPel: caminhos para sua musealização**. Revista memória em rede, v.14, n.27, Jul/Dez 2022. p. 115-147. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/23438. Acesso em: 23 maio 2023.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María; MARCHI, Darlan de Mamann. **Desafios e resistências nas transformações urbanas: a preservação do patrimônio industrial na área do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**. Revista Crítica Histórica, v.14, n.27, Jul. 2023. p. 31-58. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/15542/10759. Acesso em: 23 dez 2023.

SOUZA, Dny Sandra da Silva **Transparência pública: análise dos instrumentos de transparência e controle social do município de Cacoal – RO**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – Universidade Federal de Rondônia, Cacoal, 2018. https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2278. Acesso em: 23 dez 2023.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** – 2. Ed. – Barueri, SP Manole, 2009.

VASCONCELLOS, Lélia Mendes de; MELLO, Maria Cristina Fernandes de. **Re: atrás de, depois de...** In: VARGAS, Heliana Comin. CASTILHO, Ana Luísa Howard. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. – 2. Ed. – Barueri, SP Manole, 2009.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade e seu centro** / 1 ed. – Curitiba: Appris, 2020.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada. O planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2005.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **As cidades do Prata. Apontamentos para análise de Formação Territorial e Urbana do Extremo Sul do Brasil**. Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, 2013. Disponível em: https://journals.openedition.org/terrabrasilis/795?lang=pt. Acesso em: 15 set. 2023.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **O Centro Vive. O espetáculo da revalorização do centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço.**

Tese (Doutorado Instituto de Geociências e Ciências Exatas) UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA UNESP, Campus de Rio Claro, 2002.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Paisagem, patrimônio e memória urbana: a materialização da sociedade nas formas construídas.** In: MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (Org.). Memória e patrimônio: ensaios sobre a diversidade cultural. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008. p. 119-147.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Memória da Cidade e o Lugar.** II Seminário de estudos urbanos e regionais I Colóquio Internacional sobre as cidades do Prata. Pelotas/RS, Brasil. Novembro/2006.

VIEIRA, Sidney. Gonçalves; LIHTNOV, Dione. Dutra. **Pelotas e a sobrevivência do setor terciário: uma vocação histórica.** In: SPOSITO, Maria. Encarnação. Beltrão; FERNANDES, José. Alberto. Brasil e Portugal vistos desde as cidades: as cidades vistas desde o seu centro. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, p.345-369.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi – 2. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

Conferência Internacional sobre Conservação. **Carta de Cracóvia** 2000 Princípios para a Conservação e o Restauro do Patrimônio Construído, Cracóvia. Consultado em: https://citaliarestauro.com/wp-content/uploads/2018/12/cartadecracovia2000.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

ICOMOS, 1964. **Carta de Veneza** sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios, Veneza. Consultado em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

ICOMOS Austrália, 1999. **The Burra Charter**, The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance, Consultado em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

TICCIH, 2003. **Carta de Nizhny Tagil** sobre o Patrimônio Industrial, Nizhny Tagil. Consultado em: https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf Acesso em: 15 set. 2023.

TICCIH-Brasil. Cartas Patrimoniais. **Princípios de Dublin**. 2011. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/cartas/os-principios-de-dublin/. Acesso em: 15 set. 2023.

TICCIH-Brasil. **Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial**. 2018. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/sempias2023/files/2023/08/4.-Carta-de-Sevilha.pdf. Acesso em: 29 jan. 2024.

APÊNDICE A

Protocolo de Observação 1

Identificação da propriedade

Endereço	Rua Gomes Carneiro, 01 Balsa, Pelotas/RS/Brasil	
Denominação	1908 1916 Charqueada de Brutus Almeida 1916 1924 Companhia Frigorífica Rio Grande 1924 1942 Desativado 1942 1990 Vestey Brothers Frigorífico ANGLO	
Uso original	Frigorífico	
Uso atual	Universidade Federal de Pelotas Campus Anglo	

Breve Histórico

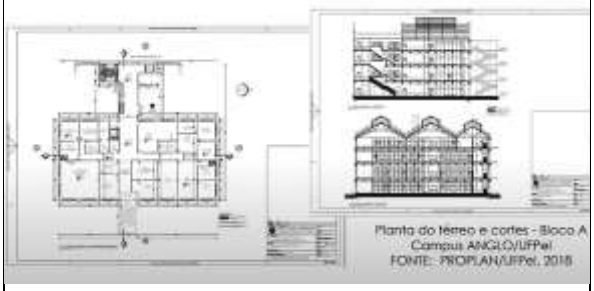
A planta industrial permitia o abate diário de mil bovinos, quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves. Em diversas ocasiões foram produzidas conservas de legumes e frutas. Ao longo do tempo, em seus seis hectares de extensão, prédios foram modernizados, adaptados e construídos para aperfeiçoar ou implantar novos processamentos e produtos. Manteve-se assim até o seu fechamento no início da década de 1990, quando o grupo empresarial inglês, para diversificar seus investimentos, vendeu todos os seus frigoríficos na América do Sul. Entre 2005 e 2006, a UFPel recebeu em doação da Fundação Simon Bolívar parte da área antes ocupada pelo complexo industrial. Intensas modificações foram feitas para adaptar a antiga fábrica ao novo uso. No entanto, os sólidos prédios mantiveram externamente a sua estética e ainda informam sobre a aparência que tiveram no passado.
Após receber a Reitoria, em 2009, a área do antigo frigorífico começou a receber os primeiros cursos nos semestres seguintes e hoje abriga 3.695 estudantes, distribuídos em 27 cursos.

Breve descrição

Data de construção: 1908, 1916, 1942.
Estado de conservação ( ) Bom (x) Regular ( ) Precário ( ) Em ruínas
Protomodernista, sistema com pilares e vigas e uma estrutura de madeira e Lanternins ou Átrio nos telhados para ventilação e iluminação.
Data da intervenção: 2007 a 2009

Intervenções: Alteração na planta, inserção de anexos, substituição de materiais, legislação, entre outros. Inserção de escadas metálicas externas.

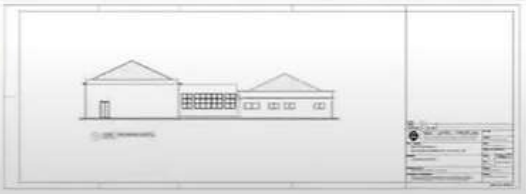
Registros fotográficos

Implantação na cidade	Localização
 Fonte: Acervo pessoal de Fabio Kellermann Schramm	 6M9G+7Q Balsa, Pelotas – RS -31.780424, -52.323742
Planta baixa	**Fachada**
	 Fachadas Bloco A Campus ANGLO/UFPel FONTE: trabalho de alunos do Projeto VI FAUrb, 2022.

Planta de implantação Campus ANGLO/UFPel
FONTE: PROPLAN/UFPel, 2018

Foto a partir do canal São Gonçalo
FONTE: GUTIERREZ, SANTOS, OLIVEIRA. Universidade na Cidade: história do patrimônio agroindustrial da UFPel/RS/BR. 5º SIPA , Lima/Peru, 2016

Panorâmicas do Campus Anglo
FONTE: trabalho de alunos do Projeto VI (6º semestre) FAUrb, 2022.



Restaurante universitário e biblioteca - Campus ANGLO/UFPel
FONTE: PROPLAN/UFPel, 2018

Foto biblioteca Campus ANGLO/UFPel
FONTE: trabalho de alunos do Projeto VI FAUrb, 2022.

Protocolo de Observação 2

Identificação da propriedade

<table>
<tr>
<td>Endereço</td>
<td>Rua Benjamin Constant, 989
Porto, Pelotas/RS/Brasil</td>
<td rowspan="3">

https://pelotascultural.blogspot.com/2009/10/maior-mostra-de-criatividade-ja-vista.html

https://pelotascultural.blogspot.com/2010/03/Cotada-uma-viagem-no-tempo.html
 </td>
</tr>
<tr>
<td>Denominação</td>
<td>
<table>
<tr><td>1959
1990</td><td>COTADA S.A.
Companhia Atlântida de Indústria e Comércio de Produtos Alimentares</td></tr>
<tr><td>1991
2008</td><td>Desativado</td></tr>
<tr><td>2014</td><td>Ceng/UFPel</td></tr>
</table>
</td>
</tr>
<tr>
<td>Uso original</td>
<td>Indústria de produtos alimentícios.
Fábrica Cotada, produção de farinha, massas e biscoitos</td>
</tr>
</table>

Uso atual	Centro de Engenharias UFPel	

Breve Histórico

A construção da Cotada foi viabilizada por investimentos provenientes de Hong Kong. Foi construído pela Companhia Atlântida de Indústria e Comércio de Produtos Alimentares no início da década de 1940. Esse primeiro grupo atuou até 1966, quando outro grupo chinês comprou a empresa, alterando seu nome para Atingo Produtos Alimentícios Ltda., e mantendo seu funcionamento até a década de 1990.
A área mais alta era destinada ao processo de moagem do trigo: o produto era escoado por canaletas para os pisos inferiores.
No 4º andar o produto passava por secagem, realizada por maquinário.
No 3º piso eram confeccionadas as massas caseiras.
No 2º piso ficava o setor de empacotamento.
No térreo se fazia o armazenamento da produção.
O espaço percebido é o que ficou na memória: a produção da farinha, a massa de canudinho vendida em embalagens de papel, as bolachas quadradas, as demais bolachas, os biscoitos de maisena, as bolachas água e sal, o cheiro das bolachas.
Espaço vivido pelos operários. Os operários residiam perto e ali por perto, as pessoas ainda se lembram que seus familiares trabalhavam na fábrica, tinham os moleiros e o dono chinês. Em 1979 a empresa contava com 320 funcionários.
Bons tempos que deixaram saudades nesses vestígios industriais. Nos reflexos, nas lembranças e nas vidas dos operários da indústria e de quem ainda vive no seu entorno.
O prédio de seis andares ocupa uma área de 5 mil metros quadrados.

Histórias que o povo conta:

- Morte da esposa do dono da Cotada na praia do Cassino em Rio Grande. Logo depois, com a falência da fábrica o proprietário cometeu suicidou pulando da ponte no canal São Gonçalo.

Mais dados do período de funcionamento na pesquisa de CUNHA, Ariane Regina Bueno da, GILL, Lorena Almeida. AS EXPERIÊNCIAS LABORAIS DE QUINZE TRABALHADORAS DA FÁBRICA COTADA S.A, A PARTIR DE PROCESSOS DA JUSTIÇA DO TRABALHO DE PELOTAS. Disponível em:
https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/10987/AS%20EXPERI%C3%8ANCIAS%20LABORAIS%20DE%20QUINZE%20TRABALHADORAS%20DA%20F%C3%81BRICA%20COTADA%20S.A%2C%20A%20PARTIR%20DE%20PROCESSOS%20DA%20JUSTI%C3%87A%20DO%20TRABALHO%20DE%20PELOTAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Vídeos de alunos mostrando um pouco do prédio da COTADA Ceng/UFPel:

https://www.google.com/search?q=compra+da+Cotada+pela+ufpel+pelotas&oq=compra+da+COTADA+pela+UFOPel&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgCECEYChigATIGCAAQRRg5MgkIARAhGAoYoAEyCQgCECEYChigATIJCAMQIRgKGKAB0gEKMTI2MjVqMGoxNagCCLACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&ip=1&vld=cid:5ec7c93f,vid:NM5yOMeGxHk,st:0

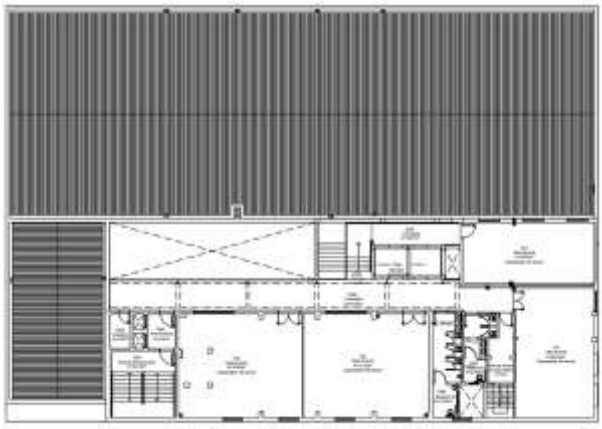
https://www.youtube.com/watch?v=h8nghlSI9BI

Breve descrição

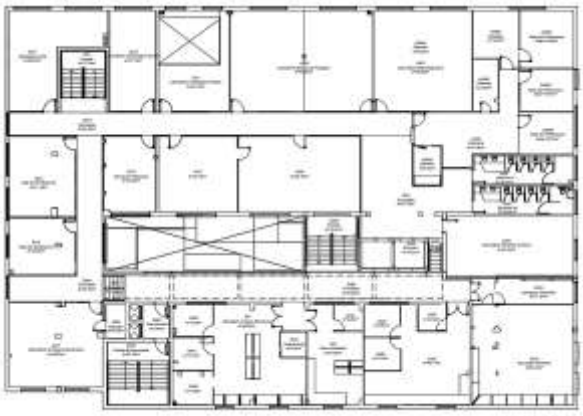
Data de construção: 1959.
Estado de conservação ( ) Bom (x) Regular ( ) Precário ( ) Em ruínas
Data da intervenção: 2009 - 2014
Em 2014, as instalações da antiga fábrica Cotada passam a integrar as áreas acadêmicas da instituição, agregando à infraestrutura da UFPel dois blocos, um de três e outro de seis andares. O imóvel oferece amplos corredores e uma configuração que permite maior iluminação e grandes espaços para laboratórios, algo necessário às atividades das engenharias. Sua adaptação representou um grande desafio, devido ao tipo de construção e às inúmeras alterações do projeto inicial demandadas pela nova atividade. De grande complexidade e tendo sido executada ao longo de quatro anos, a reforma exigiu recursos superiores a R$ 5 milhões – R$ 3,5 milhões do projeto inicial e R$1,6 milhão empregados em aditivos.

Registros fotográficos

Implantação na cidade	Localização
	 -31.781066210788005, -52.335662519117946000000
Planta baixa	Fachada



6° PAV



2° PAV

3° PAV

Protocolo de Observação 3

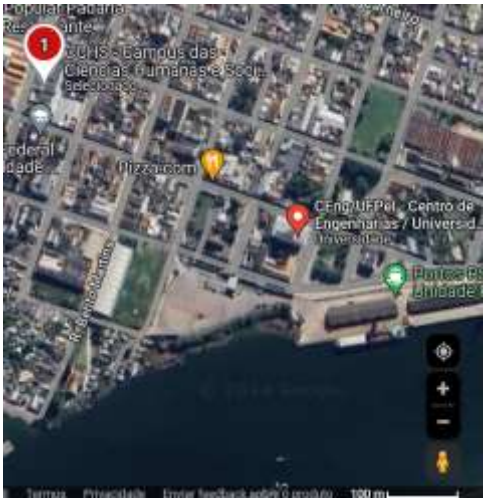
Identificação da propriedade

Endereço	Rua Alberto Rosa, 154, esquina com a rua Tamandaré, no Bairro Porto Pelotas/RS/Brasil
Denominação	Cosulã
Uso original	1950 – 1990 Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Lã
Uso atual	1996 CCHS – Campus das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Pelotas

Breve descrição

Data de construção: 1950
Estado de conservação ( ) Bom (x) Regular ( ) Precário ( ) Em ruínas
Data da intervenção: 2007 a 2009
Intervenções: Alteração na planta, inserção de anexos, substituição de materiais, legislação, entre outros.

Registros fotográficos

Implantação na cidade	Localização
 612 Fonte: Acervo Ione Dilli.	 -31.77899406118639, -52.33948982467838
Planta baixa	**Fachada**

Protocolo de Observação 4

Identificação da propriedade

Endereço	R. Cel. Alberto Rosa, 117 Centro, Pelotas - RS, CEP 96010-770	
Uso original	Santista	
Uso atual	Biblioteca de Ciências Sociais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem, Dança e Teatro/UFPel	

Breve Histórico

Antiga Santista. Após o encerramento de suas atividades, foi usada como ginásio de esportes, estacionamento, empresa de construção civil e depósito (Salaberry, 2012, p.56).

Breve descrição

Data de construção:
Estado de conservação ( ) Bom (x) Regular ( ) Precário ( ) Em ruínas

Registros fotográficos

Implantação na cidade	Localização
Planta baixa	Fachada

Protocolo de Observação 5

Identificação da propriedade

Endereço	Praça Domingos Rodrigues 02A.	
Uso original	Alfândega do porto	
Uso atual	Cursos de Engenharia Geológica, de Petróleo e Hídrica / UFPel	

Breve Histórico

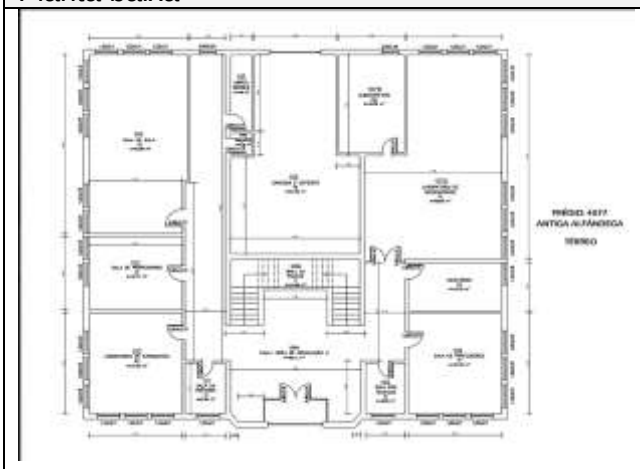
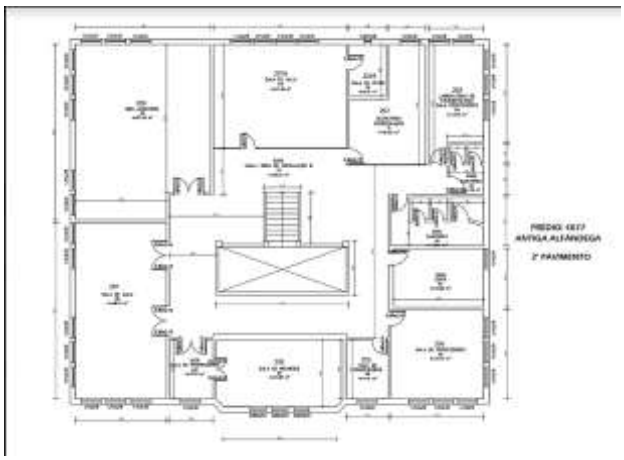
O prédio da Alfândega construído ao lado do Porto entre os anos de 1935 e 1938, no terreno doado pela Prefeitura Municipal e com base no projeto do Governo Federal. Após, também abrigou a Receita e a Justiça Federal (Silveira Junior, 2012). Em 1994, com o fim da concessão pela União, e pela diminuição nas atividades do porto, o prédio da alfândega foi desativado (Rodrigues, 2016, p. 201). Em 2008 a Secretaria de Patrimônio da União (SPU) doou o prédio para a Universidade Federal de Pelotas e, em 2009, foram instalados no local, de forma provisória, os cursos de Engenharias Geológicas, de Petróleo e Engenharia Hídrica. Atualmente no prédio da alfândega acontecem as aulas dos cursos de Eng. Geológica, Eng. de Petróleo e Tecnologia em Geoprocessamento. O prédio possui dois pavimentos, com salas para professores dos três cursos citados, laboratórios, salas de aula e um miniauditoria.

Breve descrição

Data de construção: 1935 - 1938

Estado de conservação (x) Bom ( ) Regular ( ) Precário ( ) Em ruínas
Estilo eclético, com elementos no estilo Art Déco, com área de 533 m². Externamente, o prédio é revestido por placas de mármore cinza até uma altura de cerca de 1 m. Nos quatro cantos do prédio há luminárias em ferro, que possuíam cúpula de vidro leitoso, que foram quebradas. A porta frontal da edificação é de ferro e vidro, há um frontão de madeira e diante deles, três degraus. Segue-se, o hall, com seus dois lances de escadas de mármore, convergentes. As paredes das escadarias e dos corredores do segundo piso são revestidas de azulejos antigos, marrons nos arremates e outros mesclados em tonalidades amarronzadas. O topo e as laterais das paredes das escadas são revestidos com mármore cinza. O piso da entrada de ambos os pavimentos é de lajotas vermelhas sextavadas, com decorações e frisos executados em lajotas amarelas. O piso dos corredores é de lajotas retangulares vermelhas. O piso original das salas é de tacos de madeira. Em algumas salas, os tacos foram substituídos por lajotas de cor clara, especialmente no térreo (Luz, 2021, p. 519). No segundo piso há corredores relativamente amplos no entorno do vão da escadaria, onde existe uma claraboia (Luz, 2021, p. 525).
Data da intervenção: 208/2009
Intervenções: Conserto de janelas, mezanino em cima da garagem, troca de pisos feita pela UFPel, recuperação de vitral. O prédio possui um cofre com janela: a secretaria e a cozinha foram feitas pelos professores: as salas de professores e a maioria das melhorias foram feitas pelos professores. As salas de aulas foram feitas pela UFPel.

Registros fotográficos

Implantação na cidade	Localização
Foi construído entre 1935 e 1938	Praça Domingos Rodrigues número 24.
Planta baixa	Fachada
 	

APÊNDICE B

Pesquisadora responsável: Cristiane Dittgen Miritz
Instituição: Universidade Federal de Pelotas / Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Dissertação intitulada: “O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO. NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS”.

Questionário:

Qual sua relação com a UFPel?

- Docente
- Técnico-Administrativo
- Discente
- Terceirizado
- Público exterrno

Perguntas sobre o patrimônio industrial utilizado para o ensino pela UFPel:

1) Você gosta de estudar ou trabalhar neste prédio (Anglo – Cotada – CCHS – BCS)?

Onde era localizado esse curso antes de estar aqui?

2) Como você se sente estando aqui?

3) Você acha que o prédio (Anglo – Cotada – CCHS – BCS) é um bom lugar para o ensino?

4) Qual foi sua primeira impressão ao chegar neste prédio?

5) Você sabia que este prédio já abrigou uma fábrica?

( ) Sim. Você lembra como era este prédio antes da UFPel se instalar aqui?

Que transformações foram feitas no prédio?

Você acha o local bem adaptado ao novo uso?
( ) Não

6) Você identifica no prédio algum lugar que demonstre o sua atividade passada?

7) Você acha importante preservar (a memória) deste patrimônio?

8) Você acha que a UFPel deveria fazer mais ações de divulgação e proteção deste patrimônio da cidade?

Qual problema você percebe:

1) O que funciona ou o que não funciona? O que deve ser mantido como está?

O que deve ser modificado?

2) O que falta?

3) Pontos positivos e negativos?

4) O que deve ser melhorado?

5) Você conhece algum setor na UFPel onde se possa solicitar a solução desse problema?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora responsável: Cristiane Dittgen Miritz
Instituição: Universidade Federal de Pelotas / Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Endereço: Rua Almirante Barroso, 1202 – CEP: 96010-280 - Pelotas/RS
Telefone: (53) 98413-8458

Concordo em participar do estudo “O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO. NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS”.
Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.
PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será “Analisar se novos usos estão conflitantes ou não com a preservação do patrimônio”. Estou ciente também que as entrevistas serão fotografadas e gravadas em áudio e vídeo de acordo com concordância previamente estabelecida e que os resultados individuais serão usados para fins de pesquisa.
RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que os riscos de participação no estudo são mínimos e, em caso de qualquer inconveniência, o participante poderá interromper sua participação e contar com o auxílio do pesquisador responsável.
BENEFÍCIOS: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino aprendizagem.
PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.
DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.
CONFIDENCIALIDADE: Poderei solicitar confidencialidade durante qualquer etapa do estudo.
CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação.
Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento pré informado será assinado por mim e arquivado pela responsável da pesquisa.
Nome do participante: _____
Identidade:_____
ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ /2024

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, os objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e

aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a esta pesquisa.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

_____

Cristiane Dittgen Miritz

Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

ATESTADO

Atestamos, para os devidos fins, que **CRISTIANE DITTGEN MIRITZ**, matrícula 22200432, é aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo ingressado no Programa em 2022/2, desenvolvendo o trabalho "O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E SUA PRESERVAÇÃO. NOVOS USOS PARA VELHAS FORMAS: O CASO DA UFPEL EM PELOTAS, RS", orientado pelo Prof. Dr. Sidney Gonçalves. Para esse trabalho, serão realizadas entrevistas e registros fotográficos nos prédios da UFPel no Campus Anglo, no prédio da Alfândega/UFPel, no prédio da COTADA/UFPel, no prédio CCHS/UFPel e no prédio da BCS-CEHUS/UFPel, nos anos 2023 e 2024.

Pelotas, 18 de julho de 2024.

Bruno Cassel Neto
Secretário do PPG Memória Social e Patrimônio Cultural

Documento assinado eletronicamente por **BRUNO CASSEL NETO, Assistente em Administração**, em 23/07/2024, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufpel.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2672557** e o código CRC **75A0B067**.

APÊNDICE D

Nuvem de palavras: Representações visuais de palavras que dão maior destaque às palavras que aparecem com mais frequência.

Fonte: https://wordart.com/create